



Revista do ARQUIVO

público | histórico | rio claro sp

outubro 2009 • nº4

- O Arquivo Público e Histórico e seu lugar na cultura local

- 164 anos de Câmara Municipal

- Centenário do Rio Claro F.C.

- Escritores de Rio Claro

- Imprensa rio-clarense

- Ginásio Vocacional

- 100 anos do Puríssimo

HISTÓRIAS MARCANTES

- Victorino Machado

- Raul Brunini

- Archangelo José Cesar

- Ilara Machado



O artista plástico
Ronaldo Ciribelli retratando
sua professora Ilara Machado.

Revista do Arquivo Público e Histórico de Rio Claro | outubro de 2009

Coordenação geral dessa edição:

Maria Teresa de Arruda Campos, Onivaldo Dagnolo, Kátia Cristina Fernandes Guidotti

Conselho Editorial:

Ana Maria Penha Menna Pagnocca, Everaldo Quilice Gonzales, Gilberta Cassavia, Ilidia Faneco, José Roberto Sant'Ana, Lourenço Favari, Maria Teresa de Arruda Campos, Marisa Campos, Milton José Hussni Machado Luz, Sandra Baldessin

Conselho Superior:

Presidenta - Gilberta Cassavia

Equipe do Arquivo:

Superintendente - Maria Teresa de Arruda Campos

Funcionários:

Amílcar Guevara, Ana Maria Penha Menna Pagnocca, Arthur Fernando Carvalho, Geraldo Francisco Antonello, Gilberto Rossetti, Gisele Cristiane Fernandes, Kátia Cristina Fernandes Guidotti, Luiz Gustavo Barrote, Maria Célia Viana, Onivaldo Dagnolo, Yolanda Mainardi Bell, Solange Pelegrinete

Estagiários:

Aline Nathália Picelli, Carolina Pinto da Silva, Daniel Henrique Negri Moreno, Ibrahim Cesar Nogueira de Souza, Júlio Cesar Pedroso, Leonardo Cavalcante Nunomura, Lesley de Souza Silva, Luccas Escher Guarasemini, Marcella Christiane Maganha Barraca, Márcia Wurgler de Figueiredo, Rafael Scopinho Niccoletti, Plínio Borges Figueiredo,

Voluntárias:

Ciça Alves da Cunha, Talita Gouvêa Basso

Fotos cedidas por:

Arquivo Público, Marisa Campos, Rio Claro F.C., Vivaldo Stephan Jr., Rock Feminino, Silvia Venturoli, Colégio Puríssimo, Adelaide Pretel, Teresa Arruda, Elisa Machado Terra, Victorino Machado Jr., Fausto Brunini, Família César, Roberto Cartolano

Editoração e Arte Final:

Almanaque Propaganda

Todos os textos e imagens dessa publicação, são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.



Revista do 
ARQUIVO
público | histórico | rio claro sp

Revista do Arquivo | Rio Claro | outubro 2009

Apresentação

A segunda Revista do Arquivo que lançamos nesse mês de Outubro, 30º aniversário da Lei Municipal No. 1573, de 11 de Outubro de 1979, que cria o Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, foi produzida a fim de valorizar iniciativas, feitos e apresentar problemas criados por nós.

Após reunião do Conselho Editorial em que temas e nomes foram sugeridos, passamos a fazer os contatos com esses articulistas, e enquanto alguns confirmavam sua participação, outros já avisavam de seu pouco tempo para esse número, comprometendo-se com os próximos. A partir daí, algo inusitado aconteceu, pois muitas pessoas telefonaram ou vieram pessoalmente com trabalhos interessantes, alguns prontos, outros em processo, disponibilizando-os para publicação.

Essa iniciativa de alguns rio-clarenses tem sido uma constante no Arquivo. Muitos se oferecem como voluntários na re-organização do acervo, na produção e divulgação de suas atividades e na condução de estudos sobre as mais diversas áreas. Telefonam indicando temas e nomes para o Batepapo Cultural; sugerem contatos para as entrevistas do Portal Memória Viva; disponibilizam fotos de família para ampliar o acervo; solicitam nossa ajuda para montagem de exposições. Revelam nessas atitudes, uma postura de compromisso com a cidade e uma crença no trabalho que está sendo realizado.

É muito positivo quando uma comunidade se interessa pelos temas que estão palpitando no seu dia-a-dia, pela sua cidade, pelos seus feitos e defeitos, pela sua singularidade e abertura para possibilidades criativas de trato com a coisa pública. Esse novo tempo de respeito e valorização de sua história e de sua gente, tem devolvido à cidade a vontade de participar e assim podermos partir do que temos para construir o que queremos: uma cidade cada vez mais justa, mais alegre e mais digna. Novo tempo, vida nova, viva!

Maria Teresa de Arruda Campos
Superintendente do Arquivo

Sumário

- 6** **Conversações sobre o Arquivo Público e Histórico e seu lugar na Cultura local**
Maria Teresa de Arruda Campos e Romualdo Dias
- 10** **O Poder Judiciário**
Everaldo T. Quilici Gonzalez
- 13** **Aos 164 anos de Câmara Municipal de Rio Claro!**
Mônica Messetti Hussni
- 15** **Patrimônio preservado e patrimônio destruído**
Marisa Campos
- 19** **Rio Claro Futebol Clube - 100 anos da trajetória de um campeão.**
Newton Vasconcelos Pulhez Junior e José Carlos Arnosti
- 22** **Rio Claro na memória de seus cidadãos**
Caroline Pertile
- 24** **Como tudo começou - A história dos grandes festivais de Rock em Rio Claro**
Vivian Guilherme
- 27** **A juventude negra e o Hip-Hop**
Hélio Luiz Roberto do Carmo
- 30** **Escritores de Rio Claro - Identidade e expressão**
Sandra R. S. Baldessin
- 32** **O pioneirismo da imprensa rio-clarense**
Silvia Regina Venturoli
- 36** **100 anos do Puríssimo - A pedagogia católica nos tempos modernos**
José Roberto Sant'Ana
- 39** **Ginásio Vocacional - Uma escola para a vida**
Eduardo Amos
- 42** **Como se organiza a educação na Universidade Estadual Paulista (Unesp)**
Profa. Dra. Marilena Aparecida Jorge Guedes de Camargo
- 46** **Semente - Uma escola que deixou saudade**
Ana Brandão e Fernanda Rios
- 49** **“Pra ver a Banda passar”**
Lourenço Favari
- 51** **Professor Victorino, para além do ensino da matemática**
Maria Teresa de Arruda Campos
- 53** **Raul, o embaixador de Rio Claro no Rio**
Sérgio Carnevale
- 55** **“Algumas observações sobre o Teatro Amador no final do século XX na cidade de Rio Claro”**
Odécio Malaman Penteado
- 57** **Ilara Luz Machado**
José Roberto Pessenda Machado

Conversações sobre o Arquivo Público e Histórico e seu lugar na Cultura local



Márcio Mariguela
e Romualdo Dias
no 8º Batepapo Cultural

Maria Teresa de Arruda Campos | teresa-arruda@hotmail.com

Psicóloga, pedagoga, mestre e doutoranda pela Faculdade de Educação da Unicamp, Superintendente do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, SP, desde Janeiro de 2009.

Romualdo Dias | diasro@terra.com.br

Professor da UNESP – Campus de Rio Claro, doutor em Filosofia.

Poder olhar para a realidade com novos desafios é uma necessidade a ser aprendida nos dias de hoje. Depois de olhar, saber que temas importantes estão sendo estudados e podem nos ajudar a construir uma história diferente em que posicionar-se como agente de seu tempo seja a tônica do seu fazer.

Como nos apresenta Calvino ⁽¹⁾

“... quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinação de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.”

A todo momento a mídia nos empurra a acreditar em mais uma coisa, aquela que foi eleita como a salvadora

para os problemas que enfrentamos. Para tudo há solução para fora de cada um. Aprender a olhar para si, a cuidar de si, aprender a olhar para o outro, a cuidar do outro, é aprender a viver numa sociedade que a todo instante nos empurra a não acreditar nessa possibilidade.

Dessa esperança e crença na possibilidade de um outro jeito de viver, de apostar que podemos inventar outras formas de levar a vida, nasceu o Batepapo Cultural, um evento mensal proposto do encontro entre o Poder Público e a Universidade, em que a realidade da experiência com o novo, um novo que pode nos fazer pensar, encontrar parceiros, achar saídas novas, diferentes, se apresentam.

Sobre a ausência desses espaços de exercício de civilidade, Campos e Silva colocam:

Os espaços destinados a este aprender

a viver em sociedade, por muito tempo, se omitiram desta função de despertar o cuidado com o coletivo, com o lugar comum, com o bem público como aquilo que a todos pode pertencer. O culto ao individualismo ensinou que o cuidar-se de si significa descuidar-se do outro, como se isso fosse possível. Esse sujeito acaba se distanciando do outro e não conseguindo nem mesmo olhar para si mesmo, pois é o outro que nos espelha quem somos. Esse processo não acontece no vazio e sim nas relações, num determinado lugar ou em muitos lugares, nas instituições onde passamos muito tempo de nossas vidas. ⁽²⁾

Pensar a vida em sociedade não é buscar soluções para fora de si como temos visto acontecer: os astros, os cristais, os deuses, as cartas, os super heróis, são alguns deles. Desde pequenos vamos aprendendo a esperar que algo para além

de cada um de nós traga a salvação que precisamos seja para nossa alma, seja para a humanidade. Essa espera nos traz tristeza e inconformismo porque o que precisamos sabemos que não está para além de nós, muito pelo contrário, o que precisamos está em cada um e no coletivo que nos une, nos aproxima e nos faz sermos seres humanos no traço de diferença que essa possibilidade de trabalho grupal em prol de um coletivo nos distancia dos demais animais.

Olhar a realidade que nos cerca tem trazido medo e esse medo cada vez mais nos afasta da realidade. Saber que podemos valer uma bolsa, um relógio,

um carro, um aparelho eletrônico e que nossos filhos podem valer uma bicicleta, um tênis, um iPod ou MP3,4...10. Quanto valem? Valem o inversamente proporcional ao que fazemos na sociedade para que ela seja mais justa e mais digna. Quanto mais temos, menos valem. Constatamos todos os dias que as construções de presídios, de alarmes monitorados, de seguros, de policiamento mais ostensivo, de ronda no quarteirão, de condomínios fechados, não nos protegem como gostaríamos. Estamos frágeis diante de uma sociedade injusta e provocadora que nós mesmos criamos. As grades, os muros e os sistemas que nos

isolam não são suficientes: temos medo do que fizemos de nós mesmos. Enquanto não reconhecermos os sistemas que criamos, as injustiças que provocamos e nos colocarmos em outras e novas formas de vida em sociedade, o medo é que nos embalará.

Poder ouvir, perguntar, pensar, refletir, encontrar parcerias tem sido um mote do Batepapo Cultural. Temas diversos apresentados como acontecimentos que marcam uma forma peculiar de propor mudanças: como Freud, em o Mal estar na Civilização, leitura tão atual embora escrita em 1930, também concordamos que não há distinção entre cultura

Batepapo Cultural

1º. Batepapo Cultural:

Samba, Carnaval e Subjetividade: com que roupa eu vou?

Convidados: Prof. Tânia Barcelos (Professora do Curso de Psicologia e Diretora de Cultura da UFG/Campus Catalão) e o Prof. Maurício Lourenção Garcia (Professor Adjunto da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP - Campus Baixada Santista).

Data: 26/02/09

2º. Batepapo Cultural:

Como as organizações populares resistem nos dias de hoje?

Convidado: Prof. Dr. Giuseppe Cocco, doutor em História Social pela Université Paris I, e professor titular da Escola de Serviço Social da UFRJ. Publicou o livro "Trabalho e cidadania - produção e direitos na era da globalização". É editor das revistas "Lugar Comum" e "Global/Brasil". Participa da Rede Universidade Nômade.

Data: 20/03/09

3º. Batepapo Cultural:

JuventudeS e SexualidadeS.

Convidado: Prof. Ricardo de Castro e Silva, coordenador do curso de Especialização em Sexualidade Humana da UNICAMP onde também cursa o doutorado em Educação. É consultor de prefeituras e ministérios para projetos nas áreas de saúde, sexualidade, educação, participação social, juventudes e infâncias. Data: 29/04/09

4º. Batepapo Cultural:

"Mutações e Tendências da Cultura Contemporânea Brasileira"

Convidados: Fred O4, vocalista da banda recifense Mundo Livre S/A, jornalista e fundador junto com Chico Science do Movimento Manguebit, Prof. Dr. Paulo Rober-

to Teixeira de Godoy (Prof. Do Departamento de Geografia) e o mestrando Adriano Maia que estuda Geografia Cultural. Data: 15/05/09

5º. Batepapo Cultural:

"É possível falar em Direitos Humanos nos dias de hoje?"

Convidado: Leonardo Boff, filósofo, teólogo, professor e um pensador importante na luta pela garantia dos Direitos Humanos. Autor de várias obras e de artigos disponibilizados no site <http://leonardoboff.com>.

Data: 21/05/09

6º. Batepapo Cultural:

"O que vemos e o que sabemos sobre a nossa Floresta?"

Convidado: Augusto Jerônimo Martini, geógrafo pelo Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Unesp de Rio Claro, mestre e doutorando em História Social pela USP. Professor da Rede Estadual de Ensino. Trabalha na Secretaria da Fazenda de São Paulo, desenvolvendo atividades na FAZESP - Escola Fazendária. Data: 26/06/09

7º. Batepapo Cultural:

Ulysses Guimarães: pessoal-intransferível

Convidada: Ângela Liberatti Ângela Inês Liberatti é coordenadora do Curso de História do Centro Universitário Toledo de Araçatuba onde também é professora nos cursos de bacharelado de Direito, Jornalismo e na pós-graduação de Direito. É formada em História pela PUC-SP, pós-graduada em Museologia pelo MASP/Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Concluiu o Mestrado na PUC-SP onde faz o doutorado na área de Antropologia e Arte. Autora do livro Ulysses Guimarães: pessoal-intransferível, publicado pela Boreal Editora.

Data: 30/07/09

8º. Batepapo Cultural:

Ética e Subjetividade

Convidado: Márcio Mariguela, filósofo e psicanalista. Concluiu o mestrado e o doutorado na Unicamp. É professor do curso de especialização em Sexualidade Humana (UNICAMP) e professor de História da Filosofia Contemporânea na UNIMEP. É autor dos livros 'Psicanálise e Surrealismo' e 'Cotidiano Escolar', ambos pela Ed. Jacintha. Publicou ainda vários artigos em Revistas e Periódicos da área.

Data: 28/08/09

9º. Batepapo Cultural:

Diferença é Deficiência? a sociedade disciplinar e a (ex)(in)clusão das singularidades?

Convidada: Francisca Paula Toledo Monteiro é Pedagoga, Mestre em Educação pela FE/UNICAMP e Psicanalista participante da Escola de Psicanálise de Campinas. Ministra aulas nos cursos de pós graduação da PUC Minas/Poços de Caldas, UNIFEOB, UNIPAC e no curso de especialização em Sexualidade Humana (UNICAMP). É professora nos Programas Educativos da Unicamp (Educação Não-Formal). Psicanalista clínica, trabalha com crianças, jovens e adultos que apresentam dificuldades de aprendizagem na escola.

Data: 25/09/2009

10º. Batepapo Cultural:

Os lugares da amizade (philia) nas contradições e afirmações da vida.

Convidado: Nelson Vicente Junior; Graduado em Filosofia pela PUC - Campinas, Mestre em Educação, Compositor e Músico. É professor de Filosofia e Ética na Universidade Metodista de Piracicaba e Professor substituto na UNESP - Rio Claro.

Data: 23/10/2009



1º Batepapo Cultural reuniu diversos segmentos da sociedade

e civilização. A cultura é a soma integral das realizações, das leis, das normas que nos regulam. Essa soma promoverá o que chamamos civilização e que nos distingue dos outros animais. Somente por essa via podemos construir uma estética que, presente em nossas vidas, poderá nos ajudar a viver de forma a fazer da vida uma obra de arte, como afirma Foucault.

A possibilidade de se ver como membro de uma cultura foi furtada da população. Somente aqueles que conseguem apoio financeiro têm sido considerados produtores de cultura. A mídia sustentada pelo grande capital tem sido a vilã dessa invenção que exclui e define quem é quem nessa trilha. Poder contribuir para que a população desacredite dessas (in)verdades impostas e dar visibilidade à cultura que criou é mais uma das propostas do Arquivo Público e Histórico de Rio Claro. Tais ações, organizadas no Portal Memória Viva: arte, cultura e história, não partem do princípio de que é preciso resgatar a história de um povo, mas sim partem da possibilidade de fazer valer a máxima de que resgatar seria para algo que já aconteceu e deve voltar. Podemos afirmar que nunca houve esse reconhecimento da cultura e da arte popular em nossa sociedade, portanto o Portal se apresenta como, embora não suficiente, esse lugar, esse canal de registro do quanto se produz sem que o mercado reconheça pois não é comercializável e com isso torna-o invisível.

Compositores, atores, dançarinos, pintores, escultores, contadores de histórias. Artistas populares que não desistiram pois resistiram. Essa resistência lhes deram a possibilidade de ter dignidade

para viver, para lutar diante de condições tão difíceis que lhes são impostas.

Pudemos ouvir e ver um rei tocar piano numa noite, pouco antes de assistir uma apresentação de Congada, pudemos dançar quando acreditávamos que só assistiríamos, pudemos rir quando a primeira intenção era apreciar. Pudemos aprender que a vida está para além do que aprendemos na escola sobre ela. Emoções, reações, provocações, observações, relatos, encontros, pessoas que se movimentam, que opinam, que vivem porque resistem.

O Portal traz essa possibilidade de vivenciar uma outra história que os livros não registraram, que apresenta um outro, antes estranho, agora reconhecido, antes apagado, agora reluzente. Essa produção de saber é uma espécie de apresentação de um desnudar de manifestações que sempre estiveram aí, mas que existiram como se não existissem: será que há exemplo maior de resistência de um povo?

Desse modo, o Portal é mais do que um instrumento para reunir as manifestações culturais, ou 'guardar' as tantas manifestações marginais desqualificadas e praticadas pelas classes menos favorecidas, é mais ainda do que dar vez e voz a um coletivo. Ele se apresenta como uma política pública de reconhecimento de que a cultura é, faz e cria resistências que fortalecem todo um coletivo. Portanto, é um instrumento para os gestores locais poderem olhar para sua comunidade e reconhecerem nela os seus direitos de criar, de pensar, de construir conhecimentos não enlatados.

O Portal é um projeto do Arquivo Público e Histórico de Rio Claro em par-

ceria com o Ponto de Cultura Rio Claro Cidade Viva e a Unesp. Trata-se de um canal de registro e divulgação das manifestações culturais, artísticas e sociais que afetam por sua singularidade, a cidade de Rio Claro. Faz parte do Portal o registro de outras influências que a cidade tem recebido de pessoas que aqui passam e contribuem com o seu dia a dia. A escolha de um canal digital se deu por ser um meio rápido e acessível de apresentar e reconhecer essas participações, suas histórias, 'causos', sua arte e as contribuições que podem fazer a diferença nos modos de vida atuais.

No Portal há uma troca de saberes com a comunidade, disponibilizando o conhecimento produzido nas formas oral, escrita, digital, imagética e iconográfica registrando várias categorias, de modo a proporcionar um ambiente abrangente em conteúdo, demonstrando a riqueza artístico-cultural da cidade.

Do ponto de vista da tecnologia a construção desse canal previu versões a serem atualizadas com frequência, captando também manifestações dos usuários, por meio de uma interface funcional e amigável, segundo padrões internacionais. Todo o trabalho priorizou a criação de uma metodologia facilmente reaplicada em outras comunidades e a custos baixos por utilizar-se de software livre.

Portanto, essa ferramenta coloca no mundo a cultura popular, a mão do pintor, os dedos do músico, os pés que dançam. O Portal para além da sociedade do espetáculo produz um reconhecimento dos múltiplos sentidos sobre a vida na sua complexidade maior que é a capacidade de criação e a possibilidade de expressar-se em sua arte.

O Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro estabelece um novo patamar de lida com a memória que se constitui neste território de relações dos sujeitos com a alteridade a partir da percepção sobre a demanda de um intenso trabalho de descolonização. Este espaço situado entre sujeitos emerge como um lugar de abertura para inúmeras possibilidades de agenciamentos de sentidos sobre o viver urbano na medida em que se descoloniza com o ato de fazer circular conhecimentos e promover em grupo os gestos do reconhecimento. A fronteira demarcada pelo encontro entre sujeitos apresenta-se como objeto de colonização na medida em que um funcionamento de poder opera para sustentar relações de

dominação. A circulação dos saberes em explícita diversidade, como ocorre por meio do portal, e o reconhecimento de sentidos sobre o viver coletivo, possibilitado pelo Batepapo Cultural, fazem do Arquivo Público um campo de estabelecimento mais dinâmico nas relações entre cultura e memória.

O quadro sobre os temas apresentados no Batepapo Cultural atesta o quanto a diversidade dos sentidos operam a favor da promoção de uma boa combinação entre os conhecimentos e os reconhecimentos.

O Portal Memória Viva: arte, cultura e história e o Batepapo Cultural se constituem como espaços outros de aprendizagem de novos modos de acreditar no mundo e nele estar explorando ao máximo a dimensão do intensivo aberta pelos múltiplos encontros.

“Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volumes reduzidos. (...) E ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo.”⁽³⁾

Precisamos do mundo, mas não é bom estar só nele. Precisamos do outro



Durval Augusto - Durvalzinho do Pandeiro, primeiro entrevistado do Portal



Augusto Martini, Romualdo Dias e Maryzilda Couto Campos no 6º Batepapo Cultural

para juntos inventarmos novos modos de acreditar e múltiplas possibilidades de acertos e concertos enquanto por ele atravessamos. O acreditar no mundo nos desafia ao permanente de conferir os recursos de explicação. Mas cada explicação que criamos nasce profundamente implicada com os modos de fazermos as escolhas pela vida e com os jeitos de estarmos na existência. Em outros termos, toda epistemologia está articulada com uma ontologia. Neste território estabelecido entre cada sujeito e a alteridade apresenta-se o desafio de uma incansável aprendizagem. Ítalo Calvino nos faz pensar na importância desta aprendizagem quando nos apresenta as últimas palavras de Marco Pólo em seus relatos sobre a viagem pelas cidades invisíveis.

“O Grande Khan já estava folheando em seu atlas os mapas das ameaçadoras cidades que surgem nos pesadelos e nas maldições: Enoch, Babilônia, Yahoo, Butua, Brave New World.

Disse:

- É tudo inútil, se o último porto só pode ser a cidade infernal, que está lá no fundo e que nos suga num vórtice cada vez mais estreito.

E Pólo:

- O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno,

e preservá-lo, e abrir espaço.”⁽⁴⁾

A segunda maneira de não sofrer exige a aprendizagem sem trégua, que pode ocorrer nestes espaços organizados pelo Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, tal como vem ocorrendo com o Batepapo Cultural e com o Portal Memória Viva.

Enfim, um outro regime de visibilidade se configura articulado com outro regime de sensibilidade. O Arquivo quer promover este exercício de conferir coletivamente as nossas memórias sobre o viver no meio urbano. Assim, usufruímos de um espaço que permite circular afetos e perceptos tecidos no tempo atual de cada sujeito que se dispõe ao encontro com o outro. Os modos de olhar, parte do regime de visibilidade, consolidam sentidos potencialmente disparadores de múltiplas possibilidades para viver no meio urbano também neste exercício de conferir permanentemente os nossos modos de sentir. O regime de visibilidade e o regime de sensibilidade experimentam maior vigor com os recursos oferecidos tanto pelo Batepapo Cultural quanto pelo Portal Memória Viva.

⁽¹⁾ CALVINO, Í. *Seis Propostas para o Próximo Milênio: Lições Americanas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Pág. 138.

⁽²⁾ CAMPOS, M.T.A e SILVA, R.C. *se eu morrer, nasce outro igual a mim*. In ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.8, n.esp., p.120-133, dez.2006. Disponível em <http://143.106.58.55/revista/viewissue.php?id=21>. p.124.

⁽³⁾ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1982. Pág.: 218.

⁽⁴⁾ CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Págs.: 149-150.

O Poder Judiciário



O andar superior do prédio da Rua 3, com a Avenida 2, sediou o fórum de Rio Claro no século passado

Everaldo T. Quilici Gonzalez | equilici@unimep.br

Doutor em Direito pela USP, Professor do Curso de Direito da Unimep e do Unasp.

Com o presente artigo limitamo-nos a analisar a importância do Poder Judiciário rio-clarense para a consolidação do Estado Democrático de Direito, sobretudo nos últimos quarenta anos. Na análise do papel do Poder Judiciário de Rio Claro, incluímos também a participação da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e do Ministério Público. Muito embora essas instituições não pertençam efetivamente ao Poder Judiciário, este não realiza suas funções sem aquelas instituições. Destacamos também, que a história do Judiciário rio-clarense ainda está por ser escrita. Nesse artigo procuramos apontar para os aspectos que, acreditamos, mereceriam uma pesquisa histórica mais pormenorizada para o efetivo registro do papel desempenhado pelo Judiciário de Rio Claro, como a atuação dos operadores do Direito de nossa

cidade nos anos da ditadura militar, o desenvolvimento e ampliação do Judiciário, com a instalação de novas Varas Cíveis e Criminais, a criação dos Juizados Cíveis e criminais que permitiram maior acesso à justiça ao cidadão.

BREVE HISTÓRIA DO JUDICIÁRIO NO BRASIL

No Brasil o Judiciário passa por três períodos nos quais se estruturou todo o sistema judicial brasileiro: o período colonial, imperial e republicano. Ao Poder Judiciário no Brasil atribui-se uma relevante e incomparável missão, a de solucionar os conflitos de interesse com a aplicação de soluções justas, eficazes e capazes de garantir o acesso à justiça, direito constitucional de todo cidadão.

Período Colonial: No período colonial, como leciona Nequete Lenine: Foi

sob o império, pois, das Ordenações Manuelinas, que – dividido o Brasil em capitânicas hereditárias, outorgadas, entre 1534 e 1536, a Martim Afonso de Souza, Pero Lopes de Souza, Duarte Coelho, Vasco Fernandes Coutinho, Pero do Campo Tourinho, Jorge de Figueiredo Correia, Fernando Álvares de Andrade, João de Barros, Aires da Cunha, Antônio Cardoso de Barros, pero de Góis e Francisco Pereira Coutinho - , fixou-se nas cartas de doação e nos subsequentes forais a primeira organização política e judiciária da Colônia. Com as cartas de doação fazia El-Rei mercê aos Capitães e Governadores de soberania sobre os territórios doados, enquanto que nos forais se estabeleciam os direitos, foros, tributos e coisas que no respectivo trato de terra se haviam de pagar ao Rei e ao Capitão donatário, passando a constituir estes dois diplomas o estatuto funda-

mental das respectivas capitânias.

Nesse período colonial formou-se a tradição de se denominar Varas Cíveis e Criminais as instituições judiciárias municipais, pois o magistrado usava vestimentas características e fazia-se acompanhar por um longo bastão ou vara, a qual representava o símbolo do poder que exercia. Às varas brancas correspondiam às serventias cíveis e as varas vermelhas às serventias criminais. Acontecimento importante para o Judiciário Brasileiro foi a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, ocorrida em 1808, que elevou o Brasil à categoria de Reino Unido ao de Portugal e Algarves. Nesse período foram criados o Supremo Conselho Militar e de Justiça, Tribunal da Mesa do Desembargo do Paço e da Consciência e Ordens, Intendência Geral de Política e Juizados privativos. O Tribunal de Relação do Rio de Janeiro passou a se chamar Supremo Tribunal de Justiça, tendo sido equiparado à Casa de Suplicação de Lisboa.

Período Imperial: Com a proclamação da Independência e juridicamente, com a Constituição de 25 de Março de 1824, teve início o período imperial, dispondo que o Poder Judiciário seria independente, composto de juízes e jurados, tanto civis como criminal, conforme os códigos determinassem.

Nesta época existiam os jurados que deveriam se pronunciar sobre os fatos, porém os juízes aplicavam as leis. Havia na capital do império, assim como nas províncias, um Tribunal denominado Supremo Tribunal de Justiça. O artigo 153 da então Constituição Federal estabelecia que os juízes de direito seriam “perpétuos” ressalvando, porém, que isso não queria dizer que não pudessem ser mudados de uns para outros lugares pelo tempo e maneira que a lei determinasse, sempre sujeitos ao Poder Moderador, exercido pelo Imperador. Neste contexto o Imperador era ao mesmo tempo Chefe do Supremo e Primeiro Representante da Nação.

Período Republicano: Com a proclamação da República em 15 de Novembro de 1889, instituiu-se no Brasil o sistema federativo. Em 1891, foi promulgada a Constituição Republicana e o Judiciário tornou-se um Poder independente, nos termos do que ensinava a clássica teoria da tripartição dos poderes de Montesquieu. A organização do Judiciário tinha no Supremo Tribunal Federal o órgão máximo, com sede na Capital da República. A primeira Constituição Republicana con-



Atual prédio que abriga o Fórum da Comarca de Rio Claro

cedeu autonomia aos Estados-membros da Federação para que organizassem sua Justiça e seu respectivo processo. Cada Estado-membro possuía seu Tribunal de Apelação e juízes de comarcas, municípios e distritos, tendo alguns conservado os juízes de paz. A inovação que trouxe a Constituição de 1891 foi a criação da “dualidade da justiça”, que vem a ser a duplicidade de órgãos da administração comum, vigente até hoje no Brasil, decorrente do sistema federativo, ou seja, órgãos da Justiça Federal e órgãos da Justiça Estadual. No decorrer do ano de 1934, foi promulgada nova carta política, onde manteve-se a “dualidade da Justiça”, instituindo-se a unidade do processo, sem substituição ao pluralismo legislativo da Constituição de 1891. Após 3 anos, em 1937, foi outorgada a nova lei fundamental que reestruturou o Poder Judiciário, regulamentando no artigo 90 seus órgãos, a saber: o Supremo Tribunal Federal; os Juízes e Tribunais dos Estados, do Distrito Federal e dos Território e os Juízes e Tribunais Militares. Essa Constituição aboliu a Justiça Federal e a Justiça Eleitoral, esta última reaparecendo posteriormente, com o Decreto número 7.586, de 28 de Maio de 1945.

A Constituição de 1937 trouxe ao Judiciário a perda da independência, já que o Chefe do Executivo personificava todo o poder do Estado, acumulando as funções legislativa, com o poder de expedir decretos-leis, até mesmo sobre assuntos constitucionais, e, exercendo ainda, um controle político sobre os membros do Poder Judiciário. Após a II Guerra Mundial, nova Constituição foi promulgada no Brasil, em 1946.

A Constituição de 1946 manteve

inalterada a organização do Poder Judiciário, sendo que a única inovação foi o ressurgimento da Justiça do Trabalho de Primeira Instância. Seguiu-se à Constituição de 1946 a Carta de 1967. Contudo, em 17 de Outubro de 1969 foi instituída a Primeira Emenda Constitucional, que praticamente reformulou por inteiro a Constituição de 1967. Essa emenda, trouxe alteração ao artigo 112, determinando que o Poder Judiciário seria exercido pelos órgãos como o Supremo Tribunal Federal; Tribunais Federais de Recurso e Juízes Federais; Tribunais e Juízes Militares; Tribunais e Juízes Eleitorais; Tribunais e Juízes do Trabalho e Tribunais e Juízes Estaduais.

Com a democratização do país, em cinco de Outubro de 1988 foi promulgada a nova e atual Constituição, denominada de Constituição “Cidadão”, cujo texto é reputado moderno e importante, marcado pela democracia e por priorizar os direitos e garantias fundamentais. A Nova Constituição organizou o Poder Judiciário instituindo seus órgãos através do artigo 92, quais sejam: Supremo Tribunal Federal; Superior Tribunal de Justiça; Tribunais Regionais Federais e Juízes Federais; Tribunais e Juízes do Trabalho; Tribunais e Juízes Eleitorais; Tribunais e Juízes Militares e Tribunais e Juízes dos Estados e do Distrito Federal e Territórios. Ainda, trouxe duas inovações constitucionais, como os juizados especiais de pequenas causas e o Conselho Nacional de Justiça que não figura como órgão do Poder Judiciário, mas sim como espécie de corregedoria do Judiciário.

RIO CLARO (1970-2009)

A década de 60 havia trazido para

o Brasil o fechamento ainda mais radical da ditadura militar: eram anos de chumbo. No âmbito do Judiciário, o Ato Institucional número cinco (AI-5) havia proibido a concessão de habeas corpus e a Lei de Segurança Nacional havia cancelado as imunidades para advogados, parlamentares e magistrados. A Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e o Poder Judiciário, que de modo geral haviam apoiado o golpe de Estado de 1964, a partir de 1969, passaram à oposição, principalmente após a crise no Supremo Tribunal Federal, quando alguns ministros renunciaram por discordarem das diretrizes do regime militar. Da mesma forma, no início da década de 70, com a presidência de Raymundo Faoro, a OAB passou a realizar forte oposição ao Estado de exceção, exigindo a redemocratização da vida política do país.

As ações e consequências do regime militar no Brasil só não foram mais nefastas para o país, graças ao papel desempenhado pela OAB e pelo Judiciário brasileiro, na luta pela redemocratização do estado de direito. Em países onde o Judiciário e a Ordem dos Advogados não tiveram participações efetivas na luta contra os regimes militares, as consequências foram terríveis: Argentina, cerca de 600.000 desaparecidos ou mortos pelo regime militar; Chile, cerca de 30.000 desaparecidos ou mortos; Uruguai, cerca de 4.000 mortos ou desaparecidos. No Brasil, apesar de uma população muito maior, os mortos e desaparecidos foram cerca de 2.000, segundo dados contidos

na obra “Brasil nunca mais”. Evidentemente, esse número, ainda que elevado, só não foi maior graças à atuação de advogados que batiam às portas do Judiciário com habeas corpus para garantirem a vida e a integridade física de muitos cidadãos detidos pelos órgãos de segurança do regime de exceção. Rio Claro reproduziu parte desse importante capítulo de nossa história. Na década de 70 o município desempenhou papel de destaque na organização da oposição política ao regime militar, sobretudo por meio de lideranças ligadas ao MDB, que havia sido formado por um grupo de parlamentares como Ulisses Guimarães, Mario Covas, Montoro, entre tantos outros.

Tanto o Judiciário rio-clarense quanto a OAB permaneceram firmes na luta pela redemocratização do estado de direito. Não cabe neste breve artigo pormenorizar nomes de magistrados, promotores e advogados que atuaram na cidade de Rio Claro nesse processo de enfrentamento ao regime militar. Esse trabalho deve ser feito de forma pormenorizada para o registro de nossa história. Inúmeros foram os acontecimentos que registraram a atuação marcante desses profissionais, junto ao Judiciário rio-clarense na luta pela redemocratização do estado de direito entre nós. Assim, lembramos as prisões ilegais ocorridas nos idos de 1970, contra professores e alunos da antiga Faculdade de Filosofia e Letras de Rio Claro, fatos narrados na obra “O livro negro da USP”. Mesmo com a proibição pelo AI-5

de concessão de habeas corpus, a magistratura rio-clarense concedeu o remédio jurídico de proteção à liberdade de ir e vir, determinando a soltura dos detidos. Desnecessário dizer o que tais atos representavam naqueles anos de arbítrio, pois advogados e juízes que desafiavam o regime militar sujeitavam-se a represálias pessoais. A luta dava-se não só no cenário político propriamente dito, mas no âmbito das instituições judiciais. A Ordem dos Advogados do Brasil, por suas subseções, dentre elas a de Rio Claro, assinou vários documentos que exigiam a normalização da vida política brasileira e a redemocratização do país.

Nos anos que se seguiram à década de 70, o Judiciário rio-clarense, com a participação de advogados, promotores e magistrados, continuou desempenhando o papel que lhe cabia na luta pela redemocratização do Estado brasileiro. Ao mesmo tempo, esses atores cujas pesquisas históricas devem buscar com minúcias, fortaleceram as instituições rio-clarenses ligadas ao Poder Judiciário, como os acontecimentos das décadas de 80 e 90, com a luta pela instalação de novas Varas Judiciais, como se deu com a Instalação da 3ª Vara Cível e Criminal, com a criação dos Juizados Especiais Cíveis e Criminais que permitiram maior acesso da população à justiça. Todos esses fatos devem ser resgatados, num trabalho de pesquisa histórica que deve ser realizado para a preservação da memória rio-clarense.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, José Mauricio Pinto de. *O Poder Judiciário Brasileiro e sua organização*, 1ª ed., Curitiba, Juriá Editora, 1993.
- ALMEIDA, Jorge Luiz de Almeida. *A Reforma do Poder Judiciário*, 1ª ed., São Paulo, Millennium Editora, 2006.
- NEQUETE, Lenine, *O Poder Judiciário no Brasil – Crônica dos Tempos Coloniais*, Vol. I, 1ª ed., Brasília, Supremo Tribunal Federal, 2000.
- _____, Lenine, *O Poder Judiciário no Brasil – Crônica dos Tempos Colônias*, Vol. II, 1ª ed., Brasília, Supremo Tribunal Federal, 2000.
- _____, Lenine, *O Poder Judiciário no Brasil a partir da Independência*, Vol. I - Império, 1ª ed., Brasília, Supremo Tribunal Federal, 2000.
- _____, Lenine, *O poder Judiciário no Brasil a partir da Independência*, Vol II – República, 1ª ed., Brasília, Supremo Tribunal Federal, 2000.
- ZAFFARONI, Eugêncio Raúl, *Poder Judiciário, Crise, Acertos e Desacertos*, 1ª ed., São Paulo, Editora Revista dos Tribunais, 1995.



A Câmara e a Cadeia de Rio Claro funcionaram de 1845 até 1876 no prédio que sofreu reformas para ser a “Farmácia Alemã”, na Avenida 2, esquina da Rua 5

Aos 164 anos de Câmara Municipal de Rio Claro!



A Câmara Municipal ocupou o piso superior da Cadeia Pública até metade do século XX

Mônica Hussni Messetti | monicahussni@linkway.com.br
Presidenta da Câmara Municipal de Rio Claro, eleita em 01/01/2009.

A Câmara Municipal foi instalada em 1845, quando Rio Claro completava 18 anos de sua fundação. Conforme o modelo administrativo do País, não havia o poder Executivo nos municípios, cabendo às câmaras o governo das cidades. As funções legislativas e executivas eram exercidas de forma colegiada sob a condução da presidência. Esse modelo foi mantido até as primeiras décadas da República (1889), com a instituição do cargo de prefeito em 1911.

Sob o impulso milionário do café, o período de origem da Câmara marca grandes momentos na vida do município, uma vez que ali foi delineado seu perfil sócio-econômico e político. Pioneirismos paulistas datam daquela época, muitos deles colocando Rio Claro como protagonista.

O espírito empreendedor dos vereadores, em sua maioria fazendeiros e integrantes da elite intelectual do País, lançou as bases urbanas locais. A administração traçou a área de zoneamento e

definiu a identificação de ruas e avenidas por números, legislou e executou contratos de concessão para os serviços de saneamento através da Empresa de Água e Esgoto de Rio Claro, além de dar origem aos serviços municipais de saúde e educação bem como atuar politicamente para suprir o município com o poder Judiciário, em sua origem instalado junto à Câmara Municipal.

Os principais pioneirismos de Rio Claro são bem conhecidos. A substituição do trabalho servil pela mão de obra livre, o investimento em ferrovia, a difusão dos ideais republicanos, entre eles a separação dos poderes da Igreja do Estado, e a Abolição da Escravatura encontraram seus primeiros momentos na ação de vereadores que exerciam mandatos na cidade.

O episódio da luz elétrica, que coloca nosso município como o segundo do Brasil a investir em tal melhoramento, não é pouca coisa. Na prática significou que Rio Claro foi pioneiro nacional em hidrelétrica ao construir a Estação de

Corumbataí, assim substituindo a queima de madeira pela força das águas para gerar energia.

Cabe destacar que de nossos vereadores três foram governadores, no caso, José Elias Pacheco Jordão, Antonio Augusto da Fonseca e o célebre Cerqueira César, cuja memória é lembrada com denominação de ruas e bairros. Além de vereador e advogado no município, ele foi fundador da Filarmônica e do jornal o Estado de São Paulo, cuja propriedade passou depois a ser de Julio de Mesquita, marido de sua filha rio-clarense, Lucila.

Estes são pequenos registros do muito que vereadores de Rio Claro realizaram através da Câmara Municipal. A documentação histórica preservada traz um universo de realizações que precisam vir à público para conhecimento das gerações. É nossa disposição contribuir de maneira sistemática para este trabalho.

Com a finalidade de gerar arquivos para futuras pesquisas, hoje a Câmara Municipal investe em comunicação di-

gital e gravação em vídeo de suas sessões, assim como dá início a pesquisas das realizações históricas da administração municipal. Sem contar todo seu acervo que documenta os principais atos do governo da cidade. Sua memória, de forma exemplar, encontra-se preservada no Arquivo Histórico “Oscar de Arruda Penteado”.

O Arquivo Municipal chega a seus trinta anos correspondendo à visão cultural de vanguarda que norteou os poderes públicos de Rio Claro desde seu início. Trata-se de uma referência nacional que tanto orgulha a comunidade como o país. Pesquisadores da história brasileira têm consciência da importância de nossa cidade no que se refere à preservação e ativação da memória do município, peça importante na história do Brasil.

O convite do Arquivo Municipal, para os presentes registros em comemoração do aniversário de trinta anos da autarquia nos remete a oportuna reflexão cívica. Cabe assinalar, pois, a trajetória de mudanças vividas pelas instituições públicas e sociedade.

Nas últimas três décadas a população de Rio Claro neste período duplicou, e os desafios da administração se multiplicaram em escala ainda maior. A Câmara Municipal, essencialmente legislativa desde a República, encontra-se necessitada de ter suas instalações em prédio próprio, como assim já foi e é em muitas cidades. Seu atual espaço foi projetado para quando o País vivia o bipartidarismo do regime militar. Hoje a situação é outra. A falta de instalações adequadas limita a ação legislativa e a própria identidade da Câmara conforme o cidadão espera para a efetiva divisão dos poderes republicanos.

A abertura política veio a promover a mobilização popular como instrumento para qualificar a administração pública. Ao contrário do período imperial, o poder político deixou de ser reservado às elites para ser exercido popularmente. Aos governos cabem serviços cada vez mais complexos. Responder aos direitos da cidadania é uma exigência crescente.

*A abertura política
veio a promover
a mobilização popular
como instrumento
para qualificar
a administração pública*

O sistema eleitoral brasileiro é um dos mais liberais do mundo. O voto é estendido a todos na forma mais ampla possível. Depois de seguidos períodos autoritários, o país vive o Estado de Direito consolidado pela Constituição de 1988. O sistema político com seu ordenamento jurídico encontra-se em permanente adequação constitucional. Passo a passo, em meio a desafios arduamente superados, as instituições se aperfeiçoam. Muito há de ser conquistado ainda para qualificação de uma democracia jovem e herdeira de vícios a serem dissolvidos. Parte de tal melhoria indica para a qualidade do voto, conquista que há de se ter com o empenho exigido da classe política.

A Câmara Municipal de hoje busca corresponder às expectativas que lhes são impostas neste processo. A atual Mesa Diretora trabalha em sintonia com o desejo de renovação manifestado pela comunidade. Ato administrativo tendo em vista a integridade e transparência da

coisa pública, norteiam seus agentes.

Como instituição política, o Legislativo é o poder mais democrático. É a casa das contradições, fonte dos debates e horizonte para a multiplicidade. Seu avesso é o pensamento único, privilegiado e autoritário. Ao representarem tendências diversas, os vereadores traduzem todos os segmentos da sociedade e com eles, as classes sociais. Seus embates não sugerem estranheza para as culturas que há tempos habilitaram-se para a democracia. Aqui cumprimos o tempo de nosso país, e assim fazemos a nossa parte.

O perfil do vereador atual encontra-se no princípio constitucional que estabelece a soberania popular para o exercício da democracia. A legitimidade legislativa opera atualmente tanto com sua essencial função reflexiva como cumprir a máxima constitucional de nutrir a representatividade popular de forma direta. Em seus 146 anos, poucos de efetivo exercício democrático, a Câmara Municipal não é um poder pronto e completo. Ela é algo em permanente construção. Seu aperfeiçoamento se dá pela evolução da própria sociedade.

E aqui, cuidamos de retomar a importância do Arquivo Municipal “Oscar de Arruda Penteado”. Cada um dos momentos desta travessia à plenitude da democrática com qualidade e justiça social, encontra-se submetido à análise histórica. Através do trabalho da equipe do Arquivo, é que se verifica a possibilidade de entender o presente pelo estudo do passado. O objetivo do conhecimento é aprender com a experiência e a reflexão. Quem desconhece a história está condenado a repeti-la. Nosso objetivo é por sua transformação, por um mundo mais justo.



Atualmente a sede do Legislativo localiza-se no segundo andar do Paço Municipal

Patrimônio preservado e patrimônio destruído



Marisa Campos | j.alesia@uol.com.br

Licenciatura e Bacharelado em Línguas Neolatinas (USP – São Paulo), Especialista em Linguística e Literatura (PUC – São Paulo), Especialista em Educação (UNESP – Rio Claro), cursou Língua e Civilização (Sorbonne – Paris).

Lamentamos o patrimônio perdido e nos regozijamos do que restou em Rio Claro, como o Solar da Baronesa de Dourado, sede do nosso Museu Histórico e Pedagógico, situado à Avenida Dois - esquina da Rua Sete, casarão magnífico, verdadeiro postal da cidade que felizmente em processo de restauração manter-se-á como bela imagem do passado.

Esse Solar, assobradado, com vinte cômodos, guarda corpo com gradil possivelmente inglês, de ferro, janelas em guilhotina, sacada corrida, em taipa de 80 centímetros de espessura nas suas paredes, com belíssima porta neoclássica com as iniciais JLB (José Luiz Borges, seu proprietário), foi construído em 1863.

José Luiz Borges, Barão de Dourado, foi casado com Amália Carolina, filha do Visconde de Rio Claro José Estanisla

de Oliveira. O Barão foi proprietário das fazendas Covetinga e Cantagalo (Ipeúna) e em 13 de agosto de 1889, recebeu seu título do Imperador Pedro II. Foi um dos fundadores da Santa Casa de Misericórdia em 1885 e administrador da Matriz de São João Batista.

O Solar dos Barões de Dourado, no século passado, abrigou a família dos Oliveira Borges, ligados ao Visconde de Rio Claro e ao Conde de Pinhal. Esse casarão possui 1.120 metros quadrados de área construída e logo após a construção foi alugado ao Hotel D'Oeste. A partir de 1876 passa a ser residência da Baronesa. O Barão morre em 1893, e a Baronesa permanece até 1908. Ela falece em São Paulo em 1910 e sua neta Áurea de Mello Oliveira reside no casarão até 1916.

De 1922 à 1924, abrigou o Solar o Colégio Minervino. Em 1925 foi vendido

ao educador Joaquim Ribeiro do Santos que instalou o Instituto Joaquim Ribeiro de 1926 à 1936. Em 1967, foi desapropriado pela Prefeitura para a instalação do Museu Histórico e Pedagógico.

Todos os estilos, todas as épocas produzem obras-primas que devemos preservar, não só pelo valor histórico, mas também pelo seu valor estético. A memória preservada do passado testemunha nossas raízes, nossa História e é merecedora de toda estima e do nosso orgulho.

Presente versus Passado, embate que não deveria existir num país de tantas terras e tanto espaço. Bairros antigos, o centro antigo, poderiam estar plenamente conservados, dando vez à nostalgia, a uma época que se foi, mas que vivida intensamente legou personagens, fatos, acontecimentos que estarão eternamente presentes no nosso atavismo.

Outro casarão semi-assobradado, o de Luiza Gomes Botão, situado à Avenida 5, entre Ruas 5 e 6, hoje uma escola profissional, foi construído por rica senhora fazendeira, que fez dela sua morada. Empobrecendo, o casarão foi colocado a leilão e comprado, na ocasião, para ser uma Escola Normal, que infelizmente não se concretizou. Passou depois o imóvel ao município, com a finalidade de se instalar uma escola, que permanece no local até hoje.

Felizmente o poder público e a finalidade meritória a que se destinou o imóvel, fez com que hoje possamos desfrutar da visão magnífica que nos proporciona esse edifício. Também o Solar do Barão de Dourado pertence ao município e a finalidade a que se destinou, garantiu-nos a preservação.

O Gabinete de Leitura situado à Avenida 4, com as Ruas 5 e 6, instalado em casarão assobradado, foi visitado e elogiado pelo Imperador Pedro II em sua visita à cidade em 1886. No primeiro piso havia uma ampla sala para conferências e em agosto de 1937, bens móveis e imóveis passaram para a Prefeitura. Até hoje se mantém com a mesma finalidade de biblioteca e é mais um exemplo de preservação pelo poder público.

Nosso Gabinete de Leitura é obra do arquiteto Samuel Quílici, formado pela Universidade de Florença, Itália, que chegou ao Brasil em 1882, estabelecendo-se em Rio Claro, onde constituiu a família Quílici. Natural de Lucca, Itália, foi responsável por vários projetos como o sobrado da Avenida 1 - Rua 11, onde reside a família da ilustre pintora Ilara Machado. Faleceu o arquiteto em 1930.

O casarão do Barão de Rio Claro, hoje Escola Estadual Marcelo Schmitz situado à Avenida 1, esquina da Rua 5, onde se instalou o segundo Grupo Escolar da cidade criado em 1911, assim como o casarão onde funcionou a Escola Estadual Irineu Penteado, situado à Rua 1, esquina da Avenida 22, que foi inaugurado em Janeiro de 1925, como o terceiro Grupo Escolar da cidade, também estão preservados, pela finalidade nobre a que se destinaram: a educação mantida pelo Estado.

O Imperador Pedro II, acompanhado da Imperatriz Thereza Cristina, em visita a Rio Claro em 20 de setembro de 1878, hospedaram-se no casarão onde hoje funciona o Colégio Marcelo Schmitz, na época residência do Barão de Araraquara que depois recebeu o título de

Visconde de Rio Claro. O Imperador veio conhecer o ramal férreo da Companhia Paulista de Campinas a Rio Claro.

Os ginásios municipais Joaquim Ribeiro e o Santa Cruz, anexo ao Colégio dos Estigmatinos, são criados em setembro de 1927. Ambos os edifícios estão preservados, assim como a Escola Normal, criada em fevereiro de 1928 e mantida pelas Irmãs da Congregação do Puríssimo Coração de Maria, hoje Escola Puríssimo. A escola primária funcionou a partir de 1909. O belo edifício onde funciona a Escola Estadual Joaquim Salles é outro exemplo de edifício assobradado, como os anteriores, e preservado.

São os seguintes os edifícios tombados em Rio Claro: Solar da Baronesa de Dourado; Estação Ferroviária; Gabinete de Leitura; Escola Joaquim Salles; Escola Marcelo Schmitz; casarão de Luiza Botão; casarão de Porto Feliz; casarão Siqueira Campos; Obelisco, diante do Fórum e o traçado do centro da cidade.

O Obelisco, coluna da República, foi erigido em homenagem aos rio-clarenses pelo restabelecimento da constituição, violada em 3 de novembro de 1889.

Em 6 de novembro de 1886, o Imperador Pedro II, visitando Rio Claro pela segunda vez, hospeda-se na residência do Dr. Manoel Pessoa de Siqueira Campos, hoje Casarão da Cultura, situado à Ave-



*Casarão da Família Cartolano
Rua 3, esquina com a Avenida 3*

nida 3, esquina da Rua 7. Esse casarão, felizmente preservado, é de propriedade particular, porém sua proprietária tem a preocupação de que sua função seja sempre de interesse cultural. Elogiável essa escolha, pois nem sempre encontramos pessoas que respeitam o passado; outras destroem casarões para em seu lugar construir um edifício ou simplesmente transformam o espaço em estacionamento ou dão a ele uma função qualquer.

Nessa ocasião, o imperador visitou o Gabinete de Leitura, a Companhia de Luz Elétrica, a Santa Casa de Misericórdia, o Teatro São João e o Matadouro Municipal.

O casarão do Barão de Porto Feliz, Cândido José de Campos Ferraz, à Avenida 2, esquina da Rua 6, foi construído por Francisco de Assis Negreiros. O Barão nasceu em agosto de 1830, na Vila de São Carlos, hoje Campinas e recebeu seu título do Imperador Pedro II em novembro de 1897. Filho de José de Campos Ferraz, Barão de Cascalho, em 1864 vem para São João do Rio Claro, fixando-se com fazenda de café – Fazenda Ibitinga. Falece em outubro de 1879 e está sepultado no Cemitério S. João Batista, em Rio Claro.

Esse casarão está infelizmente com a fachada da lateral alterada por janelas modernas que ferem sua arquitetura original, e está à espera de ação consciente de restauro e preservação. Oxalá o poder público possa um dia transformá-la em espaço público, com o respeito devido à legislação de tombamento.

Nossa Estação Ferroviária, hoje desativada e que abriga a Secretaria de Turismo e diversos eventos em seu espaço, já não tem a finalidade para a qual foi criada.

Em Maio de 1873, a Companhia Paulista assinou um contrato com o governo da Província para construir uma extensão da linha Jundiá – Campinas até Rio Claro, passando por Limeira, o que se concretizou em agosto de 1876.

A Companhia Paulista pretendia estender suas linhas de Rio Claro para São Carlos e Jaú e em 1882 o governo provincial deu autorização para tal, à Companhia Rioclarense organizada por fazendeiros da região. Em 1884 as linhas chegam a São Carlos e em 1885, a Araraquara. Investidores ingleses compram a Companhia em 1889 e seu nome foi mudado para Rio Claro São Paulo Railway Company.

Em 1910, a então Companhia Pau-

lista possuía 126 estações, 137 locomotivas, 22 carros especiais, 132 carros Pullman, 41 carros de correio e 2.833 carros para carga. Ela se ramificou em curto espaço de tempo e cobriu quase todo o Estado de São Paulo.

Hoje, todo esse patrimônio se perdeu, essa imensa rede se desfez e raros são os trechos que conduzem cargas e não mais passageiros, à exceção de pequenos trechos turísticos. Não houve manutenção e a indústria automobilística substituiu essa vasta rede, pressionando a construção de rodovias, que se multiplicaram. Políticas públicas prestigiaram as rodovias em benefício da indústria e as ferrovias ficaram esquecidas até seu sucateamento. Esse enorme patrimônio, esses investimentos gigantescos desapareceram.

Outros países conservaram suas linhas férreas e são mesmo amadas e defendidas pelo povo que delas se orgulham. Faltaram aqui políticas públicas, defensores, usuários e investimentos.

O Chafariz do Mercado Municipal, que foi construído em 1895 por Luiz Corazza sob a orientação do engenheiro Frederico Adams, foi inaugurado em 1897 e ficava no pátio central. Foi demolido, porém registrado magistralmente por Nicola Petti em seu quadro "Sol no velho mercado". Perda lamentável já que fazia parte de sua arquitetura inicial. Esse mercado de secos e molhados como se dizia então, foi transformado em quartel de 1918 a 1924, posteriormente abrigou uma indústria.

No primeiro centenário de Rio



Prédio da Avenida 2, com a Rua 5, demolido em setembro de 1979

Claro em 1927, uma feira industrial foi aí realizada. Em 1929 foi fechado e só voltou a funcionar em 1949, como mercado, e se mantém até hoje.

O Matadouro Municipal foi construído em 1886 e inaugurado pelo Imperador Pedro II. Esteve ativo até 1965, quando o Serviço de Inspeção Federal considerou-o precário. Fica a 3 km do centro da cidade e conserva o mesmo aspecto arquitetônico da época de sua construção. Fica próximo ao Ribeirão Claro em estrada que margeia o Campo da Aviação.

A Santa Casa de Misericórdia foi fundada em 1876, seu benemérito foi o capitalista Francisco de Assis Negreiros

que comprou o casarão da Avenida 3, com a Rua 2, para instalar um hospital. Seu primeiro provedor foi o tenente coronel José Luís Borges.

O Barão inglês José Lister acabou de desenvolver seu método de assepsia, combatido na época, mas adotado depois universalmente. Gangrena, tétano, septicemia eram doenças frequentes, pois os instrumentos cirúrgicos eram lavados apenas com água. Não se conheciam ainda os antibióticos, vitaminas e aspirina. Em 1922, o hospital transfere-se para o local onde hoje se instala, Avenida 15 entre Ruas 2 e 3. O velho prédio, se conserva até hoje.

O Teatro São João teve sua construção iniciada em maio de 1863, em terreno doado por Raphael Tobias de Barros, o segundo Barão de Piracicaba e doações do Barão de Dourado, José Luís Borges, de Francisco de Assis Negreiros, de Joaquim Teixeira das Neves, Antonio Gonçalves de Amorim, João Guilherme de Aguiar Whittaker e José Estanislau de Oliveira.

O teatro foi aberto ao público em janeiro de 1864 e possuía uma platéia de 400 cadeiras e 63 camarotes. Durante cinquenta anos foi a única casa de espetáculos da cidade e das poucas da província. Nele passaram grandes companhias.

Em 1888, após reforma, passa a chamar-se Teatro Phenix. A partir de 1901 foi usado como cinema. A cidade perdeu, com sua demolição, uma bela casa de espetáculo, bem situada à Rua 3, com a Avenida um, diante de belíssimo jardim, nosso jardim Público.



A igreja da Santa Cruz é um dos patrimônios históricos preservados de Rio Claro

Em 1914, surge o Teatro Variedades, construído por uma sociedade anônima onde se destacavam entre outros José Castellano. Possuía 400 cadeiras, 32 frisas e galeria para 500 pessoas, a decoração possuía pinturas de Felício Rossini e Aladino Divani. A fachada possuía pinturas representando as musas da Tragédia, da Comédia e da Dança (Melpômene, Tália e Terpsicore).

A companhia lírica italiana Maio Pagliuchi e Cia., programou seis espetáculos e duas récitas extraordinárias. Foram apresentadas as óperas Aída de Verdi, La Tosca de Puccini, Rigoletto de Verdi, Cavalleria Rusticana de Mascagni, I Pagliacci de Leoncavallo, Rigoletto de Verdi, La Bohème de Puccini, O Guarani de Carlos Gomes e Carmem de Bizet.

O prédio foi conservado, porém adaptado para a instalação de um supermercado, o que alterou seu interior.

Um casarão de pedra e paredes internas de taipa, muito danificado, mas imponente, talvez o mais belo casarão antigo, sede de fazenda, da cidade é o do Barão de Grão Mogol, construído pelo Senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro e sede da Fazenda Angélica. O senador foi um agricultor progressista que trouxe colonos alemães e suíços que substituíram os escravos. Esse casarão foi vendido em 1881 ao coronel Gualter Martins, Barão de Grão Mogol, que veio de Minas Gerais.

Hoje, esse casarão, lamentavelmente, encontra-se em péssimas condições de conservação. Faz parte da história do café e foi seu proprietário quem anunciou em 16 de novembro de 1889, a proclamação da República. Seus despojos estão enterrados no cemitério da fazenda em túmulo de pedra entalhada, encimado por uma cruz, ambos de granito.

Outros belos edifícios mereciam, além desses, ser preservados e guardados para nossa memória como o velho edifício do seminário Claret; a Escola Puríssimo e sua capela; a Igreja Matriz de São Batista; a Igreja de Santa Cruz e Seminário dos Estigmatinos; a residência do Dr. Alfredo José Fontes, Rua 6, esquina da Avenida 3, hoje de propriedade do Puríssimo, com fachada de azulejos portugueses; a residência da Família Duckur – na Rua 9, com Avenida 1 – em estilo art déco; a fachada da Sociedade Italiana – na Rua quatro, entre as Avenidas 6 e 4; e o Anjo da Concórdia, doação da colônia Italiana à Rio Claro no seu centenário, em junho de 1927.

Além disso, o Castelinho, antiga bomba d'água, onde desde 1895 por sugestão da Comissão de Saneamento do Estado, é incluída uma grande nascente, no final da Rua 2, na margem direita do Córrego da Servidão, para abastecimento da cidade; o Colégio Koelle e seus prédios antigos, que desde 1883 é conduzido pela

família Koelle; a residência de Antônio Mônaco de Lucca – na Rua 7, com a Avenida 3; o sobrado da pintora e professora Ilara Machado; os casarões do Horto Florestal Edmundo Navarro de Andrade, hoje Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade (Feena).

Outros edifícios porém, não tiveram a mesma sorte de serem preservados, seja pelo poder público ou por particulares, como o casarão de azulejos de propriedade de João José Fernandes – Avenida 2, com a Rua 2, hoje um edifício no local; o teatro que existiu nos fundos da Sociedade Italiana e foi palco de formaturas, bailes e festas italianas, hoje no local um edifício em construção; o casarão da família Cartolano – Rua 3, Avenida 3 – hoje um estacionamento; a Toca – Rua 4, com Avenida 3 – hoje um estacionamento; a residência de Tomás Carlos de Molina, construída em 1864 e demolida em 1980; o casarão da Avenida 2, com Rua 6, hoje uma imobiliária.

Muito se perdeu, lamentamos, mas há muito a se preservar, além dos citados, basta observarmos com atenção e encontramos, por exemplo, o prédio do Hotel Stein – Rua 2, com a Avenida 6; a antiga Telefônica - Rua 2, com a Avenida 4 – em estilo art déco, entre outros.

Com a criação do Conselho Municipal do Patrimônio, neste ano de 2009, acreditamos contar com a sensibilidade e o poder político de nosso prefeito Palmínio Altinari Filho para ampliar o número de belas edificações históricas nas mãos protetoras de instituições culturais, educativas ou administrativas, pela preservação do passado que está presente em todos nós rio-clarenses de nascimento ou de adoção.

Bibliografia:

- 1- Lembranças de São Paulo – O Interior Paulista, João Emílio Gerodetti e Carlos Cornejo, Solaris – Edições Culturais, São Paulo, 2003.
- 2- Railways of Brazil, João Emílio Gerodetti e Carlos Cornejo, Solaris – Cultural Publications, São Paulo, 2005.
- 3- Crônica dos Prefeitos de Rio Claro 1908 – 1983, Ana Maria Penha Mena Pagnocca et alii, 1983, Arquivo Público e Histórico de Rio Claro.
- 4- Rio Claro no 1º Centenário de sua fundação, E. Penteado e B. Cordes, 1927.
- 5- Álbum de Rio Claro, Nelson Martins de Almeida, 1951.
- 6- Rio Claro Sesquicentenário, Museu Histórico e Pedagógico, Secretaria da Cultura e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978, Aloysio Pereira et alii.



Bar e Restaurante A Toca - Avenida 3, esquina com a Rua 4

Rio Claro Futebol Clube

100 anos da trajetória de um campeão



Rio Claro F.C.
em 1916

Newton Vasconcelos Pulhez Junior | newton_juca@yahoo.com.br

Graduado em Ed. Física pela Unesp Rio Claro. Cursa o mestrado em Educação pela mesma Universidade. Participa na organização do livro da história dos 100 anos do futebol em Rio Claro.

José Carlos Arnosti | josecarlosarnosti@yahoo.com.br

Técnico em contabilidade formado na Organização Escolar Alem. Bancário aposentado, acompanha o Rio Claro F.C. desde 1956. Historiador do clube juntamente com o Sr. Nelcy Pauletto.

O Rio Claro Foot-Ball Club, tradicional clube do interior paulista, inicia sua saga em nove de maio de 1909. O clube, fundado pelos ferroviários Bento Estevam de Siqueira, Constantino Carrocine e João Lambach, além do professor Joaquim Arnold, é a terceira agremiação mais antiga, no futebol profissional em atividade no estado, sendo a A.A. Ponte Preta de Campinas, fundada em 1900, e a A.A. Internacional de Bebedouro, fundada em 1906, as primeiras.

A história de sua fundação está intimamente ligada ao avanço da ferrovia rumo ao oeste paulista devido à produção do café. Outros clubes também são oriundos do período das ferrovias como o Noroeste de Bauri e Ferroviária de Araraquara.

Em relação ao nome escolhido para o clube, além de homenagear o município de origem, teve sua escrita em

inglês por influência de Charles Müller, paulistano apontado como introdutor do futebol no Brasil, oriundo da Inglaterra. Com o passar do tempo o nome foi apor-tuguesado para Rio Claro Futebol Clube (Rio Claro F.C.), prática comum entre os clubes nacionais.

Mantendo as cores branca e azul como principais, o clube conta como seu mascote, um galo, porventura da cor azul, sendo o time conhecido como Azulão do interior paulista.

O primeiro campo onde o Rio Claro F.C. treinava e mandava suas partidas se situava no bairro Cidade Nova, descoberta recente realizada por pesquisas ao jornal "O Alpha" do início do século passado, pois se acreditava que seus primeiros treinamentos e partidas eram realizados no Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista.

Seria difícil enumerar quais as partidas mais importantes do Rio Claro F.C., mas sem dúvida não podemos deixar de citar a primeira, afinal, marca o início de sua trajetória. Em 23 de janeiro de 1910 era realizada a partida com o S.C. Caramuru, da cidade vizinha de Cordeirópolis, com o placar de 2x0 para o Rio Claro F.C. Importante ainda ressaltar que o amistoso foi realizado com uma equipe bem próxima ao município devido à dificuldade de locomoção na época e ao escasso número de equipes de futebol.

Temos ainda como datas importantes no início da consagrada história do Rio Claro F.C. antes de sua profissionalização, o ano de 1914 com a mudança do mando de suas partidas para o estádio do Grêmio dos Empregados da Companhia Paulista. Já em 1915 o clube participa de seu primeiro campeonato oficial, a

Liga Regional D'Oeste de São Paulo, com desempenho regular, sem divulgação do campeão. Nos anos de 1916 e 1917 o clube entra de vez no cenário estadual do futebol, com a realização de dois amistosos de extrema importância. No natal da primeira data, o clube realizou um amistoso com o S.C. Corinthians Paulista, campeão da primeira divisão paulista naquele ano. No ano seguinte foi a vez do Palestra Itália, atual S.E. Palmeiras, jogar pela primeira vez no município.

No ano de 1921 vem o primeiro de muitos títulos para o Rio Claro F.C., campeão do Campeonato do Oeste com seu primeiro quadro, e campeão da taça Liga Rioclarense com seu segundo quadro .

O ano de 1922 se torna importante na história do clube devido ao fato da equipe ser convidada a realizar um amistoso na Vila Belmiro com o Santos F.C., equipe de grande relevância nacional e mundial.

Os jogos da equipe no Grêmio da Companhia Paulista se encerram em 1930, e em 1931 o Rio Claro F.C. conclui seu primeiro estádio de futebol, construído em estilo inglês e localizado no hoje chamado "Espaço Livre", área central do município. O estádio trouxe novo ânimo para o time que se sagrou campeão no mesmo ano da 5ª região pela Associação Paulista de Esportes Atlético (APEA).

O recém fundado São Paulo F.C. é convidado pelo Rio Claro F.C., tricampeão nos anos de 1935/36/37, para um amistoso realizado em 20 de fevereiro de 1938. A partida se encerrou com um em-



Rio Claro F.C. no antigo Estádio Municipal, localizado no Espaço Livre - Centro, em 1931

pate em 3x3.

No período pós-profissionalização do futebol, década de 1930, os campeonatos profissionais eram caros para times com poucos recursos como os do interior, sem contar nas grandes distâncias para deslocamento de toda uma equipe de profissionais do futebol ser bastante onerosa. Ainda assim, o Rio Claro F.C. continua suas atividades esportivas disputando campeonatos mais acessíveis financeiramente com equipes do interior paulista. Ainda, se torna o maior vencedor do campeonato amador do município de Rio Claro, ao lado do Cidade Nova F.C., com nove conquistas, não superado por nenhum outro clube até os dias atuais.



Inauguração do Estádio Dr. Augusto Schmidt Filho no ano de 1973

Apesar do futebol já ser um esporte muito praticado nas primeiras décadas do século XX, com a primeira Copa do Mundo em 1930, é realmente nas décadas de 1950, 1960 e 1970 que ele se populariza e passa ser o esporte mais praticado no Brasil, juntamente com o Brasil conquistando três campeonatos mundiais. O Rio Claro F.C. tem um grande crescimento estrutural e o clube se torna reconhecido em âmbito nacional.

A década de 1970 se torna um grande marco na história do Rio Claro F.C., pois em 28 de janeiro de 1973 era inaugurado o atual estádio do clube, inicialmente chamado Dr. Álvaro Perin, para mais tarde se tornar o estádio Dr. Augusto Schmidt Filho. A partida inaugural teve a presença do S.C. Corinthians Paulista, com jogadores consagrados como Rivelino e Zé Maria.

As décadas de 1980 e 1990 não foram de tantas glórias para o Rio Claro F.C., passando períodos de dificuldades financeiras. Mas é na década de 2000 que o clube dá um salto impressionante, fato de difícil superação, conseguindo inúmeros acessos em período curto de tempo. No ano de 2001 torna-se vice-campeão paulista da série B2, montando uma base consolidada para continuar a disputar os campeonatos, sem contar no significativo aumento de sua torcida no período. O ano de 2002 vem coroar o trabalho trazendo o título da série B1, levando ao acesso a série A3 e tornando o Rio Claro F.C. o primeiro campeão estadual de futebol profissional do município.

O ano de 2005 é recheado de consagrações para o Rio Claro F.C., dis-

putando dois campeonatos de grande importância, o Campeonato Paulista da Série A3 e a Copa Federação Paulista de Futebol. No primeiro, o clube conquista a vaga pra série A2, consolidando o momento vivido pelo clube. No segundo, o Rio Claro F.C. torna-se vice-campeão adquirindo o direito de participar do Campeonato Brasileiro da Série C, fato inédito para o clube e a cidade. Jogos televisados tornam o clube ainda mais conhecido, até mesmo em âmbito nacional.

Já em 2006 o grande sonho se realiza. O clube consegue o acesso a divisão de elite do futebol paulista, ganhando seu último jogo da série A2 contra o S.E. Palmeiras B. Agora o clube participaria, segundo críticos esportivos, do campeonato estadual mais difícil de disputar. Já a vaga adquirida para a disputa do Campeonato Brasileiro da Série C é repassada ao Grêmio Recreativo de Barueri devido a problemas estruturais de seu estádio.

Enfim, chegou o ano de 2007 e o Rio Claro F.C. disputa grandes partidas em seu primeiro ano na divisão de elite do futebol estadual. Jogos com S.E. Palmeiras, S.C. Corinthians Paulista, São Paulo F.C. e Santos F.C. são históricos para o clube. Com a 12ª posição no campeonato, o clube se mantém na elite do futebol estadual e ainda garante mais uma vez o direito de participar do Campeonato Brasileiro da Série C no mesmo ano. Sua participação neste campeonato foi muito valiosa, inclusive ficando como primeiro colocado em seu grupo, na primeira fase. Já na segunda fase, uma campanha regular impediu o prosseguimento no



Equipe que disputou o Paulistão em 2007

campeonato.

Mais uma vez, no ano de 2008, o Rio Claro F.C. participa do campeonato estadual. Só que dessa vez a campanha não é boa e o rebaixamento à série A2 foi inevitável. Mas partidas memoráveis ocorreram como o empate com S.E. Palmeiras por 1x1. Recentemente, já em 2009, o Rio Claro F.C. conseguiu o acesso novamente à elite do futebol paulista, provando que o clube adquiriu grandes proporções no cenário do futebol, principalmente nos últimos anos.

Há de se convir que falar sobre os 100 anos da história do Rio Claro F.C. em poucas palavras não é nada fácil. Mas tentou-se reproduzir as maiores glórias e os maiores acontecimentos do clube nesta produção. Diferenças conceituais as

quais seriam os assuntos mais importantes para esta produção podem haver, contudo, o mais importante não parece ter discordância: o Rio Claro F.C. está para ficar no cenário nacional do futebol.

Bibliografia

Livro "100 Anos do Rio Claro Futebol Clube". (mimeo)

Jornal O Alpha.

Bibliografia de Apoio

TONINI, M. D. *Ferrovia e futebol: o caso da Companhia Paulista de Estradas de Ferro na cidade de Rio Claro, 1870-1930*. 2006. 76 fls. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

WISNIK, J. M. *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

www.rioclarofc.com.br. Acesso em 15/07/2009.



Equipe do Rio Claro no Estádio Dr. Augusto Schmidt Filho, em 2009

Rio Claro na memória de seus cidadãos



Caroline Pertile

Estudante de Geografia da PUC - Campinas. Pesquisa realizada em Rio Claro com intuito de destacar as mudanças da cidade, através da memória dos idosos (que foram ou ainda são ciclistas). A pesquisa completa será apresentada à banca examinadora para obtenção do título de bacharelado e licenciatura em Geografia.

O espaço pode influenciar de forma direta e indireta a vida das pessoas e, mesmo depois de muito tempo, mostrar traços culturais e histórias encobertas pela modernização que, constantemente, revela novas tecnologias e novas formas de realizar determinadas atividades. Assim, aos poucos, a sociedade aprendeu a digerir estes aspectos introduzidos e a transformá-los em algo que integre seu cotidiano e sua história.

Nosso próprio passado registra marcas no tempo e no espaço. Relembrá-lo significa resgatar a história de uma localidade, de uma comunidade e de comportamentos intrínsecos à realidade

cultural e econômica da época. Por isso, para analisar a memória de um povo, é de fundamental importância entender que estas características não podem ser dissociadas.

No momento em que uma história é revivida, revelam-se significados nunca antes explorados em pesquisas e estudos, o que pode suscitar em importantes descobertas para a atualidade e para o desenvolvimento futuro de uma localidade. Além disso, quando revivemos uma história, os momentos que marcaram a vida das pessoas são lembrados e resgatados. Para estes relatos atribuímos o nome memória. São destas lembranças que cons-

truímos a memória de um povo, de um local, de uma sociedade.

O resgate destas “memórias”, que revelam e enfatizam a percepção de um povo, nos permitem pesquisar e registrar além da história oficial. É esta memória que é transmitida de geração em geração. Tomando estes princípios como norteadores, buscou-se obter, através de entrevistas com idosos no município de Rio Claro (SP), alguns traços que definem características da identidade da comunidade local, aspectos históricos que tenham sido fundamentais para a cidade, bem como para as vidas dos entrevistados.

Pôde-se perceber que alguns pon-

tos são comuns na história de vida das pessoas, os quais se confundem com a história local: a Cervejaria Caracu, a Fábrica Matarazzo, a tradição do ciclismo e, principalmente, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, que foi peça fundamental para o desenvolvimento e expansão da cidade.

Outra característica importante da cidade é sua tradição histórica no uso da bicicleta como meio de transporte que remota ao início do século XX

A importância da Companhia Paulista para a cidade pôde ser constatada durante as entrevistas: “A Paulista foi um marco para a cidade. Era um meio de transporte seguro e deu emprego para muita gente. Depois, com a privatização, entrou em decadência, não há mais trens, roubam os trilhos, o que ficou foram as rodovias. Antes a cidade vivia em função da ferrovia, acertava os relógios de acordo com os apitos dos trens, depois da privatização virou um desastre”, comenta o marceneiro aposentado Avelino Sulatto, 82 anos.

Outra característica importante da cidade é sua tradição histórica no uso da bicicleta como meio de transporte que remota ao início do século XX. Dentre os relatos dos entrevistados esta identidade foi reforçada: “Andar de bicicleta era comum entre todos. Naquela época havia poucos carros e, aos poucos, se tornou cultura, uma das poucas coisas que se mantém até hoje”, relembra o funcionário público aposentado Vivaldo Stephan, 74 anos.

Ao longo dos anos, a cidade sofreu consideráveis mudanças em seu perfil: “A cidade era mais caseira, tinha segurança, conversávamos nas calçadas, as pessoas podiam caminhar tranquilamente pelas ruas, as casas ficavam abertas, e nada acontecia. Hoje a cidade está mais desenvolvida, pagamos o preço do progresso”, afirma o bancário aposentado Urbano Luchini, 83 anos.

Para muitos, os trens, o apito das fábricas e a segurança são coisas que marcaram suas vidas e que não estão mais presentes no cenário do século XXI. Hoje, além das lembranças na mente daqueles que presenciaram estas mudanças, o que restou foram alguns vestígios desta histó-



ria. A antiga Estação Ferroviária, que teve seu prédio tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico e Turístico (Condephaat), abriga atualmente a sede da Secretaria Municipal de Turismo e, na parte externa, um terminal de ônibus urbano. Da ferrovia restam ainda os trilhos que cortam a zona urbana da cidade e o pontilhão da Avenida 7. Prédios de antigas fábricas foram reformados e hoje são utilizados para

outros fins: no da Caracu funciona a Escola Superior de Tecnologia e Educação (Asser) e a Fábrica Matarazzo deu lugar ao Shopping Center Rio Claro.

O que se espera é que histórias como estas não sejam perdidas. Para que isto não ocorra, cada vez mais precisamos concentrar esforços em pesquisas científicas, registros literários e na preservação dos patrimônios, a fim de manter vivas as memórias de um povo.

Como tudo começou

A história dos grandes festivais de Rock em Rio Claro



Vivian Guilherme | vivianguilhermerf@gmail.com

Jornalista, graduada em Letras, pós-graduanda em Jornalismo Contemporâneo: Conjuntura e Tendências da Mídia (Unimep), organizadora e idealizadora do projeto Rock Feminino.

No início dos anos 90, o cenário rock do país borbulhava, ainda vibrando com as reverberações do Rock in Rio I e II, que aconteceram em 85 e 91, respectivamente. Depois dele, o Brasil não seria mais o mesmo, a música ganharia ali uma legião de fãs apaixonados pelo espetáculo do rock: as luzes, os fogos, o som alto, solos de guitarra, performances entusiasmadas e os gritos de uma platéia ensandecida. Milhares de camisas pretas até onde a vista alcança, com as mãos ao alto fazendo o famoso “chifrinho” com os dedos, toda emoção do rock viva e a cores.

Em 91, o Maracanã foi o palco para nove dias de shows e mais de 700 mil pessoas para o Rock in Rio II. Em 95, seria o “Campo do Rio Claro” o palco para dois dias de shows e 20 bandas. Poucos lembram, alguns nem ouviram falar, mas

o precursor dos grandes festivais de rock em Rio Claro vê crescerem as sementes que plantou no passado.

A primeira e única edição do Rock Livre foi o primeiro passo para que a cidade entrasse definitivamente para o calendário de grandes eventos de rock no país. Além de ter sido, no município, o primeiro e único realizado em um estádio de futebol, o Rock Livre rompeu as barreiras e abriu a porta para o rock definitivamente virar um espetáculo no interior de São Paulo.

Júlio Pizzoti se lembra bem de como foram os dias que permearam aqueles 10 e 11 de Junho de 1995. Afinal, foi por iniciativa de seu pai, Jenyberto Pizzoti, que o festival criou forma e se realizou. Bandas rio-clarenses como Dezakato e Hímen-Blues tiveram uma de suas primeiras apresentações nesta ocasião, “das bandas

que tocaram creio que uma ou duas só so-braram, a maioria acabou”, conta.

Apesar da estrutura perfeita e da grande divulgação, Júlio conta que nem tudo eram flores. “A iniciativa valeu por ser uma coisa inédita na cidade, mas o prejuízo foi grande; tinha mais seguranças do que público”, lembra aos risos. Devido às dificuldades, o pai de Júlio decidiu não arriscar tão alto novamente, e por um ano manteve um projeto de rock alternativo na antiga Gruta, localizada na Avenida 7 entre ruas 1 e 2.

Enquanto o pai pendurava as “chuteiras”, o filho assumia as baquetas. Júlio - ou mais conhecido “Borbo” - já estava no meio rock desde os nove anos de idade, aos 13 começou a tocar bateria, aos 15 já tinha lançado sua primeira ‘demo’ com a banda Master of Pain e aos 18 já quebrava as baquetas na banda Hal9000.

Seguindo os passos do pai decidiu não deixar morrer a alma dos grandes eventos. Em 2001 aconteceria a primeira edição do Encontro de Rock do Equinócio.

EQUINÓCIO

“Eu e o Elias (guitarrista da banda), que crescemos juntos ouvindo rock, tivemos a idéia do festival e fomos procurar a secretaria de cultura”. Elias Prezotto lembra que até chegar à secretaria foram três anos recolhendo assinaturas na rua para formalizar um abaixo assinado, pedindo por um festival de rock: “daí surgiu o primeiro Equinócio”. Apesar da chuva, o Espaço Livre da Avenida Visconde reuniu milhares para prestigiar o show da banda Korzus e de mais sete bandas.

Apenas o início de uma história, o Equinócio é o festival que é realizado há mais tempo no município e que apesar das inúmeras dificuldades que passou resiste e continua revelando diversas bandas para o mundo da música mundial. Torture Squad, Claustrofobia, Seventh Seal e Ansata foram apenas algumas das bandas que passaram pelos palcos do Equinócio e ganharam o mundo.

“Quem olha de fora pensa que é fácil fazer evento, mas não teve um que não deu dor de cabeça, ou prejuízo. O pior de tudo é a falta de apoio, ainda que os eventos eram beneficente, a entrada era um litro de leite”, desabafa. A falta de incentivo ao Equinócio fez com que o festival acontecesse em diversos lugares da cidade.

A primeira edição (2001) foi realizada no Espaço Livre, com total apoio da prefeitura; da segunda a quarta edição (2002 – 2004), a antiga Estação Ferroviária transformou-se no reduto rock de Rio Claro; a quinta edição (2005) aconte-



ceu no Lago Azul, com grandes restrições financeiras, e pouco apoio da prefeitura; em 2006 o festival nem chegou a ser realizado, “estávamos cansados; não tínhamos apoio”; em 2007, o festival foi realizado no Sobradão, sem auxílio algum por parte do poder público, o que se repetiria no ano seguinte, oitava edição do evento, realizada no D’Vinci Bar, pela primeira vez com dois dias de shows.

“Eu lembro que a segunda edição do Equinócio foi uma das melhores, acho que chegou a mais de três mil pessoas, eu olhava de cima do palco e não acreditava no tanto de gente que tinha” (Julio Pizzotti)

Entre tantas dificuldades, o festival está longe de ter um fim, os preparativos para edição 2009 já estão sendo encaminhados, “a prefeitura voltou a nos apoiar, acho que desta vez vai dar certo”, acrescenta Júlio, que nem pensa em desistir do mundo do rock, “a Hal9000 está voltando aos palcos”. Além do Equinócio, ele e Elias, mantêm a cena em movimento realizando pequenos eventos rock em bares da cidade, a preços populares.

ROCK FEMININO

Do Rock Livre e do Equinócio veio o incentivo para o surgimento de tantos outros eventos de grande porte

que começaram a ser realizados como o Rock Legalizado, Somludiariedade, Rock Esporte, Metal Carroça, Grito Rock, Rock Solidário e Coquetel Molotov. Alguns resistiram às dificuldades e muitos outros sucumbiram com o tempo, de todas as sementes, sem dúvidas, o Festival de Rock Feminino aparece como uma das mais



Está de volta o maior festival de Rock do interior !!

VI Encontro de Rock do Equinócio

com as bandas:

THE PRISONERS Moonwalk
Inez Abiden Carter Nightwalk cover

ANGEL ZETON
SANCTUARY cover BULLDOG

EXHORTATION DANK

SifiriO

Hal9000 Snowblind
ELACE BARBARA COVER

13/OUT (SÁBADO) A PARTIR DAS 14:00

RS 5,00

INFO: (19) 9258 7363 (19) 3534 9642

APOIO E POSTOS DE VENDA: LOCAL

ALL THE METAL

Cartaz do sexto Encontro de Rock do Equinócio

promissoras.

Realizado pela primeira vez em Março de 2003, o Rock Feminino, surgiu de uma idéia despretensiosa.

Seguindo o mesmo procedimento adotado pelo Equinócio, a organização do Rock Feminino partiu pra rua com amigos e familiares para concluir um abaixo-assinado. Após dias passando papéis e mais papéis no colégio, na faculdade, shopping, era hora de procurar a prefeitura. “Pensamos em incluir o festival na programação da semana da mulher, que era organizada pela Raquel Picelli, naquele ano, ligamos e na hora ela nos deu dia e um local, nem precisamos do abaixo-assinado” declararam os organizadores.

A primeira edição do Rock Feminino aconteceria na Estação Ferroviária, com a participação de três bandas: duas de Rio Claro e uma de São José do Rio Preto. A segunda edição aconteceria no Espaço Livre e “apesar da chuva, tinha muita gente, não havia nenhuma banda grande, mas o público compareceu em peso”. De 2005 a 2007, o festival aconteceria na Estação, marcando definitivamente o local como a “casa” do Rock Feminino. A sexta edição, porém, encontrou diversas dificuldades e foi realizada no Sobradão, “foi um dos mais difíceis de fazer, apoio nulo da prefeitura, aliás, falta de apoio e boicote”, confidenciam os organizadores. Este ano, a sétima edição retornou para “casa” e, finalmente, consagrou o Rock Feminino como um dos maiores festivais de música do país.

Em 2008, o evento foi considera-

do pelo Prêmio Dynamite (antigo Prêmio Claro e Prêmio Toddy) o segundo melhor festival de música independente do Brasil, e o site Rock Feminino o sexto melhor veículo musical online.

“O festival vem crescendo e ganhando uma visibilidade que nem acreditávamos; o número de bandas interessadas em tocar vem crescendo, e muito, a cada ano. A imprensa cada vez mais se interessa em cobrir o evento. Muitas parcerias surgindo. Às vezes parece sonho”. Sonho ou não, o fato é que o FRF além de festival se tornou marca e referência. Hoje, Rio Claro já é considerada, na cena rock, a capital do rock feito por mulheres, talvez, já uma antiga influência de Rita Lee.

Das três bandas na primeira edição, a última contou com 440 inscrições de todo país e América Latina. “Tivemos uma banda Argentina em 2005, e em 2008 a banda Leela foi a atração principal”. Além de shows, o FRF tem se esforçado em capacitar o setor, trazendo palestras e agregando diversas artes, como exposições de artes plásticas, fotos e poesias. “Precisamos formar a platéia, mas sem esquecer de formar o músico também. É impossível um viver sem o outro, se tivermos músicos conscientes de seu papel como agentes culturais o resultado será potencializado”, finalizam.

O incentivo a meninas que queiram subir ao palco e assumir uma banda, tem surtido efeito, nos últimos anos o número de bandas femininas em Rio Claro tem aumentado; e as já existentes, cada vez mais ganhando espaço na mídia.



CURIOSIDADES

*** Júlio Pizzotti e Elias Prezotto eram vizinhos, se conheceram pelo rock e juntos montaram uma banda, antes mesmo de aprenderem a tocar. A primeira bateria de Júlio foi montada com sucata, os pratos eram placas de “Pare”, o bumbo uma caixa de som oca, a caixa uma gaveta ao contrário, e o chimbau uma placa dobrada ao meio.**

*** A banda formada por Júlio e Elias, Hal9000, chegou a ser considerada pelas revistas Rock Brigade e Roadie Crew, uma das mais promissoras do metal nacional. Com mais de dez anos de estrada, tem um CD lançando e retornam aos palcos este ano com nova formação.**

*** Depois do Festival de Rock Feminino surgiram, em todo país, programas de rádio, revistas, programas de TV, marcas de roupas e muito mais, especializados no segmento. Sem contar no aumento considerável de bandas com meninas.**

*** As bandas Cansei de Ser Sexy, Lipstick, Mallu Magalhães, Manacá, Madame Saatan, Hy Fy, Upset Kids, Vega, Dominatrix, Pulso, Ranveland, Shadowside, The Biggs, são apenas algumas das que já se inscreveram para participar do Rock Feminino.**

***Somando todas as edições do Rock Feminino e do Equinócio:**

- O público presente poderia lotar 500 ônibus de cinquenta lugares;

- Foram plugados 156 cabos de baixo e 295 cabos de guitarra;

- As pessoas ficaram expostas a 120 decibéis por 150 horas;

- O leite arrecadado sustentaria três mil crianças por quatro dias;

- Se todas as bandas inscritas se reunissem no mesmo lugar seriam necessários quatro mil e cem metros quadrados.

A juventude negra e o Hip-Hop



Hélio Luiz Roberto do Carmo | helio.carmo@sew.com.br

Técnico em Eletromecânica, representante comercial na SEW,

presidente do Centro de Voluntariado de Rio Claro, membro do grupo Família Bronx

Negros, normalmente de baixa renda, são os principais alvos das abordagens policiais, da discriminação que se propaga no medo dos pedestres ao caminhar nas ruas, dos lojistas quando eles entram ou circulam em torno de seus estabelecimentos, na falta de oportunidade durante as entrevistas de emprego ou até nas muitas vezes, em que têm a sua entrada barrada em lugares semi-públicos como bares, casas noturnas ou shopping center.

Surge na década de 80 no Brasil um movimento, já presente entre os jovens negros norte-americanos, que trouxe uma identificação que proporcionou uma forma de expressão para demonstrar à sociedade, o descontentamento com todas essas adversidades que fazem parte do seu dia-a-dia.

Esse é o RAP- Rhythm and Poe-

try (Ritmo e poesia) - que era a combinação de poesia e música e após passar por várias transformações chegou no atual HIP HOP, movimento que hoje é respeitado e apreciado por todas as classes sociais e que promove a aproximação entre vários grupos.

Ao som desse ritmo, a juventude negra de Rio Claro durante muito tempo curtiu bailes na Sociedade José do Patrocínio e organizou manifestações em vários pontos da cidade, ampliando a função do HIP HOP. Ou seja, passou a exercer também, o papel de ferramenta de transformação e inclusão social.

Apesar de todas essas mudanças e avanços, temos muito a caminhar, precisamos quebrar as correntes que ficaram invisíveis após a abolição, através da implementação de ações afirmativas em nível municipal e estadual, trabalhando

assim os problemas estruturais da sociedade a exemplo do que tem feito o governo federal. Só assim conseguiremos elevar a auto-estima desses jovens, e aos poucos devolver o pouco do que foi tirado ao longo da história.

Há sinais de mudança com os avanços proporcionados por algumas ações afirmativas, em especial as criadas no governo federal, como o apoio incondicional às cotas raciais, o Prouni, a criação da Seppir, a implementação da Lei 10.639, que não dispensam muitos desafios que ainda temos pela frente para fazer valer nossos direitos, tanto nas instâncias partidárias como nas instituições públicas.

A juventude negra tem sido noticiada pela imprensa como a promotora de violência, enquanto os números apontam para a violência contra a juventude

negra. E não estamos apontando apenas a violência sangrenta, falamos ainda da violência das palavras, das discriminações veladas, da ausência de emprego e de políticas de saúde, educação e cultura.

A vida do jovem negro e da jovem negra, tem sido marcada por muita violência e além das estatísticas e das pesquisas acadêmicas. Recentemente, tivemos um caso em Rio Claro, em que o jovem negro Davi Braz aguardava a namorada com mais três amigos brancos em frente a uma farmácia. Eles foram abordados pela policia em mais um procedimento de rotina, seus amigos foram liberados enquanto ele foi obrigado a entrar na viatura. Os policiares humilharam, e hostilizaram o jovem com palavras racistas, sem falar das agressões físicas, antes de o conduzir a delegacia. Após o incidente, foi proibido de fazer o boletim de ocorrência pelos funcionários da delegacia, que só o fizeram após a chegada do advogado da vítima. Em depoimento, ele ressalta que passou pelo pior dia de sua vida. Esse, mais um caso do muitos que são denunciados nas letras de musicas.

Alguns dados abaixo transcritos, podem exemplificar essa questão e nos apresentar argumentos para uma reflexão sobre o tipo de realidade e a falta de oportunidades para que a juventude negra possa ter outras escolhas mais justas na garantia dos direitos já construídos em nossa sociedade.

“60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial / A cada 4 pessoas mortas pela policia 3 são negras / Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros / A cada 4 horas um jovem negro morre violentamente em São Paulo / Aqui quem fala é primo preto mais um sobrevivente...”

(Trecho da música: “Capítulo 4 Versículo 3”, do disco Sobrevivendo no Inferno, lançado em 1998 pelo grupo Racionais Mc’s)

A identificação da

juventude negra com os vários elementos da cultura Hip Hop, a saber, o Grafite, o DJ, o Mc, o break e o Rap, são elementos de sustentação, união e produção dando significados positivos de participação na comunidade e engajamento em projetos sociais. Ainda há muita ausência de políticas públicas de cultura e a possibilidade de ampliação da cultura Hip Hop poderia ser um caminho bastante interessante de engajamento na comunidade.

UM POUCO DA ORIGEM DO HIP HOP

Na década de 30, o Blues absorve instrumentos elétricos dando origem ao Rhythm’n Blues, que conseqüentemente mistura-se com a música gospel protestante, resultando no “Soul”, cuja tradução é “alma”. Na década de sessenta o Soul passa a ser a música de protesto dos movimentos em favor dos direitos civis dos negros, tornando-se a “Black Music” americana. Na luta por uma real cidadania, eles começam a fazer uso da palavra “Funky” (fedorento), muito utilizada por seus agressores. Desta forma o Funky passa ser uma forma de atitude e identidade

negra no vestir, falar, dançar, enfim, viver. Na década seguinte, nos anos setenta, a mídia no Brasil se apropria desse estilo e passa a comercializá-lo, projetando o estilo “Black Power” com Gerson King Combo. Uma espécie de James Brown à brasileira.

O Rio de Janeiro, por concentrar a maior mídia de massa da época, aglomera grandes equipes de som, como as “Soul Grand” e “Furacão 2000”, com realização de grandes bailes na zona sul e subúrbios da cidade. A imprensa batizou este movimento ao orgulho negro de “Black Rio”, entrando a década de oitenta sacudindo clubes, discotecas e casas noturnas das grandes capitais brasileiras.

Nos Estados Unidos, paralelamente, em Nova Iorque e Detroit, estava acontecendo uma reação ao movimento Black Power. Começa a surgir um dos primeiros elementos estéticos da cultura Hip Hop: o RAP (Rhythm And Poetry). Com a criação e comércio desacelerado dos CDs (compact disc), a classe média americana começa a se desfazer de seus toca-discos de vinil, então os jovens desempregados os recolhem e os reciclam, produzindo

novos sons com esses vinis, criando o “stracting”, que é arranhar a agulha no disco de vinil no sentido anti-horário, o “phasing”, alterando a rotação do disco, e o “needle rocking”, a produção de eco entre duas picapes. Desta forma é lançada a base musical, ou melhor, o “break beats”, do rap. Esses DJs (disc jockeys) produziam seus sons nas ruas e becos, desta forma proporcionando o surgimento do movimento Hip Hop, que passou a unir a break dance, o rap, o graffiti, e o estilo b-boy (b-girl), com suas grifes esportivas.

O Hip Hop chega ao Brasil, vindo da Florida (EUA), pelo ritmo “Miami Bass” de músicas com batidas rápidas e erotizadas, mas este ritmo aqui foi batizado de “Funk”, uma retomada ao movimento anterior. Duas vertentes vão surgir neste estilo que acaba de



chegar às comunidades de baixa renda. Uma atende a demanda da produção midiática, à cultura de massa, liderada por um grupo de pessoas que visam o lucro com esta produção, oferecendo a população uma forma de diversão e de passar o tempo. Enquanto a outra vertente, o Hip Hop, propõe uma ação de protesto político e social para o exercício da cidadania.

O termo Hip Hop tem na sua etimologia as danças da década de 70, em que se saltava (hop) e movimentava os quadris (hip). Mas também existem registros de que tenha sido criado por Afrika Bambaataa (Kevin Donovan). O Rap (Rhythm And Poetry) tem sua origem nos "Sound Systems" da Jamaica, muito utilizados por lá na década de 60, uma espécie de carro de som onde o "toaster" (como o MC atual) discursava sobre os problemas socioculturais e políticos do seu povo. Em busca de trabalho, na década de 70, esses toasters migraram para os Estados Unidos, e lá contribuíram para o surgimento do Rap.

A linguagem do Rap possibilitou aparecer novos cantores, grupos musicais e mestres de cerimônia, os MCs, importantíssimos nos bailes funks e nas apresentações de Rap. A Break Dance é a linguagem artística dentro do Hip Hop praticada pelos b-boys e b-girls, os adoradores de grifes esportivas. Daí surge a "Street Dance" (Dança de Rua), porém



com uma estética própria daquela época.

A break dance baseia-se na performance do dançarino, na sua capacidade de travar e quebrar os movimentos leves e contínuos. Ela é uma estética específica dentro da Dança de Rua (Street Dance) que possui característica de enfrentamento, protesto e/ou performance em grupo, mas permitindo que em determinado momento da apresentação alguém possa improvisar com a sua habilidade em break

dance. Outra expressão artística marcante no movimento Hip Hop é o "Graffiti", que em parte tem a ver com a pichação, isto porque no surgimento do Hip Hop o graffiti servia para demarcar becos, muros e trens nas grandes metrópoles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HERSCHMANN, Micael. *O Funk e o Hip-Hop invadem a cena. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.*
 VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.*



Davi Romulado, Everton Mendes e Alessandra Mendes, integrantes da Família Bronx



Escritores de Rio Claro

Identidade e expressão

Sandra R. S. Baldessin | sbaldessin@gmail.com

Escritora. Profissional de Letras. Possui cursos de extensão nas áreas de História Oral e Arteterapia. Criou e coordena, junto à faculdade da Terceira Idade Claretianas Rio Claro, o projeto "Terapia Literária", que integra o Programa Nacional do Livro e da Leitura – PNLL.

O ano 2009 marca uma data importante para o Arquivo Público e Histórico de Rio Claro: a comemoração dos 30 anos de sua fundação. Nosso Arquivo foi criado através da Lei Municipal n. 1573, de 11 de Outubro de 1979. Sua finalidade precípua é a guarda do patrimônio documental produzido pelo poder público e, também, de documentos privados que, de alguma forma, se relacionem aos interesses da comunidade rio-clarense.

A citada lei municipal define, ainda, que uma das competências do Arquivo Público é a produção de documentos que compilem e analisem a vivência cultural da nossa comunidade.

Justamente no contexto dessa proposta parece-nos oportuno, no momento em que celebramos os 30 anos de trabalho do Arquivo, pontuar alguns aspectos relativos à produção literária de escritores rio-clarenses, por nascimento ou escolha afetiva.

A ideia de fazer um levantamento sobre escritores rio-clarenses que publicaram edições individuais partiu do jornalista José Roberto Sant'Ana, com quem troquei e-mails acerca do assunto. Em 2008, Sant'Ana criou uma reportagem sobre o tema, divulgada pelo Jornal Cidade.

O Arquivo Público disponibiliza itens dessa produção literária em sua "Estante Rio-clarense", que reúne livros

e vários outros escritos, produzidos e editados por rio-clarenses; ainda, publicações, inclusive científicas, cujo foco seja a cidade de Rio Claro.

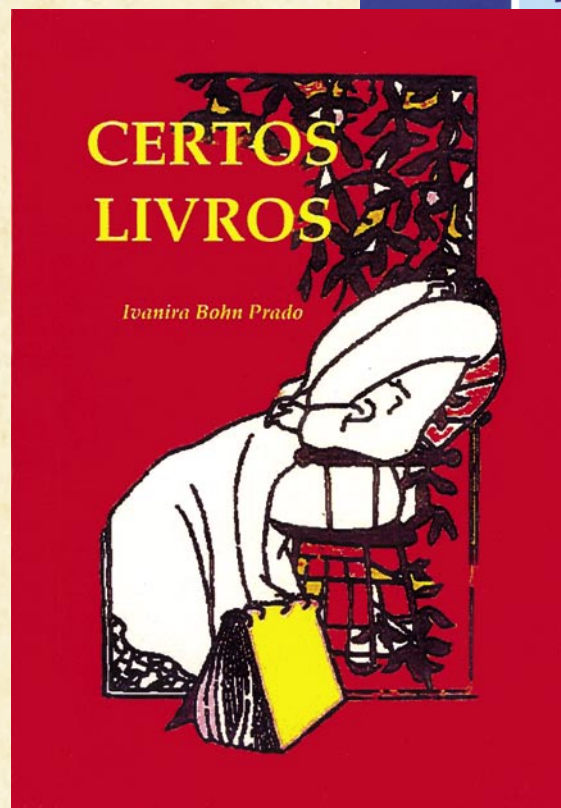
Se considerarmos as relações existentes entre literatura e memória, no sentido de estabelecer a identidade de uma comunidade, entendemos a importância de não apenas trazer à lembrança os nomes desses escritores rio-clarenses, ou a produção que tem como tema a cidade de Rio Claro. Mas, também, de incentivar a pesquisa e análise desses documentos que enriquecem o acervo do Arquivo Histórico de Rio Claro.

Mais relevantes se tornam esse resgate e a motivação para a pesquisa se

CIDA BILAC JORGE

POEMAS AZUIS

RIO CLARO
ARQUIVO PÚBLICO E HISTÓRICO
1998



nos lembrarmos que, no século da virtualidade, as identidades culturais estão em constante movimento. Esse fato já é considerado um lugar comum na cultura, mas significa que, para não perdermos o nosso rosto no espelho global, faz-se necessário encontrar, no reflexo da face que hoje contemplamos, a memória do que fomos em outras épocas.

E o que é, ou a partir de que elementos se constrói a identidade cultural de uma determinada comunidade humana? Para Castells:

A construção da identidade vale-se de matérias-primas fornecidas pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva, por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder (...). Em linhas gerais, quem constrói a identidade coletiva, e para quem essa identidade é construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa mesma identidade, bem como de seu significado

para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem.

Assim, esse conteúdo simbólico de que fala Castells, se elabora, também, a partir de documentos, de escritos, de reportagens publicadas na imprensa, de telas pintadas, fotografias etc. Enfim, de todo o conjunto de experiências culturais que compõe o acervo intelectual e afetivo dos indivíduos e das instituições.

Observamos, então, que a identidade está relacionada à memória coletiva, ao senso de pertencimento a um lugar, nesse caso, ao senso de 'ser rio-clarense'. A memória coletiva e o senso de pertencer a um lugar contribuem para "a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade."

O lugar da história é, também, o lugar do discurso identitário; nesse caso, é importante compreender os significados atribuídos ao patrimônio cultural representado pelas obras publicadas em dado lugar, em determinada época, pois são referenciais para a composição de uma vivência comunitária.

pois a história da cidade se revela também nesses livros, representativos do nosso patrimônio histórico-cultural

Aqui, não custa lembrar o belo ensaio de Walter Benjamin – O Narrador – que reflete sobre a memória, as narrativas e a capacidade de transmitir experiências. Benjamin acreditava que o

fracasso da possibilidade de narrar, única garantia de elaboração da memória histórica, implicará na degeneração dos valores éticos e, finalmente, no esfacelamento social.

Concordo com a assertiva de Benjamin, pois assim como a memória fisiológica tem uma importância crucial para nossa sobrevivência, a memória coletiva é radicalmente importante para ancorar a vida em sociedade. Nas palavras de um estudioso da obra de Benjamin:

O tempo atua sobre as pessoas e faz com que seja o presente o elemento formador da percepção sobre o passado. *Nesta medida, são fragmentos de memória que se retomam do fundo de cada sujeito social para dizer das marcas que ficaram de um tempo aparentemente esquecido, mas que lá está para ser visto pelos olhos de hoje.* (HALBWACHS, 2006, p.212)

Quando nos dedicamos à leitura de obras que abordam a nossa cidade, seja sob o prisma poético, científico (caso dos trabalhos acadêmicos), seja sob as luzes do cotidiano revelado nas crônicas, por exemplo, recriamos a possibilidade de transmitir experiências, com todo seu potencial para enriquecer a trama social. A ida ao Arquivo, para pesquisar e escolher as capas das obras que ilustram este artigo, revelou nomes que ainda não estavam incluídos no levantamento; portanto, esse é um trabalho em construção, configurando-se como um convite ao aprofundamento do tema, pois a história da cidade se revela também nesses livros, representativos do nosso patrimônio histórico-cultural.

Sobretudo, e finalizando essas re-



Lançamento do Livro – “Lâmina Breve” de Ivanira Prado – 04/10/1988. Celeste Calil e Ivanira Prado

flexões, gostaria de pontuar que um livro, seja de poesia, de crônicas, de história, surge como o resíduo de um processo intelectual/afetivo vivido pelo seu autor, que está inserido num contexto social e escreve a partir das inferências que capta nele.

Pensando o livro dessa forma, enquanto resíduo da existência do autor, não custa lembrar a recomendação de Eclea Bosi: “Deveríamos voltar os olhos para esses resíduos, e torná-los objetos de indagação.”

Referências

- BENJAMIN, Walter. *O Narrador: observações sobre a obra de Nikolai Leskow*. In: Benjamin, Horkeimer, Adorno e Habermas - *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril, 1983. Coleção Os pensadores.
- BOSI, E. *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Ed. Centauro, 2006
- POLLACK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. ESTUDOS HISTÓRICOS, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

A listagem de escritores rio-clarenses conta com os seguintes nomes:

Airton Páschoa; Aldo Zottarelli Junior; Aloysio Pereira; Ana Luiza Carnahyba; Antonio Moreira; Ariovaldo José Seneda; Armando Roque Cornachione; Arthur Bilac; Arturita Teixeira Pinto; Augusto Hofling ; Augusto Jerônimo Martini; Áurea de Carvalho Costa; Benedicto Leite (Simplicio Pinóia); Benedito Paccanaro; Camilo Riani Costa; Charles Carvalho; Carlos Áureo de Arruda Campos; Carlos de Moraes; Celeste Calil; Cida Bilac Jorge; Cláudio A. de Mauro; Cleber Ragazzo; Edith de Camargo Aranha Schimidt; Fabiana Borgia; Fabio Alexandre dos Santos; Fernando Altenfelder Silva; Fernando C. Fittipaldi; Florideu Gervásio; Giselda P. Guglielmo; Glória Pedrazolli; Helmut Troppmair; Heloísa Alves de Lima e Mota; Humberto Cartolano; Ibrahin César Nogueira de Souza; Idelazir Bellucci; Ideney Gonçalves de Oliveira; Ivanira B. Prado; Jaime Leitão; Jane Berrance Castro; Januário S. Pezzotti; João do Mundo; João de Scantimburgo; José Antonio Carlos David Chagas; José Antonio Riani; J. Costa Jr; José Eduardo Seregatto; José Naidelice; José Pimentel Junior; J.R. Sechi; José Rui Bianchi;

José Sergio Demarchi; Jovelina Moratelli; J.Triste; Lícia Capri Pignataro; Lígia Karam; Liliana B. dos Reis Garcia; Lucas Carrasco; Luiz Dante; Luiz Martins Rodrigues Filho; Manoel Correa Leitão; Marcius Aun Patrizi; Maria Antonieta Madureira; Maria Antonieta Thomazini de Paula; Maria Beatriz Bilac; Maria Christina Mussolino Rizzo; Maria das Dores Ribeiro de Oliveira; Maria José David Teixeira Morandin (Vevé); Maria Júlia Paes da Silva; Maria Leticia Pezzotti César; Maria Teresa de Arruda Campos; Marilena de Arruda C. Rodrigues; Marilena A. Guedes de Camargo; Marili Penteadó; Mário R.; Natália Turolla; Nelson Moreira Moura; Nilce F. Bueno; Nuto Sant’Ana; Odenir Ferro; Oscar de Arruda Penteadó; Osmar Ribeiro; Osvaldo Brasil; Padre Brás Lorenzetti; Paulo Riani Costa; Percy de Oliveira; Prony Ribeiro; Raya Junior; Roberto de Souza Mendonça; Romualdo Dias; Ruy Fina; Sandra Canelo; Sandra R.S. Baldessin; Sandra R. Wenzel Teixeira; Sérgio Sartori; Sidney Barreto; Silvino da Silva; Solange Vitale Orzari; Sonia Marrach; Tarcis Zironi; Vicente Cândido Pavão; Vinicius Dônola e Yedo S. Godoy.

O pioneirismo da imprensa rio-clarense



Auditório dos programas de rádio na PRF2 e Rádio Clube AM

Silvia Regina Venturoli | silviaventuroli@hotmail.com

Graduada em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, pós graduação em Jornalismo e Novas Linguagens pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) e pós graduação em Gestão de Marketing, pela Faculdades Integradas Claretianas de Rio Claro.

Escrever sobre a imprensa de Rio Claro, é sem dúvida um tema pertinente e provocativo. As publicações de artigos, livros e estudos em torno do assunto, são poucas perante a riqueza de informações relatadas ao longo destes mais de 135 anos de história. Desta forma, este artigo tem o propósito de despertar no profissional que atua neste mercado, a vontade de poder contribuir para o resgate desta memória, através da oportunidade aberta pela revista Arquivo em comemoração aos 30 anos da autarquia.

Assim, por menor que seja esta participação, em função da falta de tempo suficiente para um estudo mais aprofundado sobre o tema, acredito que esta iniciativa possa abrir novos focos de discussão, seja pelo campo da história, da política, ou mesmo da relação poder e imprensa ou vice-versa. Optei pelo viés

do pioneirismo que impulsionou o crescimento de nosso município.

Falar da imprensa em Rio Claro é lembrar fatos e personagens que influenciaram na história do Estado de São Paulo e do próprio país. Isso me remete a um passado não muito distante, quando eu e o jornalista Vivaldo Stephan Junior participamos da confecção do livro *Jornais Centenários* (publicado em 2002). Na oportunidade nos coube escrever sobre a história do jornal centenário *Diário de Rio Claro*.

O surgimento da imprensa em Rio Claro data dos séculos XIX e XX, quando inúmeros periódicos fizeram parte do cotidiano das pessoas. Mas é em 1886 que começa a era dos jornais diários, a cidade passa, então, a fazer parte do contexto estadual. Sob este aspecto podemos dizer que o município foi pioneiro na região,

já que *O Diário do Rio Claro* foi o quinto jornal a surgir no interior paulista, depois do *O Estado de S. Paulo*, *Diário Popular*, *Tribuna de Santos* e *Tribuna do Norte de Pindamonhangaba*. A história dos periódicos foi objeto de estudos de historiadores da cidade, caso de Fernando Cilento Fittipaldi, no livro: *“A imprensa rio-clarense no século XIX”*, à disposição para consulta no arquivo público.

SOLIDEZ DA IMPRENSA ESCRITA

A imprensa escrita sempre foi muito atuante, mas é na década de 80 que começa a ser desenhado o cenário atual. O centenário *Diário do Rio Claro* sai das mãos da família Jodate David e passa a ser administrado pelo empresário Geraldo Zanello que, três anos depois, já implantava a impressora offset, entrando para história como primeiro jornal em

Rio Claro a sair do sistema linotipo. Investiu também na compra de máquinas IBM composer, a maior novidade da época. No jornalismo, Luiz Wehmuth Neto permite voz às personagens do cotidiano da cidade de Rio Claro, através de matérias que retratam estes personagens sob a ótica de suas atitudes pitorescas e folclóricas. Ainda nas décadas de 80 e 90, a comunidade passou a ter novo espaço, a coluna Diário nos Bairros, que intensificou a participação popular, já que o povo se utilizaria do jornal para as suas reivindicações. Nesta época, o jornal também abriu maior espaço para colaboradores de universidades, setores religiosos e ambientalistas.

O Jornal de Rio Claro surge em 1982. O jornalzinho, como era carinhosamente chamado, surgiu da iniciativa de um grupo de empresários e políticos da cidade.

As mudanças implantadas pelo Jornal de Rio Claro são sentidas a partir do formato, um tablóide alemão. O novo formato traz na bagagem uma turma da “pesada” de jornalistas. Começava então, uma nova etapa na história da imprensa escrita de Rio Claro, a dos profissionais com MTB (registro profissional). José Rosa Garcia passa a ser a figura central ao implantar o jornalismo dos grandes centros, caso do Rio de Janeiro, cidade de onde veio. Com ele, formava o time do Jornal de Rio Claro os jornalistas Celso Lugle, que foi correspondente na rádio Eldorado em São Paulo, Dário Pereira também carioca, e Marcus Vinicius Amato.

A rotina da imprensa escrita, não é mais a mesma. O horário de fechamento da redação passa das 18 horas para as 23 horas. As reportagens de rua ganham “cara” e o jornalismo de coluna e notas é deixado de lado e abre espaço para discussão dos assuntos que envolviam a comunidade. Uma verdadeira “revolução”. As coberturas policiais passam a fazer parte do jornalismo diário. As informações eram buscadas “in loco” e grandes furos de reportagens são estampados nas manchetes diárias do jornalzinho.

Instalando, assim, a era da competitividade, os “furos” são disputados pelos veículos e pelos jornalistas. Os editores chefes contabilizavam o número de

informações dadas e quem havia dado em primeira mão um determinado assunto que quase sempre estava ligado ao momento político no qual vivia o município.

Segundo Garcia, o Jornal de Rio Claro, além de contar com a cobertura social de Marcus Vinicius Amato, também tinha uma coluna de humor e pela primeira vez a foto de uma mulher seminu foi publicada em um jornal local, o que para a época, fugiu totalmente dos padrões, mas abriu espaço para outros olhares.

Líder na imprensa escrita de Rio Claro nos dias atuais, o Jornal Cidade de

ganhando espaço e conquistando mais leitores até chegar à liderança, ficando numa posição de vantagem frente aos outros periódicos em circulação na cidade.

O colonismo social ganha espaço nas páginas do jornal. Hoje é responsável pela circulação de encartes que já representam boa parte da produção noticiosa, principalmente nas edições de domingo. Fatia de mercado, que rende outro investimento, o Cidade coloca em circulação, em 2004, a revista JC Magazine, que está na sua décima primeira edição.

Pela ótica do pioneirismo, o empresário Lincoln Magalhães foi arrojado ao aproveitar a credibilidade já conquistada no jornal para um novo empreendimento, a JC Magazine e com isso ampliou seus negócios. E já alça voos pensando no jornalismo regional, ao adquirir mais um jornal na região de Mogi Guaçu, cuja primeira edição sob o comando da família Magalhães foi publicada em 18 de julho de 2009. Com a saída de Sant’ana em 2009, assumem a redação do Cidade os jornalistas Ludmar Gonzáles e Carla Hummel.

O jornal Regional, de publicação semanal, foi fundado em setembro de 1990, na primeira iniciativa de jornal impresso com sede em Rio Claro, mas com visão no mercado da micro-região, caso de vários pequenos municípios. O pioneirismo também pode ser imputado pelo fato do jornal ter sido idealizado por jovens empreendedores. O Regional surgiu a partir de Alba Soares, Wagner Casseb, Carlos Aguiar, Renato Elston e Cláudia Campos em parceria com o empresário Lincoln Magalhães.

Outro semanário é o jornal Tribuna 2000, que, como o próprio nome diz, surgiu no ano de 2000. Trazendo de volta o formato tablóide, lembra o pioneirismo do Jornal de Rio Claro, segue uma linha de independência, como defende o seu idealizador e fundador o jornalista Antonio Sérgio Pitton. Aliás, um dos jornalistas mais combativo e respeitado, um defensor da valorização da imprensa local. Ainda no segmento do impresso outras publicações independentes e alternativas surgiram ao longo destes anos, caso mais recente de O Jornal, de André Miranda.



Rio Claro, fundado em 1934, foi comandado até a metade da década de 80 por José Marcos Pires de Oliveira, um baluarte do PMDB local e grande amigo de Ulysses Guimarães. Dr. Pires vende o jornal para o deputado Felipe Cheide e fica apenas com um periódico semanal, Edição Extra.

Felipe Cheide assume, mas fica pouco tempo com o jornal, em seguida vende para o ex-prefeito Lincoln Magalhães. Assumem, então, a direção de jornalismo Paulo Jodate David e José Afonso Baldissera. O jornal inicia outra fase pioneira, investe na informatização, na impressão colorida, uma prática até então, só feita em edições comemorativas.

Aposta no gerenciamento de seu negócio e valoriza a mão de obra. Traz, na década de 90, o jornalista José Roberto Sant’Ana, que promove mudanças na redação, layout, diagramação e paginação. Paralelo a isso, o Cidade estrutura o departamento de vendas e aos poucos vai

ÁUDIO E VÍDEO

Além da imprensa escrita, Rio Claro é pioneira por estar entre as cidades da região com maior número de veículos de comunicação. Somente no setor radiofônico temos sete rádios. A mais antiga é a Clube AM, a PRF2 de 1934. Temos ainda a Cultura AM, Excelsior Jovem Pan AM, Clube FM, Itapuã FM, Claretiana FM e Opção FM. Todas disputam a preferência dos ouvintes, cada qual segue uma linha diferente.

Mas, é nas emissoras AM, onde se ouviu a programação de maior apelo jornalístico e utilidade pública, casos de A Notícia do Tamanho da Verdade, idealizado por Moacir Martins; Show do Meio Dia, comandado pelo vereador Sérgio Carnevale; Bom Dia Sucesso, de Ney Paiva; e, mais recentemente, o programa do empresário e educador Aldo Zotarelli Junior (pioneiro no setor televisivo do município), com o Jornal da Manhã.

Não podemos deixar de destacar neste segmento, o importante papel que as rádios comunitárias de Rio Claro têm feito ao longo destes últimos anos, no sentido de permitir maior espaço de discussão para a comunidade. Esse também pode ser tema de um estudo mais aprofundado para futuras publicações na revista Arquivo.

A TV Rio Claro surge no cenário de comunicação da cidade em setembro de 1990, graças ao espírito arrojado do professor Zotarelli que batalhou para que o município tivesse sua primeira emissora de TV. De concessão educativa, a TV Rio Claro entra no ar numa situação pioneira na televisão brasileira, apenas com áudio e sem imagem como seu próprio fundador contou em diversas entrevistas que concedeu a imprensa local. No início a programação estava centrada no jornalismo e em programas esportivos. Destaca-se a exibição de jogos do Velo Clube e do basquete rio-clarense, que viveu seu auge na primeira metade da década de 90. Por ocasião da eleição municipal em 1992, a TVRC lançou mão de um projeto ousado: a realização de um debate eleitoral envolvendo os quatro candidatos a prefeito na época. Apesar da pouca estrutura e recursos, o resultado foi positivo.

A partir de janeiro de 1996, os Missionários Claretianos assumiram a Sociedade Rio-clarense de Ensino e a TVRC ampliou sua grade de programação própria, mas com o foco voltado para o noticiário. Já em 1996, por determina-



ção da Justiça Eleitoral, a TVRC exibiu o horário eleitoral gratuito com os candidatos a prefeito e a vereadores da cidade. Também promoveu debates eleitorais envolvendo os seis candidatos a prefeito e o resultado foi decisivo para o processo eleitoral no município. A TVRC entrava definitivamente no cenário jornalístico de Rio Claro e de sua microrregião, cumprindo o papel de informar a comunidade e promover debates sobre as temáticas pertinentes à população.

Sob o comando dos missionários Claretianos, outro fato pioneiro registrado em 2006, foi à regionalização da distribuição logística de seu sinal para 35 municípios da região central do estado, ao realizar uma parceria com a TV Cultura de São Paulo. A partir da assinatura deste contrato, a emissora muda o nome de TV Rio Claro para TV Claret.

A programação em rede entra no ar em setembro de 2007 e marca uma nova fase na emissora, que também é pioneira por levar a imagem de Rio Claro para outros municípios. O jornalismo volta seus olhos para a discussão de questões comuns entre os municípios da

região de cobertura.

A TV Comunitária Cidade Livre, transmitida a cabo, pelo canal 99 analógico e 10 digital, também é parte integrante da história televisiva do município. Surgiu da iniciativa da Associação das Entidades Usuárias do Canal Comunitário de Rio Claro como entidade mantenedora, congregando sindicatos, associações de bairros e organizações não governamentais. Entrou com seu sinal definitivo no ar em junho de 2002, exibindo o filme "Diário da Província", do cineasta Roberto Palmari.

Em seu segmento, é pioneira na cidade e tem permitido uma discussão e divulgação maior dos acontecimentos do município. Sua programação é de boa qualidade. Atualmente tem intensificado os investimentos em mão de obra e novos equipamentos. Um dos grandes pontos positivos da emissora é a cobertura que vem dando para o esporte, cultura e as atividades educativas realizadas em Rio Claro, além dos programas de entrevistas e entretenimentos.

A população de Rio Claro também recebe o sinal da Rede Opinião de Televisão, emissora com sede na cidade de Araras. De propriedade do empresário e jornalista Valentim Viola (que também, segundo ele, passou pelo jornalismo local, respondendo por um período pelo jornal Cidade), a emissora vem ocupando seu espaço na cidade a partir de segmentação de programação voltada para o mercado local.

Sua programação, que pode ser acompanhada pelo canal 55, rede aberta,



conta diariamente com o telejornal “Estação Notícia”, que fala somente de Rio Claro e é comandado por Viviane e Ronan Reginatto. Ainda dentro da programação da Rede Opinião, é possível acompanhar o trabalho de vários profissionais da imprensa local, caso de Udy Magalhães, Angela Hisdorf, Joaquim Pereira e Cláudio Biscoito.

No setor televisivo, a cidade recebe ainda o sinal da EPTV-São Carlos, emissora afiliada à Rede Globo, Rede Família - emissora afiliada à Record, SBT, com corte regional a partir de Campinas, além de toda a programação nacional das grandes emissoras de televisão.

A ERA DO PONTO COM

No mundo virtual Rio Claro também foi pioneira. O filósofo, jornalista e publicitário Carlos Marques lança no ano de 1996 o primeiro site da região e o quinto a surgir no Brasil. O Guia Rio Claro no início não fugiu à regra do que era praticado na época. Sua principal função era a prestação de serviços. No entanto, Marques percebeu logo nos primeiros anos que o modelo necessitava de mudança e partiu para o jornalismo, mas sem a pretensão de concorrer com o jornalismo praticado pelos jornais e televisão. Por diversas vezes ouvi Marques defender a necessidade de um jornalismo independente sem o compromisso de ter que contemporizar com esse ou aquele poder, mas sim um jornalismo que agregasse valor ao cidadão, capaz de aumentar o poder pensante, de formação de opinião e discussão de idéias. Papel que o Guia vem fazendo em matérias analíticas, em editoriais consistentes que permitem ao internauta uma maior compreensão do que vem acontecendo nos meandros da política local. Ousou em publicar salários de cargos de confiança, ousa em fazer questionamentos, ousa ao liderar campanhas de interesse da comunidade e com isso vem se solidificando no jornalismo on-line.

Além de ter criado uma identidade e proximidade ímpar com seus internautas, o Guia Rio Claro continua oferecendo dicas de lazer, de turismo, de restaurantes, e prestação de serviços de utilidade pública. O mais novo investimento de Carlos Marques é a revista

Drops. Como o próprio nome diz, uma revista de bolso que vem ocupando um nicho de mercado até então não explorado. De boa qualidade gráfica, e editorial, a revista recentemente discutiu o papel da mídia e o futuro dos veículos de comunicação, abordando a questão do desaparecimento do jornal impresso e da convergência de mídias.

Em 2003, um novo site surgiu em Rio Claro, o Lide Brasil. Durante mais de dois anos no ar, inovou e trouxe de volta a cara do jornalismo de ação, factual, com últimas notícias. Planejado por um grupo de empresários, publicitários e jornalistas, cabe aqui ressaltar o trabalho da jornalista Elaine Knothe, que hoje é responsável pelo site da TV Claret. O Lide Brasil seguiu à risca as técnicas do jornalismo e imprimiu uma linguagem própria, baseada na escrita em períodos curtos, poucos

caso dos jornais, rádios e televisão.

DEVER CUMPRIDO?

Ninguém questiona o fato da internet ter permitido um acesso mais rápido à informação, à pesquisa, aos acontecimentos nacionais e internacionais. Contudo, as informações locais não perderam seu espaço e continuam com altos índices de interesse da comunidade, o que tem permitido o crescimento dos veículos de comunicação que investem em projetos locais e regionais.

A tendência do jornalismo regional não é um fato novo, apenas ganhou mais força com a chegada da globalização. É comprovado através de pesquisas científicas e de amostras de institutos especializados que o ouvinte, o leitor, o telespectador e o internauta buscam informações sobre a sua comunidade, sobre o que está mais próximo de sua realidade. As pessoas querem saber o que acontece em sua rua, como está o time que representa a sua cidade, os conflitos políticos. Daí o interesse em ouvir, ver e ler sobre os vereadores, prefeitos, deputados e lideranças políticas. Se ampliarmos essa discussão no âmbito regional, podemos falar que a avaliação passa a ter como medida na balança o fator comparativo, já que a realidade de seu vizinho permite maior entendimento, maior questionamento. O resultado é o aumento da participação da comunidade nas decisões do município e também mais atitude das pessoas na cobrança por ações daqueles que ajudaram a eleger. Talvez esteja aí, a explicação para mudanças de governo, jamais imaginadas anos atrás.

Depois de mais de 130 anos do surgimento do primeiro periódico em Rio Claro, a leitura que pode ser feita é que, a mídia rio-clarense acompanhou a evolução tecnológica, sem fugir da bandeira do pioneirismo. No entanto, o questionamento a ser feito a partir de agora é: quais veículos conseguirão sobreviver com qualidade numa era onde a convergência digital já provoca transformações?

Depois de mais de 130 anos do surgimento do primeiro periódico em Rio Claro, a leitura que pode ser feita é que, a mídia rio-clarense acompanhou a evolução tecnológica, sem fugir da bandeira do pioneirismo. No entanto, o questionamento a ser feito a partir de agora é: quais veículos conseguirão sobreviver com qualidade numa era onde a convergência digital já provoca transformações?



parágrafos, redação sempre na ordem direta (sujeito, verbo, predicado) e o lead presente em todas as notas. A interatividade do internauta era feita via email e o internauta tinha o retorno.

Apesar de sua passagem meteórica na imprensa de Rio Claro, o Lide Brasil fez história e consolidou sua marca. Tanto isso é verdade, que recentemente o nome está de volta com a entrada do mais novo site: www.lidebrasil.com.br. Só que desta vez, sob o comando de outro grupo. A partir do pioneirismo do Guia Rio Claro e Lide Brasil (primeira versão), surgiram outros sites noticiosos, como o Canal Rio Claro e o Visite Rio Claro. Além dos sites ligados aos veículos de comunicação,

100 anos do Puríssimo

A pedagogia católica nos tempos modernos



José Roberto Sant'Ana | jrsantana10@gmail.com

Jornalista e pedagogo. Cronista da história de Rio Claro no século XIX.

O século XX consolidou a proposta moderna de substituir os valores religiosos pela ética baseada no exercício da razão. A partir da constatação de que o mundo era redondo e girava em torno do Sol, os últimos trezentos anos foram de mudança. O conhecimento científico moldou uma nova cultura ao valorizar o racionalismo e o empirismo. Os princípios cristãos viram-se reservados aos limites da crença individual e do laicismo. Os valores do Estado civil tornaram-se soberanos com o republicanismo. O poder da Igreja refluíu em busca de alternativas para o exercício da influência perdida ao longo do tempo.

O Colégio Puríssimo chega aos cem anos como um marco nacional da pedagogia cristã face à reestruturação

católica tendo em vista os novos tempos. Sua origem data dos primeiros momentos da República no Brasil e da euforia positivista de culto à razão. A Igreja se propunha a responder ao avanço materialista através da educação das novas gerações.

Ao longo de quatro gerações, o Colégio Puríssimo tornou-se escola referência no objetivo de promover a fina integração entre fé e razão conforme os valores cristãos modernos. O desempenho neste setor referendou a importância da escola. À entrada dos anos 2000, a administração promoveu reformas do salão nobre, do antigo prédio da Rua 7 (preservando seu estilo original), da cantina, do pátio e capela.

No mesmo período verificaram-se as construções do prédio para o ensino

médio, da quadra poliesportiva coberta, do anfiteatro, de novas instalações para a educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental, com destaque para a restauração do Casarão dos Fontes, no qual Ulysses Guimarães traçou a parte rio-clarense de sua história.

NA HISTÓRIA

As tensões entre Vaticano, Portugal e Brasil datam do Império. A Corte portuguesa procurou, conforme o espírito iluminista da época, eliminar a influência religiosa da política administrativa. No Brasil a situação não foi diferente e, após a República, as diferenças se agravaram. A Igreja foi separada do Estado. O Brasil, sob orientação inglesa, abriu as portas para a imigração de protestantes. A influ-

ência destes na educação foi decisiva.

A partir do novo regime, a Igreja viu-se submetida à tutela do governo e perdeu os privilégios de antes. Os padres deixaram de ser funcionários públicos, o dízimo passou a ser recolhido pelo Estado e a exigência de ser católico para posse de cargos no governo deixou de ter efeito. Os republicanos passaram a apostar mais na eficiência da pedagogia protestante do que na católica.

As lideranças católicas investiram em recuperar o espaço perdido através da educação em estratégia de longo prazo. Em Rio Claro, em 1909, monsenhor Botti admitia: “Em campo de religião, a crise é séria”. Seu grande projeto foi suprir o município de exemplar escola católica, iniciativa que vinha a coincidir com a disposição da Congregação das Irmãs do Puríssimo Coração de Maria instalar uma unidade no interior.

ASSIM ACONTECEU

As primeiras religiosas (Juliana, Emerenciana, Judite, e depois Leonilda) chegaram a Rio Claro no dia 15 de maio. Elas foram recebidas por Botti, às 15 horas, na estação ferroviária. A primeira criança matriculada, já no dia 18, foi Con-

cheta Leonardo, de nove anos, que mais tarde seria professora até 1922.

A escola manteve curso noturno gratuito, mas, em especial, correspondia às expectativas das elites, que buscavam a qualidade do ensino na forma de internato ou externato.

Em Rio Claro a novidade mobilizou a comunidade. Para as classes popular e média, o recurso era visto como garantia de ascensão social. Se a realidade universitária era restrita, a figura do normalista ocupava na prática o status equivalente ao de doutor.

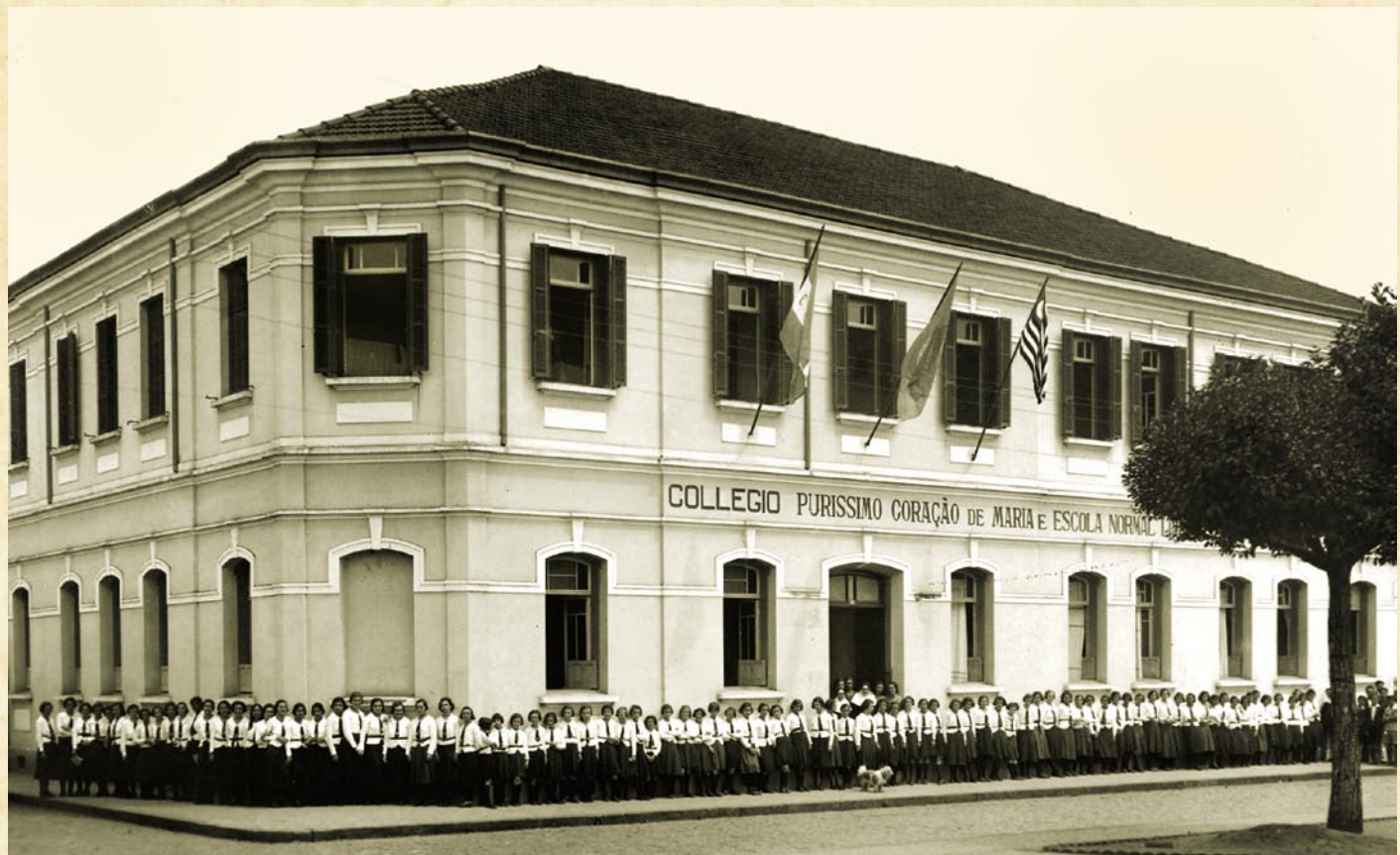
O programa escolar oferecia cursos de um a seis anos de duração, com as mensalidades variando de três mil a 10 mil réis. O curso de línguas incluía francês e alemão. As aulas particulares de música eram para piano, sanfona, bandolim, violino e cítara. Em 1918 a unidade passou

à categoria de colégio. O magistério tornava-se a próxima meta. Tendo em vista o combate ao analfabetismo denunciado pelas elites, em 1927 o governo estadual investiu na valorização do magistério. O objetivo era superar o desinteresse do professorado pela carreira devido ao fracasso das reformas tentadas até ali.

Educadores em todo país mobilizavam campanhas pela qualificação popular para o exercício do voto como instrumento para modernizar o país através do regime democrático. O voto consciente como fruto da educação era tema de permanente debate.

A legislação reduziu os cursos normais de cinco para três anos para acelerar o processo de formação de professores. Como as escolas públicas não fossem suficientes, o setor foi aberto à iniciativa privada, daí a característica no nome escolas normais livres. Até a formação das primeiras turmas ficou preservada a figura do professor leigo, extinta de vez em 1930.

Em Rio Claro a novidade mobilizou a comunidade. Para as classes popular e média, o recurso era visto como garantia de ascensão social. Se a realidade universitária era restrita, a figura do normalista ocupava na prática o status



equivalente ao de doutor. Ainda, poupava as famílias da matrícula de filhos em escolas de outras cidades. Para os políticos, representava a valorização do colégio eleitoral. No setor religioso destacava-se o objetivo doutrinário.

O curso foi disputado pelo presbiteriano e educador Joaquim Ribeiro, então proprietário de escola particular instalada no prédio onde hoje se encontra o museu Amador Bueno da Veiga. Ali mantinha os cursos primário, ginásial e técnico comercial. A escola foi municipalizada em 1938.

Devido à crise nacional do sistema de ensino, a partir dos anos 1980, e à permanente desvalorização profissional dos professores, o esvaziamento dos cursos de magistério tornou-se progressivo. O curso normal do Puríssimo entrou em fase de desativação em 1993 até fechamento definitivo em 1998.

Seu concorrente foi o monsenhor Botti, que conseguiu efetivar o projeto católico. Segundo testemunhos da época, a decisão entre as expectativas de Ribeiro e Botti coube ao deputado estadual Marcelo Schmidt, amigo de ambos.



Fachada do colégio em 1957

A decisão do deputado favoreceu Botti. Assim, em 16 de fevereiro de 1928, a escola normal do Puríssimo foi equiparada às unidades oficiais, nos regimes de internato e externato.

A primeira turma de normalistas formou-se em 1930, tendo como paraninco o monsenhor Botti. Seu discurso foi de apelo, “O mundo é perigoso, falso em suas insinuações: lembrem-se sempre de que vocês formaram-se sob a luz da fé”. Durante décadas, o curso do Puríssimo marcou o auge do ensino para as elites locais e da região. Entre seus grandes momentos, a escola foi mobilizada para a confecção de fardamento durante a Revo-

lução de 1932.

Dos visitantes ilustres que ali fizeram palestras destacam-se o educador Fernando Azevedo, o jurista Miguel Reale, o escritor Malba Tahan e o poeta Guilherme de Almeida. Este morou em RC durante sua infância, na esquina da Rua 2 com a Avenida 2, e sobre suas memórias locais escreveu o poema Barquinhos de Papel.

Na solenidade comemorativa aos cem anos do curso normal no Brasil, em 1946, o cônego Antonio Martins e Silva, então vigário de Rio Claro, enfatizou críticas à pedagogia moderna em fase de expansão no país para formação de professores primários.

Ele alertava a sociedade contra as tendências filosóficas que propagavam “o pensamento naturalista, idealista, pragmatista, socialista, individualista, nacionalista ou culturalista”. A seu ver, todas essas tendências eram incompletas em relação ao legítimo conceito cristão de pedagogia. O objetivo da educação, pregava, era desenvolver “as faculdades físicas, intelectuais, morais e religiosas que constituem a natureza da dignidade humana”.

Devido à crise nacional do sistema de ensino, a partir dos anos 1980, e à permanente desvalorização profissional dos professores, o esvaziamento dos cursos de magistério tornou-se progressivo. O curso normal do Puríssimo entrou em fase de desativação em 1993 até fechamento definitivo em 1998.



Ginásio Vocacional

Uma escola para a vida



Estudo do meio realizado à sede do Banco Bradesco na Cidade de Deus em Osasco em 1967

Eduardo Amos | eduamos@uol.com.br

Ex-aluno formado em 1967

“Quando me perguntam o que aprendi no Vocacional, digo que aprendi a ler jornal, a comer com faca e garfo, a me seduzir pela realidade, a trabalhar em grupo, a me enxugar no meio das pernas depois do banho.”⁽¹⁾

Essa frase do jornalista Aureliano Biancarelli, escrita 41 anos depois de se formar no Ginásio Vocacional de Americana, poderia, muito bem, ter sido escrita por algum aluno do Vocacional de Rio Claro. Essas poucas palavras dão a exata dimensão de como o projeto pedagógico de uma escola renovadora marcou definitivamente a vida de todos aqueles que por ela passaram.

Instalado precariamente no prédio do antigo Grupo Escolar da Vila Operária, hoje E. M. Monsenhor Martins, o Ginásio Vocacional de Rio Claro começou

a funcionar em 1963. Em 1965, transferiu-se para um casarão no Horto Florestal onde funcionou por três anos. Finalmente, em fevereiro de 1968 mudou-se para as instalações definitivas construídas na Rua 2, número 2877 onde ficou até a extinção do Ensino Vocacional em novembro de 1969.

O Vocacional, que tinha unidades instaladas em São Paulo, Americana, Barretos, Batatais, Rio Claro e São Caetano do Sul, era uma escola de período integral que tinha por pilares o trabalho em equipe, o estudo do meio e a participação ativa do aluno em seu processo de aprendizagem. Muito mais do que os conteúdos acadêmicos, ali se aprendia a olhar para a cidade, a entender o funcionamento das instituições e da sociedade, a buscar uma compreensão do mundo e,

o mais importante de tudo: aprendia-se a conviver com pessoas de todas as classes sociais.

UMA ESCOLA PARA TODOS

A seleção dos alunos levava em conta a composição da população da cidade em sua proporcionalidade de classes sociais para que a escola refletisse a maneira como a sociedade local se estruturava. Dessa maneira, a escola tinha a mesma composição social da sociedade rio-clarense. Como as classes mais baixas representavam a maioria da população da cidade, esse segmento social tinha maior peso no momento da seleção. Isso provocou muitos protestos de parte das famílias da elite local que viam muitos dos seus filhos impedidos de estudar numa escola de ensino de alto nível. O depoimento

da mãe de uma ex-aluna ilustra muito bem esse aspecto:

“Minha filha mais velha entrou na primeira turma, cuja origem social era de classe inferior. Os pobres eram maioria. O sistema era compreensivo e se preocupava em elevar os pobres. Estes não aceitavam nada que não fosse deliberado por eles. Foram ensinados a se organizarem e a defenderem seus interesses. Minha filha era ótima, mas não era aceita por ser filha de professora. Os pobres eram muito revoltados e minha filha sofreu. O Vocacional foi bom para ela no sentido intelectual, graças a ele, ela desenvolveu a capacidade de estudo e, de síntese, o que a levou a destacar-se no colegial do Batista Leme. No Vocacional ela não era ninguém, enquanto os pobres eram gente.”⁽²⁾

AS INSTALAÇÕES

As instalações, concebidas pelo arquiteto Pedro Torrano, pai de ex-aluno, formam o maior conjunto arquitetônico jamais construído no Brasil para abrigar uma escola de Ensino Fundamental I. A escola se espalhava por 10 blocos harmoniosamente distribuídos numa área de três quadras. Os prédios expressavam a proposta pedagógica da escola em que todas as disciplinas, atividades e projetos eram interligados. Além disso, a concepção daquele espaço escolar foi concebido de forma a colocar as atividades mais “barulhentas” (educação física e artes industriais) longe daquelas que exigiam maior concentração (português matemática, estudos sociais). Todos os blocos eram interligados por amplas passarelas cobertas e toda a área externa era ocupada por jardins construídos e mantidos pelos próprios alunos, os quais também cultivavam uma horta na disciplina de Práticas Agrícolas.

O espaço da escola era muito grande e não existia um pátio central, típico das escolas tradicionais, que permite que os alunos sejam permanentemente vigiados. Outro aspecto importante é que todas as portas permaneciam destrancadas durante as aulas e todos os alunos tinham acesso livre a todos os espaços.

TRABALHO EM EQUIPE

Tudo no Vocacional era feito em



Os alunos Benedito Tadeu Cesar (à esquerda) e Roberto Cartolano (direita) no pátio do Aeroporto do Galeão - Estudo do Meio ao Rio 1967 - foto de Roberto Cartolano

equipe: desde o primeiro dia de aula quando um grupo de alunos mais velhos conduzia um grupo de recém chegados pelas dependências da escola até o recebimento do diploma na cerimônia de formatura.

Cada equipe, formada a partir da aplicação de um sociograma (técnica de formação de grupos a partir de escolhas feitas pelos próprios alunos), contava com um líder e um redator que mantinham seus cargos por um período determinado. Dessa forma, crianças provenientes das várias camadas sociais conviviam no dia a dia da escola e se ajudavam mutuamente. Era dentro das equipes que se realizava a construção do conhecimento, num processo muitas vezes conflituoso e que levava a um profundo aprendizado de convivência social.

O CURRÍCULO

No Vocacional, o currículo contemplava não apenas objetivos de conhecimento, mas também objetivos comportamentais voltados para a formação de atitudes e da consciência crítica, o aprendizado da ética e a construção da cidadania no sentido mais amplo do termo. Enfim, a grande meta era o desenvolvimento integral do aluno. Para isso, além das disciplinas tradicionais como português, matemática, educação física e ciências, outras disciplinas, novas para todos nós, compunham o currículo: Estudos Sociais, Educação Musical, Artes Plásticas, Artes Industriais, Práticas Comerciais, e Práti-

cas Agrícolas. Todas as áreas disciplinas trabalhavam de forma integrada em torno de Unidades Pedagógicas. Cada unidade começava com uma assembléia de todos os alunos de uma mesma série, a “aula plataforma”. Coordenados por Estudos-Sociais, as discussões realizadas na aula plataforma culminavam com a definição de um tema gerador a partir do qual todas as disciplinas trabalhavam ao longo de um bimestre. Ao final desse período, realizava-se uma nova assembléia (aula-síntese) em que as equipes compartilhavam tudo o que haviam pesquisado, estudado e aprendido. O conhecimento, portanto, era compartilhado com outros colegas e não apresentado ao professor

numa prova escrita.

Um aspecto bastante renovador do currículo do Vocacional é que seu desenvolvimento se dava a partir da comunidade. É por isso que na 5ª série, o enfoque era a cidade (Rio Claro), na 6ª série trabalhavam-se temas relacionados ao estado de São Paulo, na sétima os temas falavam do Brasil e, finalmente, na 8ª série abordavam-se questões mundiais sem, contudo perder de vista seus impactos na comunidade.

ESTUDO DO MEIO

Outro pilar do Ensino Vocacional, o estudo do meio fazia parte do cotidiano da escola. Sempre tinha alguma classe saindo para algum lugar, para estudar alguma coisa fora da escola.

Em 1965, por exemplo, quando, na 6ª série, estudávamos o ciclo do café no estado de São Paulo, realizamos dois estudos do meio. Um para conhecer o Museu do Café em Ribeirão Preto e a casa de Portinari em Brodósqui. O outro teve a duração de sete dias e nos levou a São Paulo e Santos. Na capital visitamos várias indústrias, uma agência de publicidade, a Estação da Luz e alguns museus. Em Santos, conhecemos o porto por onde escoava toda a produção de café do Brasil e a Bolsa do Café. Mas o melhor de tudo é que para muitos de nós, foi a primeira vez que vimos o mar.

Já na 8ª série, ao abordarmos a questão da unidade nacional brasileira,

realizamos um estudo do meio ao Rio de Janeiro, de cinco a 13 de novembro de 1967. Nessa viagem conhecemos o Forte Copacabana, Maracanã, Escola de Samba Vila Isabel, Favela da Catacumba, Vila Kennedy (primeiro conjunto habitacional brasileiro), o reator atômico da UERJ, aeroporto do Galeão, Museu de Arte Moderna, Monumento aos Pracinhos (obra de Niemeyer), o Itamarati, a Academia Brasileira de Letras, Jardim Botânico, Corcovado, Pão de Açúcar, Ilha de Paquetá e Museu Imperial em Petrópolis. Numa tarde, uma das equipes foi recebida pelo escritor Ruben Braga em sua própria casa. Fazíamos nossas refeições no restaurante universitário chamado Calabouço, na Cinelândia. No ano seguinte, esse local seria palco do assassinato de um estudante que motivou a famosa Passeata dos 100 Mil. Na viagem de ida, dormimos uma noite no Parque Nacional de Itatiaia e na volta, visitamos a Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda e a Academia Militar de Agulhas Negras em Resende.

Atividades como essa em que 50 alunos do Ensino Fundamental I de uma escola pública saem de sua cidade e passam uma semana ou 10 dias estudando e conhecendo o mundo são simplesmente inimagináveis nos dias de hoje. A bem da verdade, nem mesmo as melhores escolas particulares oferecem aos seus alunos experiências desse tipo hoje em dia. Contudo, incomensuráveis são os impactos na formação de uma criança de 13-14 anos ao vivenciar tudo o que viagens desse tipo podem oferecer.

INSTITUIÇÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS

Paralelo à estrutura curricular, mas perfeitamente integradas à comunidade escolar e ao projeto pedagógico, existiam as instituições didático-pedagógicas que visavam preparar para a vida do trabalho e propiciar a participação do aluno no ambiente da escola a partir de uma perspectiva diversa. As instituições didático-pedagógicas eram vinculadas à área de Práticas Comerciais e incluíam: a cantina escolar, a cooperativa escolar, o banco escolar e o escritório contábil.

UMA HISTÓRIA DE LUTAS

A história dos Ginásios Vocacionais, desde o seu início, foi profundamente marcada por embates políticos tanto interna quanto externamente. O golpe militar de 64 que instaurou o mais longo período de ditadura no Brasil serviu como apoio para toda sorte de investidas contra o Ensino Vocacional, cuja implantação só foi possível graças à luta empreendida por professores, diretores, planejadores, pais, alunos e simpatizantes. A manutenção desse ensino tão revolucionário, por sua vez, não foi menos penosa já que, além de sofrer pressões vindas de instâncias superiores como a Secretaria de Educação, a escola ainda tinha que lidar com o jogo do poder local que, na maioria das vezes, não era favorável àquele projeto educacional.

O processo de desfiguração do projeto do Vocacional culminou com a invasão policial-militar ocorrida em todas

as escolas da rede no dia 12 de dezembro de 1969. As escolas e a sede do Serviço de Ensino Vocacional foram invadidas por agentes da Policial Federal e por militares de Campinas. Em todas as unidades foram detidos professores, funcionários, alunos e qualquer pessoa que se encontrasse no recinto por até oito horas. Todos os setores foram vasculhados e os agentes policiais retiraram livros das bibliotecas, textos de estudo, relatórios e grande quantidade de material didático.

Finalmente, em cinco de junho de 1970, o Decreto número 52.460 oficializou a extinção de todos os Ginásios Vocacionais bem como de toda a estrutura do Serviço de Ensino Vocacional. As escolas do sistema Vocacional passaram a integrar a rede comum de ensino. Os alunos já matriculados passariam a cursar as escolas comuns em regime didático especial até a conclusão do curso e os alunos que ingressassem a partir de 1971 passariam a ter o currículo comum a todas as escolas. O Vocacional já era coisa do passado.

UMA CHAMA QUE NUNCA MORRE

Hoje, depois de 41 anos, os ex-alunos do Vocacional ainda estão unidos. Desta vez, em torno da GVive, uma associação que congrega ex-alunos, professores, pais e simpatizantes e que tem por objetivo resgatar e preservar a memória dos Vocacionais. O site da GVive (www.gvive.org) oferece uma série de informações sobre os Ginásio Vocacionais e ajuda a promover encontros de ex-alunos e ex-professores.

Passados 41 anos de sua inauguração, o conjunto arquitetônico do antigo Ginásio Vocacional de Rio Claro continua lá, em pé, resistindo a toda sorte de projetos “novos” e mirabolantes que cada legislatura tenta instalar. Porém, como uma esfinge, ele continua desafiando toda a cidade a decifrá-lo. Afinal, há quatro décadas Rio Claro ainda não conseguiu descobrir o que fazer com aquilo tudo.



Formatura de 1967 - foto de Roberto Cartolano

(1) Essa frase foi publicada num artigo do Caderno Sinapse da Folha de São Paulo do dia 23/07/2002. Disponível na Internet em <<http://www1.folha.uol.com.br/foalha/sinapse/ult1063u28.shtml>>

(2) Esse depoimento aparece na página 132 da dissertação de mestrado de Sandra Machado Lunardi Marques, defendida na PUC-SP em 1985 que tem por título “Contribuição ao estudo dos Ginásios Vocacionais do Estado de São Paulo: O Ginásio Vocacional Chanceler Raul Fernandes de Rio Claro.”

Como se organiza a educação na Universidade Estadual Paulista (Unesp)



Profa. Dra. Marilena Aparecida Jorge Guedes de Camargo | marilena@linkway.com.br

Doutora em História e Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo (USP), SP;

Mestre em Filosofia da Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP);

Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (atualmente UNESP).

Professora do Programa da Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (UNESP)

e Rio Claro. Desenvolve pesquisas na linha das Organizações Educacionais: Cultura e Subjetividade.

Diversidade de campos do conhecimento, de abordagens, de registros pessoais e institucionais, de dispositivos escolares na transmissão de saberes, objetos escolhidos, suportes materiais, porção de gestos, sentidos e uma variedade de produções constituem a educação na cidade de Rio Claro. Existe, nisto tudo, uma arte de olhar, de admirar, de reconhecer e, também, de amar.

E por essa arte, seja a de olhar, admirar, reconhecer ou amar, percebe-se uma maneira de ser da educação na cidade de Rio Claro. Jogo com a memória nos anos tantos em que aqui vivi, procurando colocar o artigo que ora escrevo em relação com o real. Tenho sempre em vista que “o poder sobre a memória

futura, o poder de perpetuação, deve ser reconhecido e desmontado (...)” (Le Goff, 1v., 1982, p.104). Com isso, emergem as lembranças do passado e do presente e olhar para o futuro que há de vir, porque “nenhum documento é inocente. Deve ser ajuizado. Qualquer documento é um monumento que é preciso saber decompor, desmontar” (Le Goff, op.cit).

Usar as fontes associadas com teorias e opiniões me deu a chance de refletir sobre elas, como também sobre as representações, que são produtos tanto de várias categorias sociais, quanto de determinados grupos e pessoas.

Assim, procuro apresentar “como se organiza a educação na Universidade Estadual Paulista (Unesp)”.

DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS (FAFI) À UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP)

Em 1956 corriam boatos entre estudantes de que era “inconcebível uma cidade como Rio Claro não ter sua escola superior e que se necessitava uma urgente medida da parte do governo municipal”. Professores diziam: “... mais que em qualquer outra cidade do Estado, Rio Claro requer uma escola de nível superior”. Assim surgiam comentários que giravam sobre a importância de uma Faculdade para Rio Claro.

Com isso, “os alunos das escolas de nível médio existentes à época, por meio dos seus Centros Cívicos”, concre-

tizaram a demanda por ensino superior, “liderando um movimento pró-faculdade que congregava estes estudantes e buscava o apoio das lideranças políticas e sociais de Rio Claro em São Paulo” (Silva; Ribeiro; Gerardi, 2002, p.13).

Não se reduziu a luta para tal criação e, em 10 de fevereiro de 1957, foi sancionado pelo Governador do Estado o projeto de lei que criou para Rio Claro a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – FAFI.

Por decreto de 27 de fevereiro de 1958, foi designado como primeiro Diretor da Faculdade, o Prof. Dr. João Dias da Silveira.

A lei número 3895, de 7 de julho de 1957, deu origem à Faculdade, e a lei número 7749, de 28 de janeiro de 1963, a estruturou. Para que a lei fosse promulgada pelo Governador do Estado de São Paulo, Dr. Jânio da Silva Quadros, houve a colaboração de muitas pessoas manifestando-se junto com a Câmara Municipal: o Deputado Ulysses Guimarães, a Sociedade Amigos da Cidade, os Clubes de Serviço como o Rotary e o Lions, os membros da Associação Comercial e Industrial (Camargo, 1999, p.4).

A notícia da criação da Faculdade foi dada ao público rio-clarense, no dia 18 de julho de 1957, com a manchete no jornal Diário do Rio Claro:

Em regozijo à criação da Faculdade de Filosofia de nossa cidade, na manhã de domingo a Congregação dos Estudan-

tes Rio-clarenses promoveu manifestação pública. Reunidos os Centros Estudantinos e alunos do Instituto “Joaquim Ribeiro”, Escola de Comércio “Prof. Arthur Bilac”, Escola Industrial “Prof. Aprígio Gonzaga”, Organização Escolar Alem, Ginásio Koelle, e Escola Normal P.P. Co-ração de Maria desfilaram pela Avenida Um, e outras ruas centrais da cidade ...

A Faculdade foi instalada em maio de 1958, no bairro Santana, em um prédio de dois andares, com salas de aulas, laboratórios e gabinetes. Em 28 de janeiro de 1963, foi promulgada a lei 7749 que dispunha sobre a sua organização didática.

A Faculdade foi transformada em autarquia, de regime especial pelo Decreto-Lei número 191, em 30 de janeiro de 1970. Pelo Decreto número 52595, de 30 de dezembro de 1970, foi enquadrada no Regimento Geral dos Institutos Isolados do Ensino Superior do Estado de São Paulo.

A escola na época era pensada como parte da comunidade de Rio Claro. Parecia que o ensino estava sendo ministrado “dentro” dos bairros da cidade. Praticando com os moradores da comunidade, os professores trocavam saberes e experiências. Assim, a Faculdade deveria refletir a comunidade, buscando atender a seus problemas e tornando-se dela, mais próxima. Nesse processo contínuo que se identificava com a própria vida, a educação visava formar o indivíduo sem alterar o rumo de seu desenvolvimento

intelectual. Havia, pois, relação entre faculdade, educação e sociedade.

Ingo Roberto Koelle, da primeira turma de formandos da FAFI, disse numa entrevista, realizada em 1993, por Leila M. Albuquerque: “A gente estava preocupado, naquele período, em formar o pessoal capaz e o pessoal pesquisador também, estilo universitário. Todas as matérias, todas as carreiras dos quatro cursos da faculdade tinham interesse em marcar presença como formação acadêmica sólida e de pesquisa. A palavra pesquisa era um sinônimo da vida universitária...” (Garcia, 2008, p.178)

Por meio da indissociabilidade entre “ensino, pesquisa e extensão”, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foi exercendo uma influência maior nas ciências e suas idéias. Hoje, a Universidade Estadual Paulista – Unesp continua na preservação do seu papel de incentivar a pesquisa aplicada e a pesquisa social.

UNESP – CAMPUS DE RIO CLARO

A Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho foi criada por meio da lei número 952, em janeiro de 1976, e incorporada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. Em 20 de janeiro de 1977, com o Decreto 9449, foi criado o Câmpus de Rio Claro, da Unesp, o Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) e o Instituto de Biociências (IB). O Professor Doutor Alcides Serzedello foi o primeiro diretor do IB e o Professor Doutor Antonio Olívio Ceron, do IGCE. Atualmente, ocupam a Direção daqueles institutos, respectivamente, os Professores Doutores Luiz Carlos Santana, diretor e Jonas Contiero, vice-diretor; e Antonio Carlos Simões Pião, diretor e Sergio Roberto Nobre, vice-diretor.

Para apresentar como está organizada, atualmente, a Educação na Unesp, verifiquei como se dá a divisão dos Departamentos do IGCE e IB. Depois, investiguei, de modo geral e especificando de acordo com o meu olhar, o que cada Departamento traz de interessante em si.

A EDUCAÇÃO NO IGCE

O Departamento de Física é responsável pela maioria da carga didática do Curso de Física. Possui oficina de apoio de vidraria e oficina mecânica completa, laboratório computacional para os professores da área teórica e laboratórios de pesquisa que são distribuídos pelas linhas



experimentais. As disciplinas incluem os conceitos básicos de mecânica e eletricidade e os conhecimentos específicos de eletrônica. Experimentos em laboratórios oferecem assimilação de sedimentação dos fundamentos teóricos adquiridos. O Departamento de Planejamento Territorial e Geoprocessamento tem os Cursos de Graduação (atendidos): Geografia (IGCE), Geologia (IGCE), Ecologia (IB), Engenharia Ambiental (IGCE). O Departamento de Estatística, Matemática Aplicada e Computação: as disciplinas de Matemática Aplicada visam ao desenvolvimento do raciocínio lógico e da capacidade de abstração das aplicações reais com que o aluno irá trabalhar. Estas disciplinas e as de Estatística são fundamentais para a formação profissional do bacharel em Ciências da Computação. As disciplinas específicas em Matemática Aplicada oferecem conceitos teóricos e práticos de métodos numéricos aplicados à Computação. O Curso de bacharelado em Computação oferece formação em Computação para que o aluno atue em áreas técnicas, científicas e comerciais.

O Departamento de Matemática consta das disciplinas comuns às modalidades Licenciatura e Bacharelado e das optativas que são exclusivas de cada uma dessas modalidades. Possui laboratórios de Ensino de Matemática, de Vídeo e Didático de Informática e 32 computadores. O Departamento de Geografia constitui-se dos Cursos de Graduação de Licenciatura e Bacharelado. Presta serviços à comunidade nas áreas em que o Departamento atua. Possui laboratórios de Climatologia, de Apoio ao Estudo da Geografia, de Estudos Populacionais e de Informática. Possui o “Museu de Paleontologia e Estratigrafia Prof. Dr. Paulo Milton Barbosa Landin”. O Departamento de Geologia Aplicada conta com Cursos de Graduação: Geologia, Engenharia Ambiental, Geografia, Biologia, Ecologia. O Departamento de Petrologia e Metalogenia possui projetos em regiões do Brasil e um conjunto de laboratórios analíticos. Destaca-se o “Museu Didático de Minerais Minérios e Rochas Prof. Dr. Heinz Ebert”.

A EDUCAÇÃO NO IB

O Departamento de Biologia, desde tempo, “estabeleceu convênio com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) para financiar pesquisas de melhoramento genético de abelhas” (Silva; Ribeiro; Gerardi, 2002, p.75).



Possui “modernos laboratórios de Microscopia de Luz Eletrônica e de Biologia Molecular e Bioquímica” (Silva; Ribeiro; Gerardi, 2002, p.77). Ganha espaços na ciência, tecnologia e ensino. O Departamento de Bioquímica e Microbiologia possui laboratórios didáticos, de pesquisa, interdisciplinar de pesquisa do meio ambiente, de microbiologia industrial, de toxicidade em construção e de análise de águas. Presta serviços a Indústrias Alcooleiras da região, à Refinaria de Petróleo-Replan de Paulínia, a Indústrias Têxteis, Indústrias Alimentícias da região e às Distribuidoras de Águas Minerais. O Departamento de Botânica centraliza as atividades botânicas da região de Rio Claro. As linhas de pesquisas compreendem: Anatomia dos Órgãos Vegetativos e Reprodutivos, Taxonomia e Ecologia de Fanerógamas, Taxonomia e Ecologia de Criptógamas, Fisiologia do Desenvolvimento e Ecofisiologia, Fenologia e Interações Bióticas e Florística, Fitossociologia e Ciclagem de Nutrientes. No Departamento de Ecologia, com a criação de diversos cursos, aumentou-se o número de docentes, de modo a fortalecer a pesquisa junto ao ensino. Docentes com os seus grupos desenvolvem pesquisas em diversos campos da ecologia, destacando-se: Ecologia de Populações; Ecologia de Insetos Sociais; Ecologia de Comunidades; Interações entre Plantas e Animais; Ecossistemas Ter-

restres: Ciclagem de Nutrientes; Recuperação de Áreas Degradadas; Avaliação de Impactos Ambientais. No Departamento de Educação, os professores são responsáveis pela maioria das disciplinas do Curso de Pedagogia e pelas de formação pedagógica nas licenciaturas dos dois Institutos. Projetos de Prestação de Serviços à comunidade são relacionados à educação e ao ensino, bem como a trabalhos de assessoria às escolas. O Departamento de Educação Física oferece ao ensino de Graduação, a maior parte das disciplinas que constam da grade curricular dos Cursos de Licenciatura e de Bacharelado em Educação Física. Conta com vários laboratórios, como os de Comunicação, Expressão e Música, de Estudos do Movimento, salas de judô, musculação, fisioterapia, pista de atletismo, campo de futebol e outros.

PÓS-GRADUAÇÃO NOS INSTITUTOS DA UNESP

Educação: visa desenvolver pesquisas e divulgar teorias e práticas educacionais; formar e capacitar pesquisadores e profissionais em educação; e capacitar profissionais para analisar problemas e desenvolver propostas de trabalho concernentes à alfabetização, à educação ambiental e à gestão de organizações educacionais. Os núcleos temáticos são: Alfabetização e Linguagens; Epistemologia e Práticas Educacionais; Educação

Ambiental; Organizações Educacionais; Biodinâmica da Motricidade Humana: procura estabelecer modelos fisiológicos e metabólicos do desempenho esportivo e suas implicações para o treinamento físico; Ciências da Motricidade- Pedagogia da Motricidade Humana: examina questões como cultura/natureza, saúde/doença, socialização, danças, jogos, terapias e outras em que as corporeidades são significadas histórica e coletivamente; Biologia Vegetal: visa ao estudo das plantas como organismos diferenciados e organismos que interagem com o meio biótico e abiótico. Microbiologia Aplicada: desenvolve trabalhos de pesquisa em despoluição ambiental cuja avaliação é dada por indicadores físico-químicos e biológicos e ainda visa a sua inserção em instituições de ensino e pesquisa no setor industrial e no controle ambiental; Biologia Celular e Molecular: tem como objetivo básico a formação de docentes e pesquisadores para atuar nesta área de concentração e nas Ciências Biológicas, nas instituições públicas de ensino e pesquisa, bem como em instituições privadas e empresas; Zoologia: tem a finalidade de formar docentes, pesquisadores e outros recursos humanos especializados em Zoologia; Física com área de concentração em Física Aplicada: visa promover a formação e o aperfeiçoamento de recursos humanos para desenvolver atividades de docência e pesquisa em instituições de ensino superior; prestar serviços especializados para indústrias e comunidade;

Geografia: tem por objetivo a formação de docentes, pesquisadores e de recursos humanos especializados, bem como o desenvolvimento científico e tecnológico da área. Tem como área de concentração a Organização do Espaço; Geologia Regional: propõe a formação e aperfeiçoamento de recursos humanos para atuarem tanto na área do ensino, da pesquisa geológica básica e de aplicação quanto em domínios correlatos.

Das disciplinas, a área de concentração é Análise da Relação Deformação-Metamorfismo; Geociências e Meio Ambiente: visam formar recursos humanos capacitados para atuar técnica e cientificamente em projetos relativos a impactos antropogênicos e naturais ao meio ambiente e na exploração de recursos hídricos e energéticos; formar o profissional para atuar na docência do ensino superior e cidadão com capacidade técnico-científica e postura crítica. Áreas de concentração: Análise ambiental e Depósitos Estratiformes; Educação Matemática: que tem disciplinas além de várias atividades; seminários com apresentação de pesquisas em andamento ou conferências de convidados. Marca um espaço de discussão, aberto à comunidade, sobre teorias, metodologias e demais questões relacionadas à pesquisa em Educação Matemática; Matemática Universitária: tem por objetivo a formação de um matemático, com suficiente grau de erudição matemática para traçar conexões entre os diversos domínios dessa ciência.

CENTRO DE ANÁLISE E PLANEJAMENTO AMBIENTAL

Destaca-se o Centro de Análise e Planejamento Ambiental (CEAPLA): visa estudar, avaliar e gerenciar os problemas ambientais setoriais e/ou de abrangência regional integrada, com o uso de tecnologias avançadas no setor da informática. Tem uma atuação interdepartamental tanto no âmbito do IGCE como no do IB. Atua também em parceria com outras universidades paulistas e de outros estados brasileiros e com instituições estrangeiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação nas duas Instituições pertence ao homem, “depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem” (LE GOFF, 1982, p.107), mas também depende de cada um para dar a ela um tom diferente. De minha parte dou esse tom diferente: vejo a educação servindo à vida, “entendida como formação, informação e participação múltipla na construção da cultura, da política e de um espaço e tempo coletivos (Camargo, 2000).

Há, por assim dizer, na vida da Educação da Unesp, um jogo com formas de construção e desconstrução, experiências, situações fáceis e difíceis, discursos pessoais, questões cotidianas, textos teóricos, práticas, materiais, armas ideológicas, política da educação, técnicas, informática, antagonismos, criações diferentes, mas são diferentes os pensamentos e sentimentos das pessoas que aí convivem.

Referências Bibliográficas

- CAMARGO, Marilena A. Jorge Guedes de. *Agenda Rio-clarense: 2000. Prefeitura Municipal de Rio Claro/Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, 2000.*
- CAMARGO, Marilena A. Jorge Guedes de. *Os primeiros anos da Pedagogia de Rio Claro. In: Revista Educação: teoria e prática. V.7, n.13, jul.-dez, 1999.*
- GARCIA, Líliliana Bueno dos Reis. *História e Memória- Os 50 anos do Ensino Superior Público em Rio Claro: da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” 1958 a 2008. Araraquara: Gráfica UNESP, 2008. v.1.*
- LE GOFF, Jacques. *História. 1 v., Portugal, Lisboa: Edições 70, 1982 (História e Memória).*
- SILVA, Osvaldo Aulino da; RIBEIRO, Maria Augusta Hermengarda Wurthmann; GERARDI, Lucía Helena de Oliveira. *Mosaico iconográfico: do Instituto de Biociências da Unesp Câmpus de Rio Claro. Rio Claro, SP: UNESP, Instituto de Biociências, 2002.*



Semente

Uma escola que deixou saudade

Ana Brandão | ana_brandao@hotmail.com

Jornalista, aluna da Semente de 1987 a 1996.

Fernanda Rios | fernanda_rios_81@hotmail.com

Geógrafa, estudante de pedagogia, coordenadora de grupos de adolescentes, aluna da Semente de 1985 a 1996.

*“Eu sou uma semente, semente,
Sementinha de gente, de gente, de gente,
que gosta de cantar, que gosta de brincar,
que gosta de estudar, lalaiálaiálaiá
Eu sou uma semente, semente, de um novo dia, planta-
da agora, pra no futuro, poder brilhar lalaiálaiálaiá”*

Quem já ouviu essa música com certeza viveu um pouquinho do que foi a Escola Semente. Fundada em 1981 como uma tentativa de criar algo diferente do que já existia, a escola inicialmente se preocupou em fazer algo de qualidade para crianças com necessidades especiais, valorizando o que eles tinham, e não o que lhes faltava. À pedido dos pais desses alunos foram criadas classes para seus outros filhos, propondo uma integração. A partir daí a Semente só cresceu, ampliando para o 1º grau, ensino fundamental, magistério e berçário.

Com apenas uma classe por série e no máximo 25 alunos por sala, a Semente teve sua primeira sede na Avenida 11, entre ruas 7 e 8, prédio que foi demolido para a construção do Sindicato Rural. Nesse primeiro prédio mantinha classes especiais e de educação infantil. Em 1985,

a escola é transferida para a Avenida 25, entre as ruas um e zero. Nesse primeiro momento mantém um prédio com as salas de aula, parque, piscina, biblioteca, e uma área ampla que permitia diversas atividades extraclasses como ensaios de teatro, jograis de poesias e muitos outros. Mais tarde constrói um novo prédio, asobradado, com observatório para estudos de astronomia e ampla biblioteca.

“A Semente foi uma obra de arte em minha vida. Algo criado com cuidado, mas acima de tudo com muita ousadia, coragem e invenção. Nem sempre tínhamos a clareza teórica do que estávamos fazendo, embora sempre estivéssemos estudando e indo para São Paulo fazer supervisão na Escola da Vila. A intuição de perseguir um caminho novo, logo era confirmada com a chegada de um autor que apresentava um estudo sobre algo

que já fazíamos: a impressão, muitas vezes, era de que descobríamos juntos um fazer e eles (autores, estudiosos) escreviam antes de nós. Muito do que se começa a fazer nas escolas agora, inventamos lá atrás na Semente. Só pudemos fazer isso porque muitos pais acreditaram em nós e muitas crianças e adolescentes puderam ser nossos cúmplices. A Semente é a minha prova de que muito está para ser criado se queremos um mundo melhor: há que criar, mais do que repetir...” - Teresa, proprietária da Semente juntamente com Milton Machado Luz e Maria de Lourdes Hebling Mazine.

Diferente das outras escolas, lá não havia sinal para avisar o horário de entrada, saída e nem intervalo. Para ir ao banheiro era preciso escrever o nome em um canto da lousa, sempre um aluno por vez, não sendo necessário pedir per-



Projeto Coleta Seletiva - gravação da reportagem para o programa Fantástico em fevereiro de 1993

missão para isso. Não havia cantina e o lanche era igual para todos: bolo, bolacha e suco; cachorro-quente; abacate; ovo cozido e pipoca também faziam parte do cardápio. Não era permitido que os alunos levassem lanche de casa (a não ser por recomendação médica) para que não houvesse diferença, assim todos comiam e bebiam a mesma coisa. O dia mais esperado de todos era a sexta-feira, quando havia mini-pizza de pão: a briga era para ver quem iria comer a parte e a repetição de quem havia faltado.

A forma de avaliação também era um diferencial da escola. Não eram notas de zero a dez nem de 'A' a 'E'; a nota de cada disciplina era de zero a dez, mas dividida em dois quesitos: de zero a cinco no quesito conteúdo e novamente de zero a cinco de atitude (comportamento, pontualidade e participação). A média era sete, o que significava ser necessário somar as notas de conteúdo e atitude. Em algumas salas havia alunos especiais, com algum tipo de necessidade especial, e eram sempre acolhidos, respeitados e integrados com o restante da escola, participando de todas as atividades. Os alunos que precisavam de salas especiais eram integrados nas atividades da escola. Tínhamos aulas de inglês desde o pré II, e na quarta série realizávamos um Halloween à noite na escola, no qual íamos fantasiados de monstros, bruxas, múmias e cantávamos as músicas (em inglês) que havíamos aprendido nas aulas, saindo pelo bairro fazendo as brincadeiras típicas dessa tradição americana.

As gincanas eram 'o' evento do ano. As equipes tinham grito de guerra, jingle e suas cores específicas. Pais e irmãos eram convidados para participar. As provas iam desde quem arrecadasse mais cabides em meia hora, até descascar uma laranja sem machucá-la e nem interromper a casca. Aprofundando o português, tínhamos o maior prazer em participar dos festivais de paródia e dos jograis. As poesias eram escolhidas "a dedo" e recitadas com muita emoção: Eu, Etiqueta de Carlos Drummond de Andrade, Santa da Casa, entre outras que tinham tudo a ver com a fase da vida em que nos encontrávamos.

As aulas de ciências aconteciam em uma chácara, quase ao ar livre. Havia um pomar e cada dupla era responsável por um pé de fruta. Regávamos as nossas plantas, observando e acompanhando o seu crescimento. Havia também uma

além das matérias tradicionais, sempre interligadas, aulas de Educação Artística, Estudos Sociais, Computação, Música e Psicologia

horta cuidada pelos alunos, com cenoura, alface, e quando cresciam fazíamos saladas temperadas com o limão do pé. Além da chácara, fazíamos passeios ao Horto Florestal, ETA, Daae, Assistência, sempre de perua e mais de uma viagem, pois não cabia a classe toda.

Fazia parte também dos passeios as Bienais do Livro e da Arte em São Paulo, Museu do Ipiranga, Memorial da América Latina, Butantã e peças teatrais. Muitos eram os estudos preparatórios e de registro das viagens

A grade curricular da escola trazia, além das matérias tradicionais, sempre interligadas, aulas de Educação Artística, Estudos Sociais, Computação, Música e Psicologia, sendo que estas eram um acontecimento. Ministradas a partir da quinta série, as aulas traziam questões acerca da sexualidade, corpo e adolescência, sempre de maneira dinâmica. Líamos

livros sobre gravidez na adolescência, drogas, prevenção, tirávamos dúvidas, fazíamos paródias. Na sétima série cada aluno recebia um ovo de galinha para cuidar. A regra era tomar conta daquele ovo como se fosse seu filho. Podíamos desenhar rosto, cabelo, decorá-los como mais nos agradasse e também deveríamos batizá-los com um nome. Uma semana depois o ovo deveria ser trazido de volta e obviamente a maioria tinha se espatifado pelo caminho, as mães haviam guardado na geladeira, jogado fora. Esta atividade tinha como objetivo desenvolver o senso de responsabilidade dos alunos, fazendo-os sentir na pele o que é ter um filho.

Na escola havia também um projeto de reciclagem e coleta seletiva, pioneira na cidade, que tinha até um grito de guerra: "Papel, vidro, plástico e metal, é vitória, é sucata, bobeou a gente cata". Até o programa 'Fantástico' da Rede Globo veio fazer uma reportagem.

"A Semente me ensinou coisas para a vida. Matemática, Português e as outras matérias não eram muito meu forte, mas Amizade, Companheirismo, Parceria não me faltavam. Me lembro que uma vez, no meio de uma brincadeira eu arremessei minha mochila que acertou numa lâmpada e ela quebrou. Fiquei com muito medo mas ao invés de advertência, broncas e suspensões, tive que trazer o valor da lâmpada em recicláveis. Essa era a Escola Semente. Pena que minha filha Júlia não poderá estudar lá" – Paulinho Dikerts, ex-aluno.

Sempre com o intuito de formar cidadãos conscientes, próximo às eleições havia um debate com os candidatos e a realização de uma eleição interna, na qual cada sala tinha o seu candidato. As salas deveriam criar jingles, santinhos, discursos, propostas de melhoria dentro da escola, e depois de várias semanas fazendo a campanha havia a eleição, na qual todos votavam: professores, funcionários e alunos, desde o pré até a oitava série, já aprendendo a praticar o ato de votar.

As festas de fim de ano eram as melhores: sempre inseridas no contexto da época, criticavam com humor a questão dos políticos, eleição, o excesso de TV, programas da Xuxa, Angélica, sempre incentivando a cultura e o brincar. Em 1990, logo após a queda do muro de Berlim, a festa foi homenageando a luta daquela época, com apresentações dos alunos cantando Beatles, a Velha Guarda, a música "Era um garoto que como eu



Eleições municipais de 1992

amava os Beatles & os Rolling Stones” dos Engenheiros do Hawaii, entre outras.

“Semente... foi o que plantei nessa nossa escola... o próprio nome diz. Os frutos estou colhendo até hoje no caminho chamado vida.

Ter tido a oportunidade de fazer parte da Família Semente, é um orgulho e uma bênção de Deus! A lembrança dos Amigos, Professores, Pais, Pontos de Encontro, Jograis, Ensaíes, Gincanas e a maravilhosa convivência com todos estarão sempre guardados no lado esquerdo do peito, dentro do meu coração. E tenho certeza que a Escola Semente gerou frutos para todos que um dia fizeram parte dessa magia. O Mundo seria muito melhor, se escolas como a Semente ainda existissem. A saudade é eterna” – Amanda Mônaco Dário, ex-aluna.

Na quarta série, era a vez do famoso acantonamento. Os alunos não viam a hora de chegar. Em uma sexta-feira à noite íamos para a escola de mala e colchão, preparados para a grande aventura. Éramos divididos em duplas e cada uma ficava responsável por um horário. Depois de um lanche com leite e bolacha, saíamos com a lanterna nas mãos para coletar insetos para as aulas de ciências. A hora de dormir era a melhor: muitos nunca haviam dormido fora de casa (vários pais ficavam até ter a certeza de que seus filhos estavam bem acomodados). Conversávamos até altas horas, baixinho para que os professores não nos percebessem (como se isso fosse possível), fazíamos show de luzes com as lanternas. E de hora em hora, despertava o relógio de uma dupla para sair e fazer as observações: medíamos a temperatura, direção do vento, o movimento das estrelas, a chuva, as nu-

vens, observávamos o céu. Logo de manhã, depois do café, observávamos o sol, o tamanho e posição das sombras e íamos preparar o almoço. Montávamos umas dez lasanhas coletivamente, com a ajuda de professores e as tias da cozinha. À tarde continuávamos estudando o céu em meio a outras atividades de educação física para mais tarde ir embora. Aprendemos a observar, a construir gráficos a analisar: atividades que nos serviram por toda a vida.

Outra atividade famosa era o Ponto de Encontro. Acontecia às sextas-feiras e era mais uma oportunidade de reunir pais, professores, funcionários e alunos.

*Uma grande família,
uma lição acima
de tudo de vida e é
por isso que ela ainda
vive dentro de cada
um que vivenciou
um pouquinho
da sua história*

Realizado no pátio da escola, com petiscos, bebidas, muita música e boa conversa. Além disso, havia futebol, tênis de mesa e recitais de poesias. Era no Ponto de Encontro e algumas vezes aos domingos de manhã que rolava o Mercado das Pulgas, onde podíamos trocar brinquedos e objetos que não nos servissem mais por alguma outra coisa que nos interessasse.

“Difícil pular essa fase de nossas vidas chamada Semente. Seguimos passo a passo o desenvolvimento sociocultural de nossos filhos, seus amigos e



colegas de escola. Um ensino profundo, dedicado, moderno, mais tolerante e a comunicação era a palavra chave entre diretores, professores e alunos. Me contem onde a integração pais, mestres, alunos e família era mais aberta e concreta?

Como esquecer nossas reuniões onde debatíamos os assuntos inerentes ao ensino e futuro de nossos filhos e a descontração invejável de nossas festas ou encontros festivos? Quem nasceu, se criou ou viveu a Semente sabe muito bem o que estou dizendo. A palavra “saudade” é pouco para descrever o que sentimos por esse marco em nossas vidas” - Big Dário e Carmem.

Muito mais que uma escola, a Semente foi um lugar onde aprendemos a ser gente, começando como semente. Uma grande família, uma lição acima de tudo de vida e é por isso que ela ainda vive dentro de cada um que vivenciou um pouquinho da sua história. Está nas lembranças, na formação e no caráter de todos aqueles que acreditaram e presenciaram uma proposta diferente de ensino, aprendizagem, parceria, companheirismo, respeito e acolhimento ao diferente. Simplesmente um ensinamento que vai ficar para sempre.

“Fer, não sou boa nisso, mais o que eu sei com certeza é que a escola não poderia ter tido outro nome mesmo.

Foi graças a essa semente que consegui obter os melhores frutos, pois o Paulinho e a Flávia só me orgulham muito em tudo que fazem e tenho certeza que estudarem na semente contribuiu muito para isso, pois todos éramos unidos: professores, pais, alunos e funcionários e como já sabemos: a união fez a nossa força. Que saudade!” Janete.



Festa de encerramento do ano letivo de 1982

“Pra ver a Banda passar”



Apresentação sob a regência do maestro Jorge Augusto Mendes Geraldo

Lourenço Favari | lourenco.favari@yahoo.com.br

Jornalista e pesquisador audiovisual

No coreto da praça, no Festival de Rock Feminino, em concertos ou em desfiles cívicos de Rio Claro e região, ouvir instrumentos de sopro e percussão, em uma desenfreada sucessão de notas musicais, é uma realidade que faz parte da tradição cultural rio-clarense.

A Banda União dos Artistas Ferroviários foi fundada em 1896 por um grupo de pessoas que se reunia para tocar informalmente em uma casa localizada na Rua 4, entre as Avenidas 12 e 14.

Com isso, fundaram uma associação com o nome de Sociedade Musical União dos Artistas que, posteriormente, passou a fazer parte do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Pau-



lista agregando, portanto, o nome de Ferroviários.

Na década de 70, deixou de pertencer à Ferrovia quando a antiga Paulista, já Fepasa, interrompeu o apoio ao grupo de músicos, contudo a banda preservou o nome Ferroviários. No fim da década de 80, a banda firmou um contrato com a prefeitura municipal de Rio Claro, que passou a subsidiar apresentações para a sociedade rio-clarense e cidades vizinhas.

Atualmente a Banda União dos Artistas Ferroviários realiza seus ensaios na Rua 1 B, no antigo barracão da Fepasa, toda sexta-feira, às 19h30. Sob a regência do maestro Jorge Augusto Mendes Geral-

do, a banda conta com cerca de 50 músicos que cumprem a agenda da cidade e também da região. “Setenta por cento dos músicos da banda tocam porque gostam, não existe remuneração para tocar”, declarou o maestro.

Segundo Jorge, a banda é um grupo amador de músicos, no entanto todas as apresentações realizadas são tratadas com profissionalismo pelos integrantes, uma vez que eles se dispõem a tocar: “Existe respeito e compromisso com a banda”.

De acordo com o maestro, o que diferencia a Banda das orquestras são os tipos de instrumentos usados. Eles são divididos em três grupos: Madeira – clarinete, saxofone, flauta e oboé; Metais – trompete, trombone, tuba e tromba; Percussão – caixa, bumbo, xilofone e tímpanos.

A banda é mantida pela Sociedade Musical União dos Artistas Ferroviários, que também mantém a Escola Gratuita de Música para iniciação em instrumentos de banda.

Em 2008, a Banda dos Artistas foi



Apresentação da Banda

contemplada pelo Projeto Bandas da Funarte e recebeu 20 mil reais para renovar o instrumental para realização de concertos e dar suporte às aulas ministradas. O projeto também disponibilizou arran-

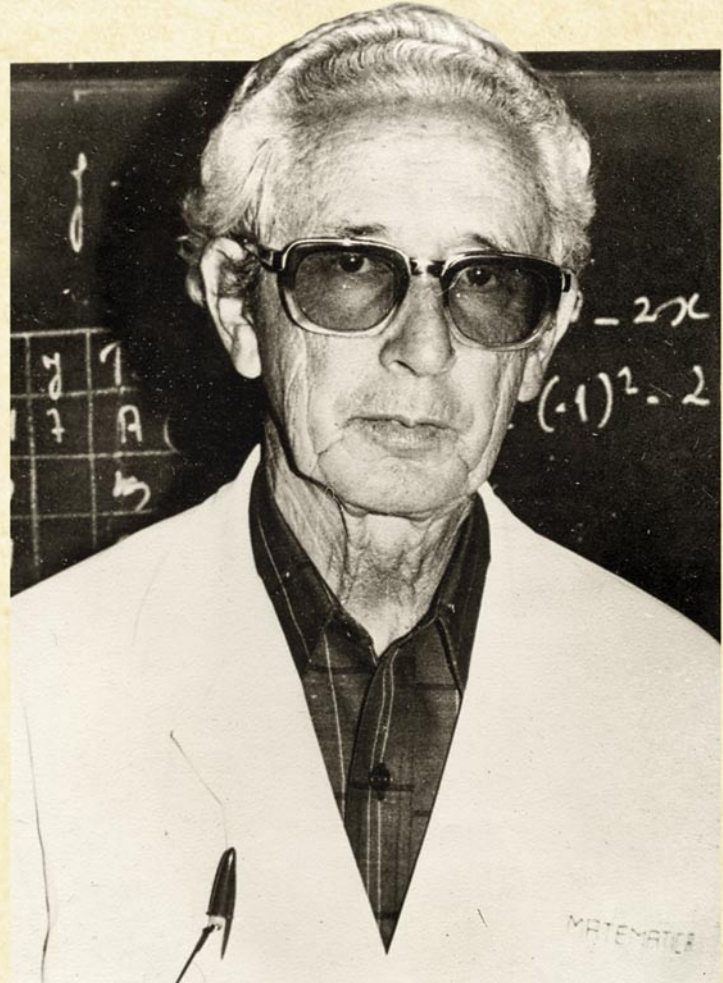
jos de diversos temas para a divulgação da música popular brasileira, adequados à formação de uma banda.

Este ano a banda completa 113 anos de idade.



Primeiros componentes da Banda União dos Artistas Ferroviários

Professor Victorino, para além do ensino da matemática



Maria Teresa de Arruda Campos

*Três chaves abrem todas as portas:
Por favor,
Muito obrigado,
Com licença .*

O Professor Victorino sempre teve os cabelos brancos, as mãos macias e uma palavra de ânimo para a vida, assim o conheci. Mais do que ensinar matemática ele foi um professor preocupado com as relações entre as pessoas, com a maneira como poderíamos construir as amizades, o respeito pelo outro e claro, a vida em sociedade.

Nunca vi o Professor Victorino ficar bravo, gritar. Antes disso, ele falava com uma mansidão que ninguém ousava questionar.

Era um apaixonado pela matemática e tentava a todo momento, com cada novo conceito nos convencer de que a matemática era algo muito importante para nossas vidas. Usava muitos exemplos sobre sua aplicação no dia-a-dia, mas nada disso me aproximou dela. Quando fui para a área de humanas me lembro

que ele disse que eu deveria pensar, que a área de humanas era muito difícil no mercado de trabalho. Ele tinha razão, mas era ela que me chamava.

Lembro-me que numa prova escrevi as fórmulas com lápis bem fraco na última página da folha de papel almaço. Esqueci de apagar e entreguei. Passei uma semana nervosa com o que poderia acontecer. Quando recebi a prova de volta, corrigida, havia um risco vermelho na última página, o Professor me devolveu a prova, em mãos, como sempre fazia com cada aluno, explicou o que errei e não falou nada. Por meus erros na prova ele viu que era uma cola, mas que eu não a consultei. Não precisou me punir, eu mesma já havia feito isso comigo. Sábio Professor

- foi minha primeira e última cola.

Mais tarde, conheci um outro homem. Era o Tio Vitu. Os cabelos continuavam brancos, as mãos macias. O sorriso e o abraço eram mais longos. Logo que comecei a namorar o Milton, fui conhecer a família e tive o prazer de conviver com um homem, não mais meu professor, mas um marido, pai, tio, irmão, cunhado, amigo que tinha sempre um ouvido para os lamentos e histórias... ele sabia ouvir as histórias que chagavam a ele aos montes... tinha também uma palavra querida, poucas e profundas.

Toda vez que íamos à sua casa,

descíamos no quintal para ver os pôneis e ele fazia questão de mostrar o quanto eram inteligentes e como aprendiam rapidamente o que ele ensinava. Ali falava bastante, era um homem entusiasmado com o que fazia.

Uma vez contou que estava na sala dos professores e um professor entrou muito bravo, pois havia brigado com um aluno. Segundo o Tio Vitu, aquele professor estava transtornado e disse bem alto que não queria mais dar aulas para aquele aluno pois ele era um cavalo. Imediatamente, naquele momento Professor Victorino virou para ele e disse que deveria ser um aluno muito inteligente pois os cavalos são muito inteligentes... segundo ele, o silêncio na sala foi profundo.

Lembro-me dele como um encantador de cavalos, ele sabia entender e era compreendido também. Quanta paixão tão bem dividida com os sobrinhos e com o filho. Os desfiles no aniversário da cidade, as viagens ao Parque da Água Branca,



as exposições, as explicações...

Aproveitei a convivência, ouvi suas histórias, vi sua relação com as pessoas e aprendi que a vida nos brinda com elas, com seus jeitos especiais e marcantes, com a doçura de um olhar firme e carinhoso ao

mesmo tempo.

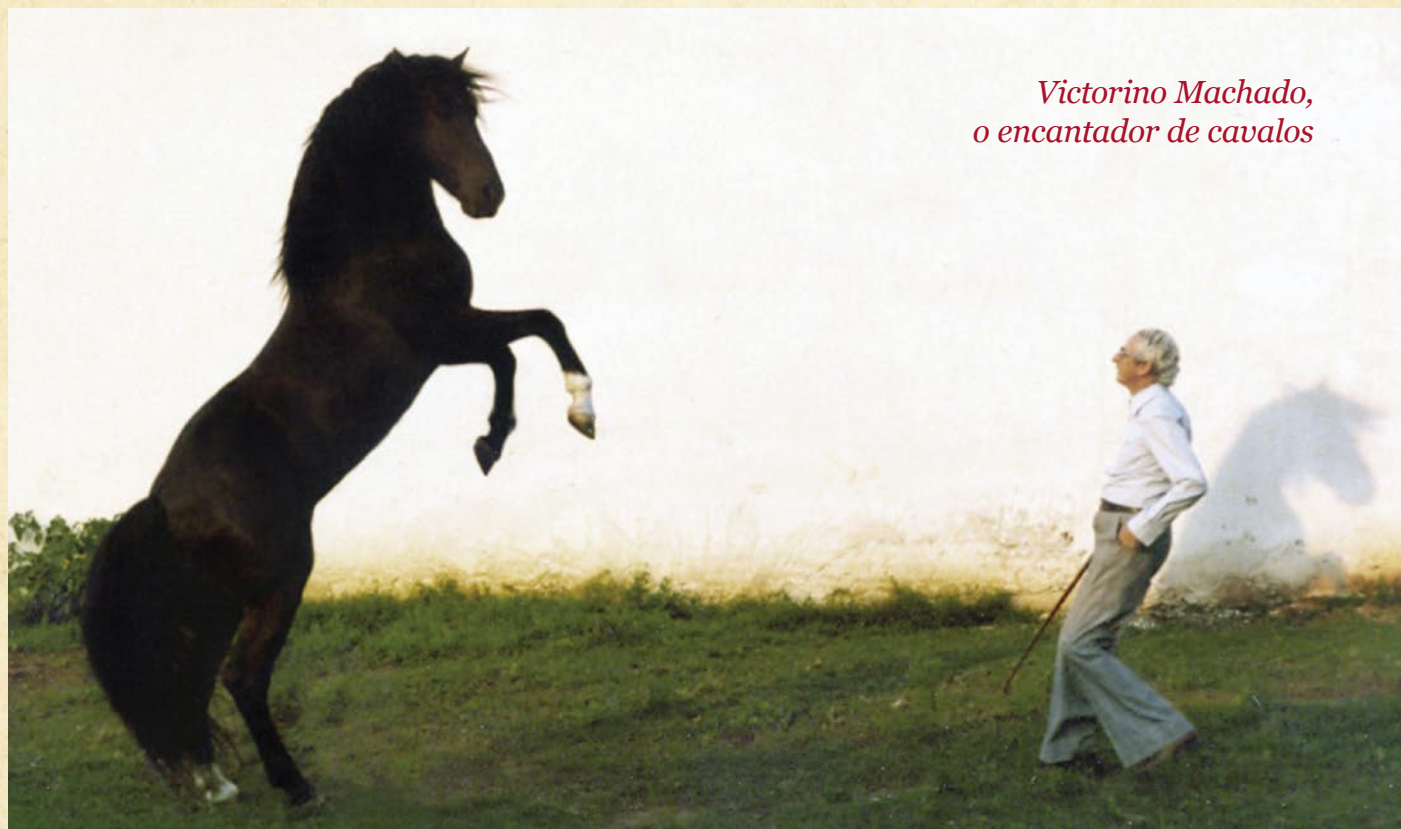
Quando Leonel nasceu, Tia Ilara deu a ele um pônei lindo que havia pintado para o marido. Quando Vitor nasceu também ganhou um. Tio Vitu gostaria de ter acompanhado a trajetória dos sobrinhos-netos no hipismo: Danilo Polanzan Vitti, Maria Eduarda Polanzan Vitti, Mateus Machado e Vitor de Arruda Campos Machado Luz.

O Clube de Cavaleiros recebeu seu nome, uma escola municipal também. Esse homem, fez história e marcou a todos que com ele conviveram.

Antes de escrever essa história, marcante em minha vida, fui ver os álbuns de fotografia de minha família e lá estavam os dois, lá estavam eles. Um e outro, Victorino e Ilara, ensinando a viver, com doçura

impar e presença inesquecível.

Victorino Machado nasceu em 21 de maio de 1912, em Rio Claro e faleceu no dia cinco de abril de 1981, deixando saudades a todos que puderam desfrutar de sua presença.



*Victorino Machado,
o encantador de cavalos*

Raul, o embaixador de Rio Claro no Rio.



Grande Parada Radiophonica
no
THEATRO VARIEDADES DEZEMBRO
Uma das maiores realizações da **NATAL 25**
RADIO CLUBE DE RIO CLARO P. R. F. 2 A's 14 horas

Programma da BALANÇA

sob o alto patrocínio do DEPOSITO DE RETALHOS A KILO

As inscrições podem ser feitas no
Dep. de Retalhos a Kilo
a rua 3 n. 1330 e nos Studios da
Radio Clube de Rio Claro - P. R. F. 2
até o dia 24

Atenção :
Será feita grande distribuição de presentes as crianças e sortelo de prêmios aos assistentes

Não percam essa maravilhosa festa
radiophonica
Piadas, Risos e Arte !!!

Venha demonstrar as suas qualidades oratórias, candidatando-se a melhores oradores!
Uma revanche aos futuros oradores de amanhã

PREÇOS
Adultos . . . 1\$000
Crianças . . . \$600

PREMIOS

1.º colocado . . .	60\$000
2.º " " . . .	30\$000
3.º " " . . .	20\$000
4.º " " . . .	15\$000
5.º " " . . .	10\$000

De 14 a 18 minutos, prêmios em dinheiro
Todos podem tomar parte : calouros, amadores, solista, enfim, qualquer genero artistico

INSCRIÇÃO PESSOAL 2\$000

BRUNINI FILHO - o melhor «Speaker» do interior embaixador do maravilhoso programma da Balança

SAVOY - Rio Claro

Sérgio Carnevale | scarnevale@uol.com.br

Contador, radialista e jornalista. Vereador no quarto-mandato.
Rio-clarense, nascido na Cidade Nova.

Sempre ouvi meus pais, que eram fanáticos pelo rádio, falarem de Raul Brunini, que eles tiveram o prazer de ouvir ainda na Rádio Clube - a antiga PRF-2.

Na minha adolescência e juventude, ouvia o Raul, já na Rádio Globo do Rio de Janeiro. Ele era um repórter muito bem informado e naquele tempo o repórter tinha que ser versátil, saber mais ou menos de tudo para atender as pautas exigidas pelo Diretor de Notícias. E Raul se saía muito bem, pela forma eclética que transmitia as notícias. Depois de alguns anos, pessoalmente, ele me confessou que gostava mesmo era do noticiário político.

Isso inclusive o levou a se candidatar a Deputado Estadual pelo Rio de Janeiro, junto com o seu fiel escudeiro Carlos Lacerda, que governou os cariocas em uma fase importante da história do Brasil.

Carlos Lacerda era um notável tribuno e fazia discursos homéricos e admirados por todos, pela sua inteligência no uso de termos elevados e contundentes. Inclusive às segundas-feiras, muitos rio-clarense como Waldemar Karan, Aníbal Gullo Junior, Dinael Marin, e outros, viajavam para o Rio especialmente para ouvir os discursos de Carlos Lacerda.

Pela sua enorme ligação com La-

cerda, Raul Brunini, acabou sendo cassado pela Revolução de 64.

Um ponto importante na personalidade de Raul Brunini, foi o seu espírito democrático e fidelidade às suas origens.

Era um crítico do governo de Getúlio Vargas, da mesma forma que foi posteriormente contra a revolução militar.

Nesse período e até poucos dias antes de falecer, Raul Brunini, era o embaixador de Rio Claro no Rio.

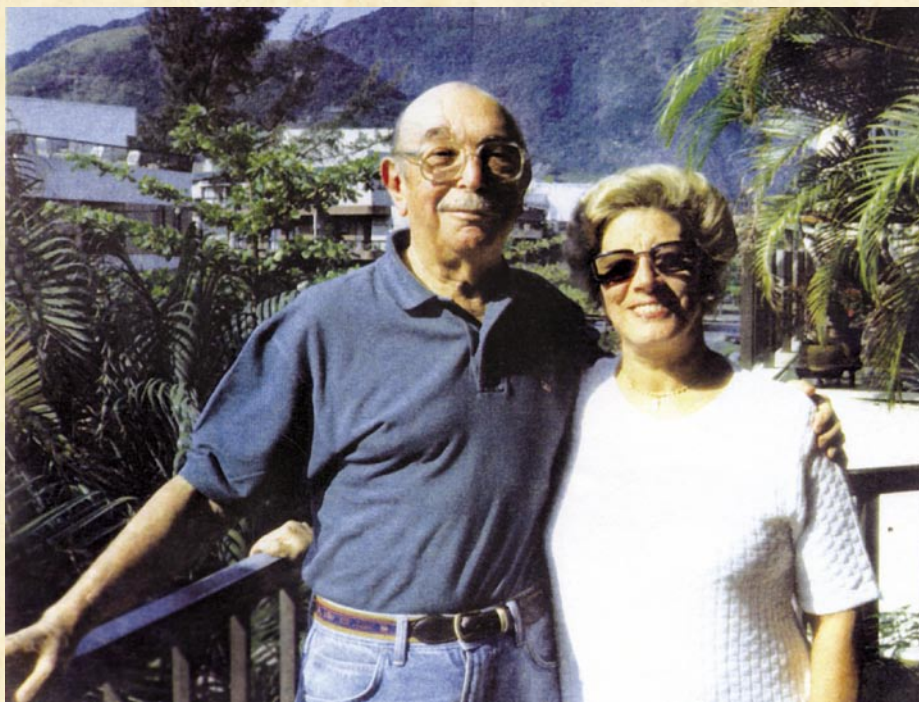
Nos áureos tempos do rádio, foi ele e o seu irmão Luiz que trouxeram os grandes astros e estrelas da radiofonia brasileira em inesquecíveis shows realizados em nossa cidade, no Cine Excelsior, Filarmônica, Ginástico, Rio Claro Country Clube, hoje o Clube de Campo e até mesmo no Cineminha da Paulista na Rua 1-A entre as Avenidas 16 e 18.

Quando Raul Brunini foi para o rádio do Rio, que na época era a mais forte do Brasil, levou consigo a locutora Lucia Helena, que depois se tornou a preferida dos brasileiros e apresentava o notável programa de Francisco Alves – o Rei da Voz, aos domingos ao meio dia na Rádio Nacional do Rio.

Ficou famoso aquele slogan: “Quando os ponteiros se encontram os ouvintes da Rádio Nacional se encontram com Chico Alves, o Rei da Voz”.

Vale lembrar que embora Lúcia Helena fosse nascida na cidade de Franca em nosso estado, começou realmente como brilhante locutora nos microfones da Rádio Clube de Rio Claro.

Alem de Lúcia, Raul levou para o Rio, o seu irmão Luiz Brunini, que com



Raul Brunini com sua esposa Irene Manhães Brunini

raro brilho foi diretor artístico da Rádio Globo do Rio durante 37 anos, e nesse período ostentou a liderança da audiência em todo o Brasil.

E uma coisa sempre ficou muito bem evidenciada: em todas as cidades do território nacional que Raul visitava nunca se esquecia das suas origens, de ser paulista e rio-clarense.

Raul foi mesmo um filho ilustre da Cidade Azul. Até os seus minutos de vida, ele jamais se esqueceu de suas origens.

Na verdade, a cidade de Rio Claro

muito deve a extraordinária família Brunini, pelo muito que fez pela nossa terra e nossa gente.

A Câmara Municipal de Rio Claro, em sessão solene no dia 18 de maio de 2004, conferia o título de Cidadão Emérito ao Senhor Raul Brunini Filho, pelos relevantes serviços prestados junto à comunidade rio-clarense.

Essa, que foi uma das mais justas e merecidas homenagens prestadas pela edilidade de Rio Claro, foi proposta pelo ilustre vereador Wilson Gomes da Silva.



Restaurante Brasserie, de propriedade da família Brunini, localizado na Rua 3, nº 30

“Algumas observações sobre o Teatro Amador no final do século XX na cidade de Rio Claro”



Cena do longa-metragem “Diário da Província” de Roberto Palmari, no qual Archangelo interpretou o sargento das tropas paulistas

Odécio Malaman Penteado | nheengatu06@yahoo.com.br

Cirurgião-dentista aposentado. Formado em Ciências Sociais, com mestrado em Sociologia pela Unimep-Piracicaba, pesquisador sobre a História de Rio Claro.

Este título pode parecer que se trata de um período longínquo de nossa história, mas, ao contrário, foi um período tão próximo de nossas últimas gerações que ainda nos lembramos dele com saudades - um tempo em que vivenciamos a comunicação humana interpessoal quando a TV estava em seu início, ainda buscando formatos que se identificassem melhor com a sociedade brasileira do momento. E a expressão “grande público” nesse instante realmente signi-

ficou um contato com parcelas maiores da população que se podia arrebanhar e postá-las frente a “telinha” para assistir ao começo de um pensamento “unidimensional”, como diria o filósofo Herbert Marcuse da famosa Escola de Frankfurt. Ou seja, quando a televisão começa a invadir os lares brasileiros, o teatro, juntamente com o cinema, ainda era a forma mais comum de despertar emoções coletivas, que levavam das lágrimas ao riso escancarando grandes platéias nos pal-

cos teatrais e nas salas de projeção cinematográfica no Brasil. E daí, a importância do teatro, e principalmente do teatro amador.

Nesse período de 1950 ao ano 2000 a presença do teatro amador nos grêmios estudantis, nas faculdades, nos salões religiosos, nas festinhas escolares, era sempre o destaque desses encontros. E também no Estado de São Paulo, através da então Secretaria Estadual de Cultura o poder público promovia o chamado Fes-

tival Estadual de Teatro Amador, um significativo evento que além de disseminar as atividades culturais, revelava grandes talentos na arte dramática que iriam alimentar os elencos, do teatro profissional e das telenovelas, ainda hoje tão queridas dos telespectadores brasileiros.

Rio Claro também participou dessas atividades culturais em que o principal evento era o teatro amador, e grandes nomes dessa nobre arte passaram pelos palcos da cidade e ainda hoje deixam muita saudade.

Esse processo pode ser melhor entendido com o excelente trabalho de pesquisa feito por Fernando Cilentio Fittipaldi e que pode ser visto no álbum de Rio Claro, exemplar existente na Biblioteca do Centro Cultural Roberto Palmari. Portanto, falar em Archangelo José Cesar é lembrar um pouco desse tempo que foi muito querido da população rio-clarense.

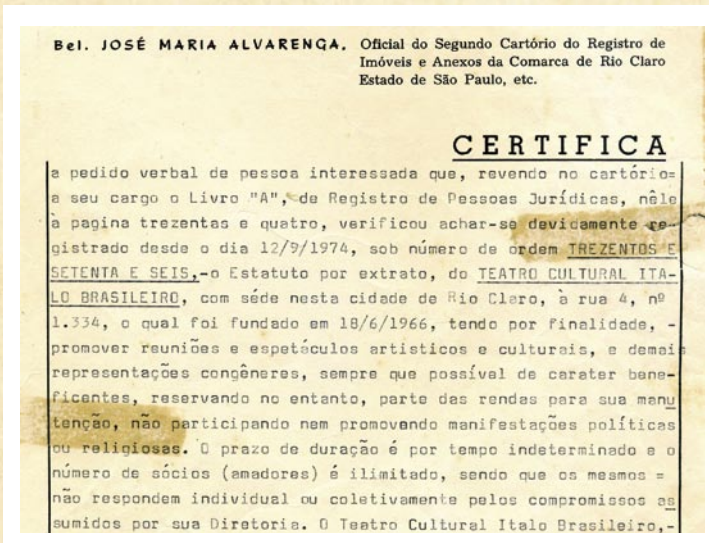
“Seu Cesar”, como era conhecido, participou do Teatro Italo-Brasileiro e foi, ele mesmo, a história dessa entidade que “botou fogo” nas emoções dos rio-clarenses que sempre gostaram de um bom drama, de uma comédia impagável; que gostaram de ver encenados nomes famosos da dramaturgia mundial; de constatar o que a imaginação humana pode fazer quando se trata de criar cenografias que embalam sonhos de quem assiste a um espetáculo teatral...

Particularmente nos lembramos emocionados de sua participação em “Testemunha de Acusação”, da mundialmente conhecida autora Agatha Christie. Um texto difícil de ser encenado e que prendia a atenção da platéia até seu final surpreendente. Bons tempos, Sr. Cesar!...



Dalva Christofolletti e Archangelo José Cesar em solenidade no dia 27 de outubro de 1979

Ao lado, texto cedido pela família de “Seu Cesar”, por meio de sua filha, Dona Cidinha. Abaixo, certificado relacionado ao Teatro Cultural Italo-Brasileiro em Rio Claro.



INFORMAÇÕES SOBRE TEATRO

Archangelo José Cesar, nascido em Rio Claro-SP em 08 de maio de 1914.

Com 14 anos iniciou no teatro da Igreja Santa Cruz, com o padre Augusto Casagrande;

Depois já adulto, na Congregação Mariana da Santa Cruz, na Igreja da Assunção, e na Igreja Matriz de São João Batista;

Peças encenadas: Vida de São Francisco de Assis, de São Luiz Gonzaga, Rei Henrique IV, Joaquina Buscapé, Procissões Dia do Padroeiro;

Criou o Teatro Italo-brasileiro em 18/06/1966, na Sociedade Italiana de Rio Claro, onde era Diretor Artístico;

Participou de todos os festivais de Teatro Amador do Estado de São Paulo e conquistou vários prêmios, destacando a arte amadora de Rio Claro;

Peças: Testemunha de Acusação, Morte e Vida Severina, Joana D’arc entre as Chamas, Auto da Compadecida, peças Natalinas;

Teatro Infantil: Chapeuzinho Vermelho, outubro/1979;

O teatro italo-brasileiro promovia: Desfile de Carnaval (carros alegóricos) relativo às peças encenadas, Desfile da Cidade e Nacional;

Comemorações encenadas: Dia do Trabalhador, Das Mães, Da Enfermeira, Semana das Crianças, Festas de Natal e Ano Novo;

Programa de Calouros nas tardes de domingo na Sociedade Italiana;

Trouxe para Rio Claro cursos, ensaios, laboratórios e danças, ministrados por técnicos e professores de teatro da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo.

No Cinema: com Roberto Palmari, que destacou Rio Claro nos seus filmes, ele participou em: “Predileto” (padre), “Diário da Província” (sargento da Tropa Paulista – Revolução de 1932);

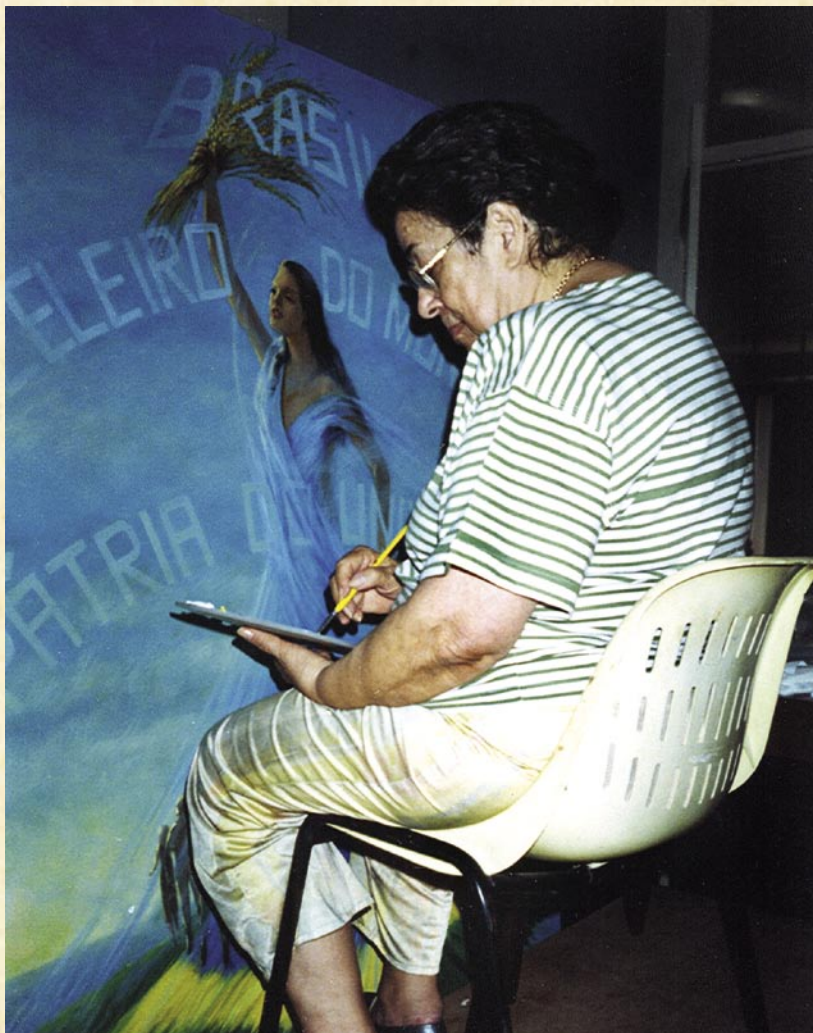
Fundou a primeira Casa Noturna (Discoteca) na cidade em 27/10/1979 com o nome de “Chatanooga”;

Observação: o Sr. Cesar era músico da Orquestra do Grêmio Recreativo, da Banda da União dos Artistas, líder sindical dos eletricitários, vice-presidente do Sindicato dos Eletricitários de Campinas, fundador da sede dos Sindicato em Rio Claro e fundador da Colônia de Férias do Sindicato na Cidade Ocean em Santos-SP.

Rio Claro, 14 de julho de 2009.

Família Cesar

Ilara Luz Machado



José Roberto Pessenda Machado
beto@jarotur.com.br

Arquiteto formado pela PUC-Campinas, ministrou aulas de Inglês em Rio Claro. Foi aluno das aulas de pintura no atelier de Ilara Luz Machado e se tornou também artista plástico. Há 23 anos, trabalha como guia de turismo, acompanhando grupos por todo o Brasil e exterior.

Inspirada por Deus em sua arte.

Levou o nome de Rio Claro para o exterior.

Atuou durante vinte anos como diretora do Museu Histórico e Pedagógico.

Restaurou os afrescos no interior da igreja de Santa Gertrudes.

Ajudou na formação de artistas plásticos, hoje consagrados.

Lutadora incansável pelos salões de arte.

Utilizava os efeitos claro e escuro para dar vida às suas obras.

Zelou por mais de vinte anos pela Pinacoteca Municipal Pimentel Junior.

Mulher, mãe, professora e amiga.

Admirada por todos por sua educação, cultura e desprendimento.

Criou a bandeira da cidade de Rio Claro.

Homenageou, através de suas obras, figuras ilustres.

Acumulou prêmios ao longo de sua vida vitoriosa.

Dona absoluta do título de Melhor Pintora Retrartista de Rio Claro.

Ovacionada por mim e por todos, Ilara Luz Machado.

Talvez uma das tarefas mais difíceis a mim imposta foi falar sobre uma pessoa, que muito mais que minha tia, professora, amiga e artista plástica consagrada, era um ser humano admirável.

Desde pequena sempre gostou de desenhar, sendo incentivada pela sua professora, a qual lhe pedia para que fizesse desenhos na lousa.

Suas obras criavam vida por meio dos contrastes entre luz e sombra, que ela era mestra em fazer, e através destes efeitos dava mais realismo a suas obras.

Tinha todo um estilo próprio de pintar e desde o início de sua carreira, sentiu-se atraída pela figura humana, tornando-se o seu ponto mais forte dentro da pintura acadêmica.

Otimista, confiante e sem vaidades, a modéstia sempre foi sua marca característica. Odiava sair de casa, dizendo ser um bicho de concha.

Quando indagada se estava bem, ela sempre respondia: “Não digo que estou melhor, para não causar inveja”.

Sempre me considerei seu fã número um; o que muitas vezes lhe servia de incentivo para que concluísse algumas obras inacabadas.

Ela sempre comentava que na pintura a óleo, tudo é possível, nós conseguimos transformar uma grande queimada num mar tranqüilo ou revolto.

Como era gostoso observá-la pegando uma tela em branco e através de seu pincel com tinta rala, ir esboçando sua idéia e aos poucos com o preenchimento das zonas de sombra, já tínhamos uma noção de como seria o resultado final.

Sempre dizia a seus alunos que, tínhamos que observar os objetos ao nosso redor com olhos de ver.

E assim eram suas aulas no ateliê do velho casarão, um eterno aprendizado de técnica, amor e paciência.

Embora a pintura clássica fosse a sua marca característica, ela também dominava o expressionismo, o espatulado e o abstrato.

Considerada uma das maiores pintoras acadêmicas contemporâneas, foi premiada com várias medalhas de ouro, sendo suas obras adquiridas por inúmeros colecionadores em diversos países. Grande parte dessas obras tinha uma história a ser contada, o que ela fazia com maestria.



Eu me lembro dela contar a história de como surgiu o quadro intitulado “A menina do mercado”: Em uma de suas idas ao Mercado Municipal, se deparou com a meiguice de Suzana, a menina que ajudava seu tio no mercado e logo quis passar aquilo tudo para as telas. E conseguiu tão brilhantemente que lhe rendeu uma bela medalha de ouro.

Outra história que ela contava, era sobre o quadro “O vendedor de alhos”. Um pobre vendedor de alhos batendo na sua porta lhe ofereceu uma réstia de alhos. Ela não se interessou pelo alho, mas na mesma hora viu que se tratava de um excelente modelo para um quadro e lhe disse: “Eu não estou precisando de alho, mas será que o senhor não posaria para mim? Eu lhe daria algum dinheiro!”. Ele pensou, pensou e respondeu: “Olha dona, minha mulher não me deixa dormir fora de casa”. Tudo isto lhe custou alguns minutos para explicar a diferença entre dormir (pousar) e posar. Mas por fim, depois de explicado o mal entendido, ele aceitou posar e o quadro foi mais um sucesso.

Sempre no meio de suas aulas, ela nos convidava para um “cafezinho amigo” e costumava brincar com a gente dizendo: “Eu não sou Judas, mas já vendi muito Cristo”.

Além de pintora, educadora, escultora e fotografa, era também poeta. Eu me lembro, quando no Natal de 1989, recebi uma foto tirada por ela, onde se destacava a velha escada do casarão coberta pelos troncos floridos da acácia amarela e junto com essa foto, uma de suas poesias:

*“No vazio da escada centenária
Na beleza e na paz da solidão
Há um convite para entrar neste recinto
Que é o aconchego do meu coração.
Sobe e entra, que na casa envelhecida,
Há amores que conservo com afeto
E entre aqueles a quem prezo nesta vida
Há de encontrar também teu nome Beto”*

Assim era a alma de Ilara Luz Machado, que partiu na manhã fria de 14 de agosto de 2007, deixando sua fa-



mília, seus alunos e seus admiradores, órfãos da maior personalidade artística rio-clarense.

Não sei ao certo quantas obras maravilhosas ela nos deixou, mas suas obras estão imortalizadas pelo mundo, sendo a maioria no Brasil.

Aqui eu me despeço, agradecendo a essa figura por mim tão querida, na certeza de que um dia tomaremos juntos, mais um “cafezinho amigo”.

Seu sobrinho e admirador eterno - José Roberto Pessenda Machado (Beto).



Acima, “O homem do alho”. No topo da página, o quadro “Menina do Mercado” e ao lado, a artista criando uma de suas obras.



Memória Viva

O que é?

Registro da arte, da cultura e da história da cidade de Rio Claro, dando voz àqueles que foram silenciados por não pertencerem ao mundo dos letrados. É um importante instrumento de troca de saberes para o processo de socialização da comunidade, disponibilizando o conhecimento produzido nas formas oral, escrita, digital, imagética e iconográfica, demonstrando a riqueza cultural da cidade.

Produção audiovisual

Das histórias, "causos", arte e manifestações culturais

Ferramentas

Criado com preocupação em usabilidade e acessibilidade

Banco de Dados - PostgreSQL

Software Livre - CMS Plone



Parcerias

Unesp - DEMAC e DEF
Ponto de Cultura Rio Claro Cidade Viva

Contribua com o Portal sugerindo temas, entrevistas e disponibilizando suas fotos!





Vista aérea de Rio Claro na década de 1950. Foto de J. Zovit



Arquivo
Público Histórico
Rio Claro

Rua 6, 3265 • Alto do Santana • Rio Claro/SP
CEP: 13504-099 • Fone/fax: (19) 3522.1938
e-mail: aphrioclaro@hotmail.com

Atendimento ao público:
2ª a 6ª das 13h15 às 16h45

